UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA

PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUISTICA GERAL

MIRIAM QUERINO DE SOUZA

Lagoas de Imbituba, SC: Margens Encantadas que Contribuem para um Estudo Etnotoponímico

São Paulo

2012

MIRIAM QUERINO DE SOUZA

Lagoas de Imbituba, SC:
Margens Encantadas que Contribuem para um Estudo Etnotoponímico

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Semiótica e Linguística Geral

Orientadora: Profª. Drª. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

São Paulo

2012

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Documentação Linguística
Faculdade de Filosofia, Ciências e letras da Universidade de São Paulo

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Miriam Querino de Souza

Título: Lagoas de Imbituba, SC: Margens Encantadas que contribuem para um Estudo Etnotoponímico.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof.(a) Dr.(a) Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Instituição: FLCH/USP

Assinatura:

Prof.(a) Dr.(a)

Instituição:

Assinatura:

Prof.(a) Dr.(a)

Instituição:

Assinatura:

Dedico

*A **Deus**, mestre dos mestres. Que com certeza esteve comigo nos momentos mais difíceis. Dando-me conforto, sabedoria e discernimento para que houvesse persistência e êxito;*

*À **virgem Maria Condutora** das minhas jornadas evolutivas, nas noites traiçoeiras, sempre esteve comigo;*

*Aos meus pais **Custódio Querino** e **Rosa Candida Querino** (**in memoriam**) que apreciavam as lagoas, as praias de Imbituba. Em especial à minha Mãe, grande pescadora, muitas vezes trouxe-nos o sustento dessas baías.*

AGRADECIMENTOS

Nesta oportunidade,agradeço com alegria e gratidão a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento e conclusão desse trabalho, e sou especialmente grata:

À minha orientadora **Profª Drª Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick** pelas orientações no mestrado e pela forma carinhosa, conduzindo-me pelo caminho do êxito.

Às **Profªs Drª Beatriz Daruj Gil** e **Drª Irenilde Pereira dos Santos** pelas orientações consistentes de aperfeiçoamento e lapidação da dissertação.

À **Profª Drª Elis de Almeida Cardoso Caretta** que conheci no final do mestrado para dar mais uma existência e força na minha vontade de dissertar.

Às amigas professoras pelos incentivos, em especial: **Sônia Maria Bonifácio** e **Selma Salvador**, **Francine Souza** e **Patricia Cristalli** pelo auxílio, carinho e incansáveis estímulo de trabalho contínuo.

Aos colegas da Toponímia **Edelsvita Partel Murillo**, **Divênia Maria Lopes**, **Virgílio Antiqueira** pelas palavras de carinho e orientação para a conclusão da dissertação.

Ao meu companheiro **Ricardo**, carinho incondicional, que me auxiliou na superação dos momentos difíceis.

Às minhas filhas: **Beatriz** e **Maria Luiza** pela compreensão das minhas ausências no momento de acalanto.

Ao meu irmão, minhas irmãs e meus familiares, sobretudo, minhas irmãs: **Maria Querino (Maricha)** e **Margarida Querino** pelas incansáveis orações e pela disponibilidade para atender meus pedidos.

À **Maria Cristina da Costa**, minha aluna da Rede Pública Estadual e funcionária da USP pelo incentivo persistente e carinho.

RESUMO

SOUZA, M. **Lagoas de Imbituba SC: margens encantadas que contribuem para um Estudo Etnotoponímico.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

Com base no poder dos topônimos de conservar tradições é que neste trabalho pretende-se investigar e classificar os principais nomes de bairros, lagoas, morros, loteamentos que constituem o município de Imbituba -Santa Catarina- no intuito de elucidar suas perspectivas motivacionais designativas. São analisadas as 12 lagoas que compõem o município e os bairros que estão ao seu entorno, pois é através da análise dos "nomes de lugar" que se procura conhecer e interpretar as tradições e costumes dos homens que habitaram ou habitam em uma determinada região. Ao se fazer um estudo topônimo de uma localidade, procura-se compreender a própria mentalidade do denominador, não só como elemento isolado, mas como projeção de um grupo social. Na perspectiva de cumprir o objetivo geral do trabalho- estudar e analisar os diferentes topônimos dos bairros pesquisados- seguiu-se os passos da catalogação dos topônimos segundo o modelo taxionômico proposto por Dick (1992), que apresenta 27 (vinte e sete) categorias, distribuídas em taxionomias de natureza física (11 taxes) e taxionomias de natureza antropocultural (16 taxes), e com isso integrando-se num projeto maior, coordenado pela autora sob título Atlas Toponímico do Brasil (ATB). Portanto, ao desenvolver esse tema "à luz da toponímia", justifica-se o seu caráter integral e interdisciplinar, o que possibilita o estudo de uma determinada realidade social, desvendando sua cultura, seus hábitos e seus interesses.

Palavras-Chave: Etnotopônimo. Lagoas de Imbituba. Linguística. Topônimos Tupi.

ABSTRACT

SOUZA, M. **Lakes of Imbituba SC: delighted margins that contribute to an ethnotoponymic study.** Dissertation (Master degree). “Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo”. São Paulo, 2012.

Based on the influence of toponimic names to preserve the traditions, the aim of this work was to investigate and classify the major names of neighborhoods, lakes, hills, lots that compose the municipality of Imbituba, Santa Catarina, in-order to elucidate their designative motivational perspectives. Twelve lakes that make up the city were analyzed and the neighborhoods that are at its surroundings, since it is through the analysis of "place names" that it is possible to understand and interpret the traditions and customs of men who lived or live in a particular region. When making a study of a toponimic location, the very mentality of the denominator can be understood, not only as an isolated element but as a projection of a social group. Aiming the overall objective of the work - study and analysis of different place names of the surveyed districts - the footsteps of cataloging the taxonomic place names along the lines proposed by Dick (1992) have been followed. Dick’s work has 27 (twenty seven) categories, distributed in taxonomies of physical nature (11 taxes) and taxonomies of anthropo-cultural nature (16 taxes), and are integrated into a larger project, coordinated by the author named Brazilian Toponymic Atlas (BTA). As a result in developing this issue, "at the light of toponymy", its integral and interdisciplinary nature is justified, what enables the study of a particular social reality, unveiling its culture, habits and interests.

Key-words: Ethnotoponymics. Imbituba Ponds. Linguistic. Tupi Toponyms.

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1	Esquema de Ogden e Richards, chamado de triângulo semiótico	14
Figura 2	Exemplo de sambaqui em Imbituba	32
Figura 3	Imbé, planta nativa de Imbituba, SC	36
Figura 3	Lagoas de Ibiraquera: (a) Lagoa de Araçatuba, (b) Lagoa Doce; (c) Lagoa do Meio; (d) Lagoa do Peri; (e) Lagoa do Quintino; (f) Lagoa do Saco. Imbituba, SC.	58
Figura 4	Localização geográfica das lagoas de Imbituba, SC	59
Figura 5	Lagoas de Ibirquera: (a) Lagoa da Araçatuba; (b) Lagoa Doce; (c) Lagoa do Meio; (d) Lagoa do Peri; (e) Lagoa do Quintino; (f) Lagoa do Saco. Imbituba, SC	60
Figura 6	Lagoas da Barra de Ibiraquera, Imbituba, SC	61
Figura 7	Lagoa da Bomba (a) e da Barra (b), situadas em Paes Leme, Imbituba, SC	64
Figura 8	Lagoa do Piala, Guaiuba, Imbituba, SC.	65
Figura 9	Lagoa do Timbé, Itapirubá, Imbituba, SC.	66
Figura 10	Lagoa do Mirim, Mirim, Imbituba, SC.	67
Figura 11	Lagoa do Porto da Vila, Imbituba, SC	69
Figura 12	Trilha do Caminho do Rei, Imbituba, SC	70
Figura 13	Caça à baleia franca, Imbituba, SC.	71
Figura 14	Ferrovia Dona Teresa Cristina, Imbituba, SC	72
Figura 15	Capela de São Pedro, conhecida como Capelinha da Praia, 1886, Imbituba, SC	73
Figura 16	Igreja Sant'Ana do Mirim, Imbituba, SC. Sua construção teve início em 1844 e elevada a Paróquia em 1851	74
Figura 17	Bandeira do Divino Espírito Santo de Mirim, Imbituba, SC.	75
Figura 18	Procissão do Divino Espírito Santo pelas águas da Lagoa do Mirim, Imbituba, SC	76
Gráfico 1	Total das taxionomias de natureza física e antropocultural do Município de Imbituba, SC	87

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1	Principais sambaquis da região de Imbituba com a localização, responsável por sua localização e descrição	34
Tabela 2	Distritos e bairros de Imbituba, SC	37
Tabela 3	Relação de lagoas em Imbituba em cada bairro	58
Tabela 4	Relação dos Acidentes Físicos e Antropoculturais do Município de Imbituba, de seus Topônimos e suas Taxionomias	77
Tabela 5	Classificação geral dos topônimos das lagoas e do Município de Imbituba. SC	80
Quadro 1	Exemplo de Ficha Lexicográfico-Toponímica	90
Quadro 2	Exemplo de Ficha Lexicográfico-Toponímica preenchida	91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 1

CAPÍTULO 1 - Fundamentação Teórica 9
1.1 Toponímia, Língua e Cultura 9
1.2 Toponímia - Disciplina Integral e Dinâmica 11

CAPÍTULO 2 - Metodologia e Organização 18
2.1 Etapas da Pesquisa 18
2.2 Estabelecimento dos *Corpus* 19
2.3 A Taxionomia Toponímica..... 21

CAPÍTULO 3 - Aspectos Históricos e Geográficos de Imbituba,SC 25
3.1 O Município e sua Origem..... 25
3.2 Colonização Açoriana..... 28
3.2.1 Emancipação Político-Administrativa de Imbituba 28
3.3 O Desenvolvimento e a Atuação de Henrique Lage em Imbituba..... 30
3.4 Sobre os Sambaquis..... 32
3.5 Imbituba, SC: Sua História, Seus Topônimos e sua Gente..... 35
3.5.1 Origem do Nome 36
3.5.2 Distritos e Bairros de Imbituba 37
3.5.3 Formação Administrativa 39
3.5.4 Alteração Toponímica Municipal 40
3.5.5 Alterações Toponímicas Distritais 40
3.5.6 A Atuação de Henrique Lage em Imbituba e o Primeiro progresso Brasileiro de Carvão 41
3.6 Colonização da Ilha de Santa Catarina, Região dos Patos..... 44
3.6.1 Situação Econômica de Santa Catarina 45
3.6.2 História 46

CAPÍTULO 4 - Lagoas Encantadas de Imbituba -SC 48
4.1 Natureza, Cultura, Paisagens e Mitos Açorianos..... 48
4.2 A Ponte como Símbolo de Integração..... 53
4.3 As Tradições Folclóricas em Imbituba..... 54
4.4 Relação Geral das Lagoas e suas Características 58
4.4.1 Descrição das lagoas e dos pontos turísticos de Imbituba 59

CAPÍTULO 5 – Análise do *Corpus*..... 77
5.1 Análise dos Topônimos 77
5.2 Análise das Taxionomias 87
5.3 Modelo de ficha Lexicográfico-Toponímica 89

CONSIDERAÇÕES FINAIS 92

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 95

ANEXOS 103
Anexo A – Divisão político-administrativa do Município de Imbituba, SC 103
Anexo B – Cartografia de Imbituba, SC 104
Anexo C – Boletim Oficial de Imbituba, SC, com a especificação dos Distritos e Bairros 105

INTRODUÇÃO

"Meu imbé é Imbituba/
Que o tupi-guarani nos deu/
Tuas praias, teu progresso/
Teu louvor está em Deus."
(Martins, 1995)[1]

Desde o princípio da humanidade, em tempos imemoriais, a ação de nomear ou denominar lugares estabelece relações que denotam aspectos variados das atividades humanas: sociais, políticos, religiosos, culturais, regionais, econômicos, entre outros. Esses aspectos podem apresentar-se com características regionais, mais específicas ou gerais. É certo, também, que algumas delas são mais produtivas em acidentes físicos que em acidentes antrópicos, mas em geral, isso não constitui regra; podem apresentar-se, de modo diferente, em um ou em outro nível, e pode-se até mesmo, observar que são variáveis de acordo com as especificidades das regiões.

Essa ação de nomear tem como objetivo demarcar o espaço por eles ocupado. Nesse processo, os nomeadores utilizam tanto os fatores físicos como os sociais e, assim, nomeiam a superfície terrestre por onde se locomovem. Designam dessa forma por questões de localização e também de organização.

Segundo Dick (1990, p.1) qualquer que seja a região estudada, do ponto de vista físico ou de sua constituição étnico-social, os nomes escolhidos para os locativos refletem a formação sociológica, conscientemente ou não.[2]

Desse modo, o denominador resgata, nessa atividade, os aspectos da fauna, da geologia, da morfologia do local, da flora, da história e da cultura regional a ser nomeada. É pensando nesse processo de batismo dos acidentes geográficos, vemos uma disciplina que tem como característica principal tratar essa integração entre o homem e o espaço por ele ocupado. É a Toponímia que costuma ser definida como a disciplina em que se pesquisam os nomes próprios de lugares, de suas relações com a língua do país, com a língua de outros países ou com as línguas desaparecidas.

---

[1] "Romanceiro açoriano" é fruto da poesia Imbitubense do poeta Almir Martins, e do estudo da nossa História.
"Romanceiro açoriano" representa um canto de exaltação e amor a Terra Sul Catarinense colonizada por portugueses açorianos, italianos e espanhóis.

[2] Dick, Maria Vicentina Etnia e Etnicidade. Um outro modo de nomear. Projeto ATESP/ATB.

Uma das verificações importantes da Toponímia num plano geral, é que existe uma forte resistência dos substratos dos nomes de lugares de um país, como aqui no Brasil, tem-se grande quantidade de nomes indígenas em cidades, estados e em acidentes geográficos, mas o estudo vai da origem dos nomes portugueses a outras línguas que influenciaram, de várias maneiras, o léxico português, que foi a indígena africana.

Acredita-se que as pesquisas pioneiras, realizadas no exterior e em vários estados brasileiros, artigos publicados nesta área por Dauzat (1928), Rostaing (1961), Backheuser (1952), Drumond (1965) e Dick (1990), no que concerne às análises dos topônimos, dão o suporte necessário ao trabalho. As pesquisas e os artigos publicados por Dick, iniciados com sua tese de doutoramento, em 1980, e que tiveram prosseguimento nos anos subsequentes, estabelecem no Brasil, um marco estável e divisor nesta área. Pode-se considerar que são trabalhos que serviram e servem de base para estudos e pesquisas realizadas em vários estados.

A principal característica da Toponímia é o seu caráter integral e interdisciplinar, o que possibilita o estudo de uma determinada realidade social, desvendando sua cultura, seus hábitos e seus interesses. Para Dick (1998, p. 8) “a Toponímia é o estudo dos designativos geográficos em sua bipartição física (rios, córregos, morros) e Antropocultura (aldeias, povoados, cidades, fazendas)”.

Para Greimas e Courtés (2008), o topônimo é definido como elemento de ancoragem histórica e configurador do efeito da realidade, portanto o topônimo não é o lugar, mas uma de suas representações carregando em sua estrutura sêmica elementos da língua, da cultura, da época da sua formação, enfim do homem denominador.

É necessário dizer que não é tarefa fácil buscar o real entendimento dos nomes próprios segundo o conceito da onomástica, pois como diz Dick (2000: p. 4) “na prática, esbarra-se nos contornos definitórios conferidos pela teoria da linguagem, podendo parecer que se está valendo de repetições marcadamente tópicas”. Ou seja, a condução científica desse estudo permite avançar para outras linhas sócio ou etno-linguísticas. O enfoque a ser dado pelo pesquisador é que conduzirá a estudos/conclusões diferenciadas, revelando formas diferentes de análise relativas ao mesmo objeto: o nome próprio.

As pesquisas toponímicas procuram inventariar, classificar, descrever e explicar os topônimos e, nessa perspectiva de estudo, realiza-se nesta pesquisa um estudo de caso, uma vez que a toponímia trabalha com que está mais próximo e tenta recuperar a visão etnolinguística do grupo que pensou o nome.

Entende-se, assim, que o trabalho do toponimista seja o de investigar a terra e o homem, priorizando o antecedente e não a consequência. Desse modo, um estudo toponímico segue um percurso indutivo>dedutivo e, portanto, porque parte do nome do acidente, o topônimo, para descobrir os condicionantes que o envolvem. Assim, primeiramente, é realizado o levantamento dos dados para posteriormente, descrever os princípios da toponímia do espaço pesquisado, com vistas a chegar ao fato toponímico.

O que motivou a realização de uma pesquisa neste ramo do saber foi o reconhecimento da importância do resgate toponímico para uma ação de origem linguística cultural, uma vez que, deste modo, podem ser recuperados fatos históricos, linguísticos, étnicos e sociais do espaço fronteiriço na região Sul Catarinense, por meio de recursos hídricos dessa região, formadores de lagoas. Portanto, nesta pesquisa, estuda-se a motivação toponímica do município de Imbituba Santa Catarina, a fim de elaborar o estudo toponímico da cidade, contribuir com o Projeto do Atlas Toponímico do Brasil (ATB) (Dick, 1990) e ainda verificar as motivações das 12 lagoas que compõem essa região sul catarinense e o seu entorno, pois existe uma diversidade de nomes de bairros que eram habitados por indígenas. Por isso é conveniente,investigar o maior número possível de topônimos, o que ofereceu uma visão mais ampla das motivações sócio-culturais e históricas que marcam a Toponímia da região, inclusive o próprio nome do município: Imbituba (imbé-tyba – muito imbé).

O povo da região de interesse também deixou como herança, hábitos alimentares como: farinha de mandioca, tapioca, beiju, pamonha, canjica. Contribuiu assim para a utilização dos utensílios domésticos como: cabaça, gamela, pilão e rede de dormir, que são muito usados por todas as comunidades do Brasil, de Santa Catarina e Imbituba. Nos utensílios de pesca e caça como rede, puçá, e arapuca, influenciou também no vocabulário brasileiro com as palavras urubu, tatu, arara,

jacaré, nomes de pessoas como Iara, Jaci e Iracema e nomes de lugares como Imbituba, Guaiúba, Itapirubá, dentre outros.

Segundo escreve Silvio Coelho dos Santos (1995), os nativos da grande nação tupi e guarani se dividiram ao longo do território catarinense, buscaram como moradia a região das lagoas:

> "Os tupis ocupavam basicamente o litoral do estado. Esta ocupação tinha como regra básica habitar os lugares litorâneos onde existissem as condições necessárias à sobrevivência em harmonia com o meio ambiente. Cabe ressaltar que em todos estes pontos de habitação o lugar escolhido era, por via de regra, aqueles mais próximos possíveis de rios e lagoas."

Esses estudos, portanto, somam-se àqueles já elaborados ou em fase de elaboração, coordenados por Dick, no estado de São Paulo e também porque considera-se que, por intermédio desse tema, tivemos e ainda teremos a oportunidade de esclarecer muito sobre a história, a política, a língua, a cultura dos habitantes de Imbituba e do próprio estado de Florianópolis, SC.

No presente trabalho de pesquisa o modelo para classificação dos topônimos adotados foi o de Dick (1992), pois, entre os existentes, é o mais recente, completo e que, além disso, é voltado para a realidade brasileira.

Destaca-se ainda como motivação para escolha deste objeto de pesquisa, o conhecimento de que, ao longo da história da humanidade, o elemento água tem sido uma necessidade básica para a sobrevivência do homem. Além da importância vital para a população, a água por meio de seus cursos e derivados, sempre esteve presente na vida humana, desde o homem primitivo, ou como fonte de alimentação na pesca ou como meio para poder locomover-se e descobrir novas áreas geográficas – são os caminhos por meio das águas.

Outro aspecto importante a respeito da escolha deste tema está relacionado ao fato de que as lagoas de Imbituba, na região delimitada como objeto desta pesquisa, além de terem servido como rota de Espanhóis e Portugueses à procura de ouro, o trajeto realizado por meio das lagoas dessa região era o mais fácil para chegar a essa cidade.

Segundo Martins (1978) são as pescas nas lagoas que auxiliaram o processo de urbanização:

> "Todo este processo de urbanização nas margens da lagoa teve início com a colonização pelos vicentinos, que trouxeram a prática da agricultura e também da pesca, sendo que a comunidade de Sant'Ana de Mirim teve uma maior concentração de moradores neste período de colonização devido a piscosidade alta, transformando o local, ao longo dos anos, em um local de referencia na prática da pesca e na venda dos peixes."

Dick (1990, p.196) complementa que: "O aparecimento de topônimos, nos mais diferentes ambientes, revestindo uma natureza hidronímica propriamente dita, vincula-se à importância dos cursos de água para as condições de vida humana". Desse modo, o homem, ao escolher uma localidade para viver, dá preferência a um espaço em que a água seja abundante. A autora ainda enfatiza que na água há um fator mítico ao qual está relacionado o cotidiano do homem:

> "O aspecto aventuresco que grandes volumes líquidos sempre despertaram nas populações, verdadeira fascinação pelo desconhecido, que as levou a criar lendas e figuras míticas, poemas e cantos, saga de uma raça, todo um maravilhoso, enfim, resumindo um ideal de vida ou de morte."

Nesse sentido, Imbituba é um município privilegiado de Santa Catarina com natureza exuberante e várias produções culturais realizadas por seu povo no decorrer da história. O próprio nome de origem indígena se reflete em sua toponímia. O município possui alguns pontos nos quais a beleza atrai o interesse e a admiração da população e dos que o visitam. Tem pontos turísticos como as praias que são em total de nove, ilhas num total de cinco e dunas num total de quatro. Em uma segunda oportunidade pretende-se expandir o *corpus* da pesquisa para essas regiões.

No geral, os distritos que compõem Imbituba, apresentam quantidade significativa de acidentes físicos com características comuns aos demais acidentes físicos brasileiros: córrego, morro, ribeirão, rio e serra.

Outro fator importante que faz com que esta região de Imbituba seja estudada, voltada ao estudo toponímico, são os sambaquis, cuja ênfase será

mostrada no decorrer do capítulo, pois esses topônimos constituem um acervo antropológico-histórico-geográfico, sintetizando culturalmente, não só nas conquistas destas terras, mas também de sua manutenção e posse, bem como, do processo de reconquista como território Imbitubense.

Ao seguir o modelo de Dick (1998), pode-se verificar de que forma o processo denominativo está relacionado com a realidade sócio-cultural e linguística dos habitantes da cidade de Imbituba, situada a 90km de Florianópolis SC.

Segundo Dick (2004):

> "Valorizamos o nome como um verdadeiro marcador existencial, aquilo que confere ao lugar personalidade jurídico-administrativa capaz e pertinente. Mas um lugar ou uma cidade não é apenas isso. É também memória afetiva, responsável pelas raízes individuais e coletivas da população".

O objeto do presente estudo são os topônimos da região rural e urbana do município de Imbituba, SC, topônimos esses carregados de significados, o que torna o desafio um trabalho difícil, mas muito interessante ao investigar e compreender a forma como se procedeu a nomeação dos lugares e os traços culturais deixados pelos indígenas.

A presente dissertação tem como objetivo principal, apresentar os topônimos encontrados na região das lagoas de Imbituba SC e seu entorno por meio do mapa atual do Município e analisar os nomes geográficos referentes aos cursos d'água, para segundo os mesmos, chegar à conclusão de que é possível contar ou recontar a historia local.

Todos os topônimos estudados na presente pesquisa estão registrados em cartas topográficas elaboradas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e foram publicadas em 1984. Todos os mapas e as cartas topográficas estão editados em escala de 1:100.000. Esta escala é considerada de bom padrão para a pesquisa desta natureza, com bom nível de abrangência das características geomoforlógicas da região, e como consequência, de registros dos acidentes físicos e acidentes antrópicos com seus respectivos topônimos. Atende também, a uma das condições para integrar o Atlas Toponímico do Brasil. (Dick, 1994).

O município de Imbituba está composto por três distritos. Esses distritos estão formados por 30 bairros.

Para realizar esta pesquisa toponímica, foram considerados os pressupostos teóricos em Dick (1980, 1990 e 1994), para investigar a natureza semântica e as estruturas dos topônimos de acordo com as categorias taxionômicas propostas pela autora, e também, desenvolver um estudo linguístico dos topônimos registrados nos mapas e nas cartas topográficas. Portanto, foram estabelecidos os objetivos que norteiam esta pesquisa, seguintes:

- Determinar os acidentes toponimizados nos mapas e nas cartas topográficas;
- Classificar esses acidentes toponomizados taxionomicamente;
- Analisar os topônimos indígenas no geral e, em particular, os dos tupis e guaranis;
- Coletar dados históricos e sócios culturais que fundamentam a origem e a motivação dos nomes designativos dos lugares.

Para desenvolver a pesquisa toponímica do município de Imbituba e alcançar os objetivos propostos, foi necessário delinear os recortes, principalmente por causa da quantia de topônimos a serem estudados.

Estudar apenas os topônimos que se referem a:

- Acidentes físicos: Lagoas, córregos, morros, ribeirões, rios, serras;

- Acidentes antrópicos: colônias, distritos, localidades, povoados, municípios, terras indígenas e vilas.

O resultado da pesquisa é apresentado por distritos, por meio de relações de topônimos e, em seguida, a análise dos mesmos é agrupada por bairros, no contexto geral do município.

Em pesquisas acerca do tema deste trabalho, constatou-se que existem inúmeros documentos, dentre os quais mapas, alguns dos quais estão nos Anexos, seja atuais como históricos, revistas, jornais, que entre outros retratam as mais diversas fases da história local. Há também livros que tratam da história do

município de Imbituba, SC, dos bairros de Itapirubá, Roça Grande, Guaiúba, Porto da Vila, Mirim e Sambaqui.

Na presente pesquisa evidencia-se alguns aspectos importantes para compreender a motivação toponímica de Imbituba no contexto regional. A presente dissertação, portanto, está organizada em cinco capítulos.

No Capítulo I é apresentada a fundamentação teórica juntamente com o princípio da etnotoponímia e o conceito de cultura, nos quais a dissertação está embasada. No Capítulo II, a metodologia e a organização do trabalho e na sequência as etapas da pesquisa. No Capítulo III, a história do município e o panorama da região, com as suas características geográficas, econômicas e sociais. No Capítulo IV, discorre-se sobre as lagoas de Imbituba, Santa Catarina, e as suas tradições folclóricas. No Capítulo V, destaca-se a relação do texto toponímico do município com a história do espaço em que se encontram os seus denominadores, complementando com o resultado das pesquisas. Por fim, as Considerações finais.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Toponímia, Língua e Cultura

Na história da humanidade há elementos que são indissociáveis: cultura, sociedade e língua. Quando investiga-se os aspectos culturais e sociais de um povo, também se estuda a língua, considerando-o como elemento primordial e integrante para a transmissão da cultura. E esse assunto tem sido objeto de estudo de vários linguistas, desde o final do século XIX. Nessa perspectiva, Sapir (1961, p.20) destaca que:

> " ... a trama de padrões culturais de uma civilização está indicada na língua em que essa civilização se expressa a linguagem é um guia para "realidade social".Embora em regra não se considere essencial interesse para os estudiosos de ciência social, é ela que poderosamente condiciona todas as nossas elucubrações sobre os problemas e os processos sociais.Não há duas línguas que sejam bastante semelhantes para que se possa dizer que representam a mesma realidade social."

Percebe-se que ao estudar a língua de um povo, investiga-se também a sua cultura, uma vez que "a língua é, antes de tudo, um produto cultural, ou social, e assim deve ser entendida" (SAPIR, 1961, p.27). Língua e cultura estão, pois, intrinsecamente ligadas, mas sem apresentar relação de causa e efeito. Esta relação é fruto do que a sociedade faz e pensa; aquela manifesta o que se pensa.

Cultura, para Lyons (1972, p. 274) é o conjunto de conhecimentos adquiridos socialmente, ou seja, o conhecimento que uma pessoa tem em virtude de ser membro de uma determinada sociedade. Para o autor "Cada sociedade tem a sua própria cultura e diferentes subgrupos dentro de uma sociedade podem ter sua própria subcultura distintiva".

É no universo da língua que buscamos encontrar uma realidade social, pois é por meio dela que visualizamos o universo antropocultural de um determinado grupo. Segundo Saussure (1959): "É o vocabulário que reflete mais diretamente o meio ambiente físico e social dos que falam".

É importante acrescentar ainda, que as mudanças ocorrem com maior frequência no campo lexical, pois é aqui que se manifesta linguisticamente a expressão do meio social que está em constante variação.

Ao estudar o léxico, concorda-se com Vilela (1994) que afirma: "O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralingüística e arquiva o saber lingüístico duma comunidade."

Para Claval (1999, p. 63) o grande elo que une as pessoas de uma comunidade tradicional é a cultura. É a primeira herança que se transmite de uma geração a outra, e se constitui: "... da soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas, e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte."

Concordando com Santos (2000), Claval (1999, p. 63) afirma que a cultura tem seu enraizamento no "passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestam." Portanto, a cultura está onde está o ser humano, seja em sociedades pósmodernas, modernas, híbridas ou tradicionais como mostra Morin (2005, p. 61):

> "Não há sociedade humana, arcaica ou moderna, sem cultura, mas cada cultura é singular. O vínculo entre a unidade e a diversidade das culturas é crucial. A cultura constitui a herança social do ser humano; as culturas alimentam as identidades individuais e sociais no que elas têm de mais específico"

Diante do que postulam os autores supracitados, pode-se inferir que cada grupo social, que possui características culturais próprias, projeta nos nomes escolhidos para a identificação dos lugares, aspectos da sua realidade cultural, social, histórica, físico-geográfica, etc.

A análise da cultura e do conjunto de valores de uma sociedade exige, antes de tudo, um estudo centrado na língua. Pois por intermédio dela que são revelados os pensamentos e os costumes dos diferentes povos. Tem-se como exemplo o estudo dos designativos escolhidos pelos grupos sociais para nomear o espaço e os elementos físico-geográficos que o cerca. A disciplina que se ocupa do estudo dos nomes próprios de lugares é a Toponímia, portanto ela possui como eixo central de

seus estudos o signo toponímico (nome próprio de lugar). Esse signo linguístico tem como função indicar ou identificar um espaço (acidente) geográfico.

1.2 Toponímia: Disciplina Integral e Dinâmica

Tradicionalmente a Toponímia era definida como "estudo de origem e de significação dos nomes de lugares". Entretanto viu-se que o topônimo, ao relacionar-se diretamente com os conceitos de cultura, sociedade e valores, fez com que a Toponímia adquirisse nova roupagem: disciplina integral e dinâmica. O estudo deixou de ser descritivo para trazer contribuições mais significativas e, portanto, a linguística pode então justificar a nomeação do espaço físico, uma vez que o signo topônimo torna-se motivado, e por isso leva-se em consideração aspectos socioeconômicos e antropolinguísticos que tenham influenciado a escolha das denominações.

A Toponímia é uma disciplina linguística, juntamente com a Antropotoponímia, que estuda os nomes próprios de pessoas, constitui a sub-área da onomástica e quem explica bem essa atuação é Dick (2002, p.19). O topônimo, segundo a autora, geralmente tem relação com a história e a cultura da localidade que nomeia:

> "O campo de estudo da toponímia não se limita à investigação lingüística ou etimológica, pois ela procura, também, a precedência da significação dos nomes dos lugares, considerando aspectos extralinguísticos como: aspectos geo-históricos, socioeconômicos e antropolinguísticos que os originaram."

Nessa perspectiva, os topônimos constituem uma fonte de grande importância para o acervo patrimonial de qualquer país, estado, cidade ou região. Por meio deles, chega-se à compreensão de como ocorreu o processo de sua formação e isso, de algum modo, justifica seu tratamento no âmbito da etnolinguística, uma vez que essa ciência traduz o estudo das relações entre uma língua e a visão de mundo daqueles que o falam.

Guizzetti (1957, p.79) apresenta a definição de etnolínguística, vista como um grupo humano: "*De lo expuesto se desprende que La Etnolinguística estudiará las*

relaciones entre El Idioma y El Grupo humano caracterizado por su comunidad cultural: La Etnia" (Do exposto se depreende que a Etnolinguistica estudará as relações entre o Idioma e o Grupo humano caracterizado por sua comunidade cultura; a Etnia).

Diante disso, ressalta-se que a Toponímia, além de envolver aspectos intralingüísticos, ocupa-se também de fatores extralingüísticos, considerando-se o nome próprio (de lugar) como fato da língua (como um signo linguístico que identifica e guarda uma significação precisa de aspectos físicos ou antropo-culturais), o estudo toponomástico servirá como fonte de conhecimento da língua falada numa dada região e como recuperação de fatos físico-geográficos e/ou sócio-histórico-culturais, em parte ou em sua totalidade, por quem passaram os povos que habitaram temporária ou definitivamente a região pesquisada.

No presente trabalho objetivou-se analisar as lagoas de Imbituba, estado de Santa Catarina e seus bairros que estão no seu entorno. A pesquisa buscou subsídios metodológicos no ATB. Nesse percurso acadêmico sempre foram utilizados o método de trabalho e pressupostos teóricos propostos por Dick (foco nas taxionomias toponímicas), percebe-se e tenta-se interpretar essas intersecções de língua e cultura que emergem dos topônimos.

Os topônimos, de acordo com sua natureza, podem ser levantados em pesquisa documental, ou ainda em pesquisa de campo, se necessário o levantamento de dados específicos, não documentados oficialmente. Portanto entende-se que a etnolinguística, inserida nos estudos dos denominativos de lugar, completa o sentido da pesquisa toponímica reforçando seu caráter de ciência autônoma.

A região sul catarinense de Imbituba pela especificidade de sua biodiversidade e características físico-geográficas mostra-se singular para um estudo toponímico, em razão de ter sido palco de fascinante história desde os primeiros séculos quando os espanhóis e portugueses disputavam a sua ocupação no expansionismo europeu no continente sul americano, lutando com o nativo, os indígenas de cultura tupi e guarani.

Nesse ambiente, outras histórias ainda permanecem ocultas, não lidas de um povo que deixou suas marcas registradas em vários acidentes geográficos, sejam elas de natureza física ou humana e hoje conservadas, constituem ferramentas históricas propícias para um estudo linguístico: os topônimos que se formaram e se fixaram há muitos anos atrás, na denominada região de Imbituba sulcatarinense.

Em 1980, Dick sistematizou e readaptou as taxionomias (já estabelecidas desde 1940) para a realidade brasileira em sua tese de doutorado, e a etnotoponímia foi uma das taxes mantidas pela autora, que a define como: "... topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas). Ex. Guarani (A.H)". Portanto para a autora etnotoponímia geral, de índole contrastiva é o mesmo que toponímia genética conforme cita a autora:

> "A necessidade de definir os traços das linguagens faladas ao longo dos períodos históricos, cujos vestígios firmavam-se nos topônimos regionais antigos, gerou a chamada toponímia genética, ou, como preferimos, a etnotoponímia geral, de índole contrastiva."

Baseada na literatura norte-americana e européia e, ainda mais especificamente, em Edward Sapir, Dick (1990) propõe a sigla A.H. como "acidente antropocultural", ou ainda, "aglomerado humano", designado o elemento genérico de natureza cultural, não física. Assim, os elementos denominados frutos de intervenção humana na paisagem - uma ponte, rua, estrada, fazenda, cidade, povoado, represa, é designado pela sigla A.H., enquanto os elementos da natureza física – rios, lagos, praias, costas, montes morros, etc. - são designados pela sigla A.F., ou seja, "acidente físico".

Refletindo ainda sobre o nome, considerando que ele nasce da relação semântica que se estabelece entre o objeto e sua designação, lembra-se o esquema de Ogden e Richards, chamado de triângulo semiótico, que foi adaptado utilizando os termos simbólicos, conceito - ou referência - referente. Demonstra porque em Onomástica é necessário trabalhar com o contexto (o referente) para muitas vezes, poder-se recuperar o significado do nome, estabelecendo o seu percurso gerativo. A linha explícita traçada na base de seu triângulo indica que não estão ligados diretamente o símbolo e o referente, tal relação está interligada pela referência. Este triângulo, como mostra a Figura 1, é explicado por Lyons (1972) da forma seguinte:

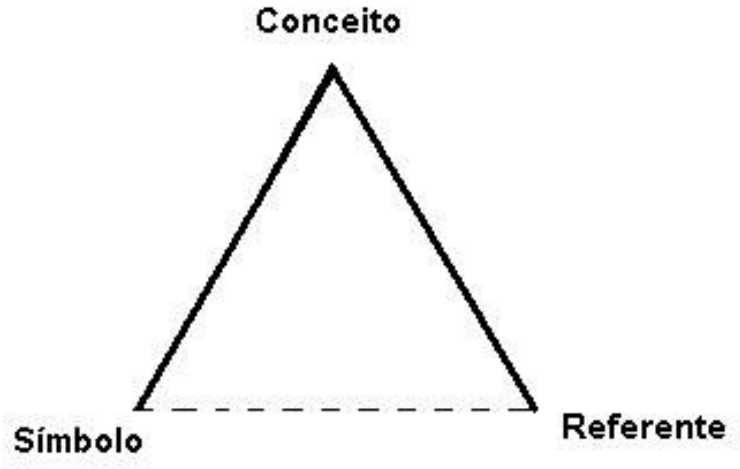


Figura 1 – Esquema de Ogden e Richards, chamado de triângulo semiótico. (adaptado de Lyons, 1972)

> "... A linha pontilhada entre forma e referente significa que sua relação é indireta: a forma liga-se a seu referente por meio do significado (conceptual) associado àquela e a este, mas de maneira independente. Esse diagrama ressalta um fato importante: que, segundo a gramática tradicional, a palavra resulta da combinação de uma forma específica com um significado específico. (LYONS, 1972)

A partir deste estudo procurou-se pensar na questão do nome próprio, em sua aplicação aos lugares ou as pessoas, assim como nas relações implícitas no nome, sua posição dentro da teoria dos signos. Pelos estudos etimológicos dos topônimos de um determinado espaço geográfico, pode-se também obter informações sobre as diferenças e semelhanças das famílias linguísticas que o ocuparam.

No presente estudo, no que concerne ao lugar, aborda-se, ainda, a peculiaridade de um signo linguístico quando está em função toponímica. Quanto ao topônimo propriamente dito, discorre-se sobre alguns fenômenos linguísticos mais comuns com os quais se deparam os estudiosos da Onomástica.

No Brasil, usa-se o termo 'onomástica' que se refere à parte da linguística dedicada ao estudo dos nomes próprios. Em 1928, Leite de Vasconcelos propõe uma terminologia, baseada em sua própria definição das subáreas (Toponímia e

Antrotoponímia), seguinte:

> "O estudo da Toponímia pressupõe não só o estudo da língua, mas também da população que fala essa língua, do espaço em que vive, o tempo em que vive ou viveu este falante, daí a pressuposição de que os estudos toponímicos são mais do que estudos lingüísticos, são também estudos etnolingüísticos. Entendemos que a etnolinguística, inserida nos estudos dos denominativos de lugar, completa o sentido da pesquisa toponímica reforçando seu caráter de ciência autônoma."

Auguste Longnon (1844-1911) sugeriu em aprox. 1878, século XIX, uma toponímia sistematizada. Por isso se destacou na França adotando seus estudos toponímicos na *École Pratique des Hautes-Études* e no *Collège de France* onde lecionava. Estes estudos podem ser encontrados na obra póstuma *Les Noms de Lieux de la France* publicada em 1912. Os estudos de Longnon foram retomados por Albert Dauzat (1922), de modo mais detalhado e pormenorizado. A partir desses estudos resultou a obra *Les Noms de Lieux Origine et Evolution*. Uma das preocupações de Dauzat era o estudo etimológico e também de reconstituição histórica, com aspectos em fonologia e fonética.

No Brasil, a grande evidência da Toponímia foi proposta Teodoro Sampaio, na obra "O Tupi na Geografia Nacional", em primeira edição de 1901 e que traz diversos nomes de origem tupi com as respectivas traduções, explicações e notas ilustrativas. Nesta obra Teodoro Sampaio quis mostrar que o significado dos nomes reflete as características físicas e históricas. Os traços ambientais de Sampaio são estudados até os dias de hoje e conectam-se com as taxionomias de natureza física e cultural de Dick. (SAMPAIO, 1987)

Pelos estudos etimológicos dos topônimos de um determinado espaço geográfico, pode-se também obter informações sobre as diferenças e semelhanças das famílias linguísticas que o ocuparam.

Os estudos toponímicos, então, tiveram origem na Europa e forneceram as bases para os estudos toponímicos no continente americano. Dauzat (1928) estabeleceu o método de investigação toponímica ao criar duas faces investigativas para o ato de nomear. Na primeira, o autor apresentou as séries lógicas e, na

segunda, as características históricas, enfatizando que a classificação do designativo pode ser feita a partir do ponto de vista da formação externa ou dos sentidos intrínsecos do nome. No primeiro caso, refere que o ato de nomear pode ser espontâneo e atribuído a uma vontade mais ou menos inconsciente do grupo. Ou ainda, pode ser sistemático quando resulta de atos refletidos de uma autoridade, de um prefeito, de um fundador da cidade ou de um proprietário. Quanto aos sentidos intrínsecos, estes englobam as denominações cujos nomes são emprestados da própria geografia física, ou de pessoas ilustres, ou mesmo ter origem nos diversos caracteres abstratos ou de ordem histórica.

José Leite de Vasconcelos, (1931) ao estudar os nomes de Portugal, propôs a divisão de nomes geográficos em três níveis: classificação por línguas; modos de formação toponímica; e. categoria de nomes segundo as causas que os originaram. Quanto à forma de denominação toponímica, as investigações estavam relacionadas aos estudos gramaticais do sintagma nominativo e às categorias que se relacionam às causas que as originaram, como a história, a religião, a flora, a fauna, a natureza do solo.

Dauzat (1928) e Vasconcelos (1931) mostraram, em suas pesquisas, que os nomes geográficos recuperam aspectos naturais do meio ambiente onde se encontram, além dos aspectos sociais e culturais. Dauzat (1928) divide a natureza dos topônimos em dois campos de influências: o da geografia física e da geografia humana, conforme Dick (1999).

Esses fatores linguísticos começaram a ser considerados pelo Professor Dr Drumond na obra “Contribuição do Bororo à Toponímia Brasílica”, publicada em 1965, e seguidos por Dick.

No Brasil, além do citado Professores Drumond e dos pesquisadores Dick e Teodoro Sampaio, tem-se a obra de Levi Cardoso, que em sua obra “Toponímia Brasílica”, de 1961, trata de topônimos da região norte, vinculados à língua aruaque e caribe.

Drumond (1965) coloca uma situação interessante e que está ligada à falta de sistematização que ocorria no Brasil para os estudos toponímicos. Esta sistematização pode ser vista nas obras de Maria Vicentina de Paula do Amaral

Dick, grande precursora da toponímica no Brasil. A pesquisadora trouxe-nos o que faltava. Nas suas obras: “A Motivação Toponímica e Realidade Brasileira”, publicada em 1990, “Toponímia e Antroponímia: coletânea de estudos”, obra publicada primeiramente em 1987 e depois reformulada em 1992, “A Dinâmica dos Nomes na Cidade de São Paulo 1554-1897”, de 1996, “Fundamentos Teóricos da Toponímia. Estudo de caso: o projeto ATEMIG” em 2006, “Atlas Toponímico do Brasil: Teoria e Prática II” de 2007, e muitas outras obras.

2 METODOLOGIA, ORGANIZAÇÃO E ESTABELECIMENTO DO *CORPUS*

2.1 Etapas da pesquisa

A pesquisa toponímica pode ser realizada por meio de fontes documentais, ou seja, mapas, cartas topográficas, documentos oficiais, entrevista ou até mesmo em pesquisa de campo, quando o próprio pesquisador faz o levantamento da nomenclatura. O *corpus* desta pesquisa foi estabelecido mediante cartas topográficas e mapas; as cartas e os mapas são compatíveis para uma boa pesquisa toponímica quando elaborados na escala de 1:100.000, de acordo com a metodologia do Projeto Atlas Toponímico do Brasil (ATB) e do Atlas Toponímico de São Paulo (ATESP) em execução.

Ao optar por uma pesquisa em fontes documentais, como mapas e cartas topográficas, é necessário que alguns critérios sejam observados, e um dos que mais se destaca, no caso específico de pesquisa, é a escala que varia de acordo com o nível de abrangência que se queira atingir. Já a época da confecção dos documentos pode ou não ter aspectos relevantes, dependendo do objetivo a ser atingido pela pesquisa.

As cartas topográficas e os mapas, em geral, são elaborados para atender a um determinado objetivo e, para que estejam completos, devem registrar todos os acidentes físicos contidos na área de abrangência como: córregos, ribeirões, morros, serras, etc., e também os acidentes humanos ou antrópicos. Ou seja, os acidentes construídos pelos seres humanos como: lagoas artificiais, hidrelétricas, estradas, pontes, etc.

Para que esses registros sejam possíveis, é necessário compatibilizar a representação do acidente com o espaço pretendido. A esse fator dá-se o nome de escala.

Desse modo com a localização das cartas e dos mapas em uma das escalas pretendidas (escalas de 1:100.000) foram seguidas as etapas na realização da pesquisa seguintes:

- delimitação da área a ser pesquisada;
-entrevista com alguns nativos;
- obtenção de cópia do mapa do município;
- pesquisas nas cartas topográficas e nos mapas;
- levantamento dos topônimos por distritos e bairros;
- elaboração das relações dos topônimos por bairros; classificação dos topônimos nas taxionomias;
- elaboração e preenchimento das fichas lexicográficas - toponímicas;
- análise e tratamento dos dados.

2.2 Estabelecimentos do *corpus*

A princípio foi realizado um estudo minucioso da história local, recorreu-se a pesquisa de campo: documentos pessoais e relatos de familiares que residem há muito tempo na região e outros que conhecem a história da cidade. A partir do mapa atual do bairro e dos mapas que contemplavam a hidrografia do município, efetuou-se um levantamento dos topônimos.

Feito isso, a motivação para a escolha do nome foi abordada e os topônimos foram organizados em fichas denominadas “fichas lexicográficas”, e depois em tabelas. Além dos mapas atuais foram usados outros que mostram o bairro e o município em diferentes épocas (Anexo A – Divisão Político-Administrativa do Município de Imbituba, SC e Anexo B – Cartograma de Imbituba, SC).

É importante salientar ainda, que se optou por adotar o procedimento metodológico de preencher fichas lexicográfico-toponímicas referentes a cada lagoa e bairros (Anexo C – Boletim Oficial de Imbituba, SC com a Especificação dos Distritos e Bairros), porque elas contêm os elementos necessários para o estudo mais aprofundado dos topônimos. Desse modo e a partir desse ponto, é possível fazer a análise dos topônimos dos acidentes retomados.

O objetivo principal da análise destes mapas é mostrar que alguns nomes são muito antigos, principalmente para comprovar momentos distintos de nomeação. Em resumo, o *corpus* do trabalho é composto por mapas, relatos de algumas famílias. É

a partir deles que o pesquisador buscará respostas aos questionamentos formulados.

Após este levantamento histórico e depois da seleção dos nomes, buscou-se um olhar mais atento aos aspectos linguísticos necessários para a análise toponímica, com o escopo de desvendar o que há por detrás do ato de nomear, da necessidade dos seres humanos e os lugares por eles ocupados.

Nesta pesquisa certamente existe a possibilidade de verificar o ato linguístico de nomear, de ser possível descobrir relações culturais entre os povos ou entre os períodos em que os povos deram nome a lugares. Isso corrobora com aquilo que já foi muito difundido por Dick em diversos estudos: "... é possível conhecer a mentalidade do denominador, não apenas isolado, mas em grupo social. Este ato de nomear não é aleatório."

Dick, em trabalho publicado em 1990, indica uma nova maneira de analisar a toponímia, então apenas restrita à reconstituição de etimologias ou a serviço do mapeamento de terras. A toponímia, assim como a antroponímia, passa a ser entendida em função de seu papel nas comunidades, como modo de referenciar e singularizar aquilo que se designa, conferindo-lhe características específicas.

Guérios (1994, p. 37) cita:

> "A existência dos antropônimos está documentada em todos os povos, em todas as línguas em todas as culturas, em todos os tempos, desde os primórdios da humanidade. E quando eles surgiram, levavam consigo um significado que, em geral, traduzia qualquer realidade condizente com os indivíduos e seus portadores."

Segundo Guérios (1994): "O estudo dos antropônimos possui valor linguístico importante, eles com o auxílio dos topônimos, é possível a reconstituição de numerosos elementos de uma língua."

É importante salientar ainda que, além das pesquisas acadêmicas e o Projeto ATB (Atlas Toponímicos do Brasil) que se encontra em fase de desenvolvimento bem como o Projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São

Paulo), ambos em desenvolvimento na USP; existem também outros projetos em andamento:

a) Projeto ATEMG (Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais), em desenvolvimento na UFMG;

b) Projeto ATEMT (Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso), em desenvolvimento na UFMT;

c) Projeto ATEMS (Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul), em desenvolvimento na UFMS;

d) Projeto ATEPAR (Atlas Toponímico do Estado do Paraná), em desenvolvimento na UEL; e,

e) Projeto Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado de Tocantins, em desenvolvimento na UFTO e o Projeto ATAOB (Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira), em operacionalização na Universidade Federal do Acre desde 2006 (Prof. Dr. Alexandre Melo Souza - UFAC)

2.3 A Taxionomia Toponímica

Definido o *corpus* objeto da pesquisa, buscou-se no embasamento teórico fornecido por Dick (1975), a mais atuante toponimista brasileira, no qual a taxionomia proposta segue um modelo adequado à realidade brasileira, com o método de classificação toponímica elaborado pela autora, composto inicialmente por 19 taxes e reformulado pela própria autora, publicado em 1992, num total de 27 taxes, assim determinadas: 11 relacionadas ao ambiente físico (taxionomia de natureza física) e 16 ligadas às relações estabelecidas pelo homem inserido numa sociedade com aspectos sócio-culturais e históricos distintos (taxionomia de natureza humana). Essas taxionomias estão assim distribuídas:

a) De natureza física:

Astrotopônimos (topônimos que emprestam o nome de corpos celestes);
Cardinotopônimos (relativo às posições geográficas em geral);

Cromotopônimos (que fazem referência a cores); ex.branca

Dimensiotopônimos (fazem referência às características do próprio acidente): ex. Grande, roça;

Fitotopônimos (relativos aos nomes de vegetais): ex. Grama, região;

Geomorfotopônimos (fazem referência às formas topográficas): ex. rasa, ponta;

Hidrotopônimos (relativos aos acidentes hidrográficos em geral): ex. bomba, lagoa da;

Litotopônimos (relativos a minerais): ex. rosa, arroio do;

Meteorotopônimos (fazem referência a fenômenos atmosféricos);

Morfotopônimos (referem-se a formas geográficas);

Zootopônimos (relativos a nomes de animais): ex. ovelha, Morro da.

b) De natureza antropocultural:

Animotopônimos ou *Nootopônimos* (relativos à vida psíquica e espiritual): ex. doce, lagoa;

Antropotopônimos (relativos a nomes próprios e individuais): ex. Paes Leme, bairro.

Axiotopônimos (fazem referência a títulos e a dignidades que acompanham os nomes): ex. Henrique Lage, praça;

Corotopônimos recuperam nomes de cidades, países, regiões e continentes;

Cronotopônimos (indicam tempo): ex. vila nova, bairro velho.

Dirrematotopônimos (são topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos;

Ecotopônimos (relativos a habitações de um modo geral;

Ergotopônimos (referem-se a elementos da cultura): ex. Sambaqui, sítio arqueológico;

Etnotopônimos (referem-se a características étnicas): ex. morro do alemão, vila capixaba;

Hierotopônimos (recuperam nomes sagrados): ex. de Nossa Srª da Conceição, igreja;

Hagiotopônimos (referem-se aos santos do hagiológio romano): ex. de Santa'Ana, igreja.

Segundo Souza (2007), outros pesquisadores brasileiros oferecem a proposta classificatória de Dick (1992). Isquerdo (1996), por exemplo, propõe uma subclassificação para a taxe dos animotopônimos:

a) *Animotopônimos eufóricos* (marca uma impressão agradável, otimista,ex. Seringal Alegria); e,
b) *Animotopônimos disfóricos* (marca uma impressão desagradável: ex. Seringal Solidão).

Lima (1998), por sua vez, apresenta uma subdivisão para os hagiotopônimos:

a) *Hagiotopônimos autênticos* (nomes de inspiração religiosa, ex. Colocação São Mateus), e,
b) *Hagiotopônimos aparentes* (nomes de inspiração política, ex. Rio São Luiz – homenagem a um padre).

Na obra de Francisquini (1998) encontram-se mais outras taxes:

a) *Acronimotopônimos* (topônimos formados por siglas);
b) *Estamatotopônimos* (topônimos relacionados aos sentidos, ex. Seringal Vista Alegre);
c) *Grafematopônimos* (topônimos formados por letras do alfabeto): ex. Avenida D);
d) *Higietopônimos* (topônimos relativos à saúde, à higiene, ao estado de bem estar físico); e,
e) *Necrotopônimos* (topônimos relativos ao que é ou está morto, a restos mortais,ex. Colocação Cova da Onça).

Essa taxionomia não é um sistema fechado em si mesmo. À medida que novos estudiosos se interessam pela pesquisa toponímica, torna-se possível o levantamento de novas formas de classificação dos topônimos, levando-se em conta, claro, o método elaborado por Dick. O modo como foi elaborada permite sua expansão de acordo com as necessidades do pesquisador e o contexto onde o topônimo a ser pesquisado está inserido. Sua estrutura denominativa é composta por um elemento genérico, definidor da classe do nome, que se une ao vocábulo topônimo. Se o nome de um acidente geográfico tem como origem o nome de um

animal, é um zootopônimo (córrego das Capivaras), se é o nome de uma planta, é um fitotopônimo (serra das Palmeiras), e assim por diante. Dessa maneira, torna-se flexível o número de classificações taxionômicas possíveis numa pesquisa toponímica, desde que tal procedimento não provoque o 'inchaço' desnecessário e inconveniente ao trabalho científico.

O importante é situar o pesquisador no processo de construção metodológica desta pesquisa por meio de uma linguagem poética, cotidiana e ao mesmo tempo científica. Organizar o assunto em tópicos, passando pela construção do método, a localização da unidade de pesquisa e a escolha dos sujeitos, o detalhe do processo de coleta e a análise dos dados.

3 ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DE IMBITUBA, SC

3.1 O Município e sua origem

> "Aqui neste Porto de D. Rodrigo que se chama o Embitiba, estivemos estes dous anos ... E assim chegamos à terra dos Carijós, aos 11 de Agosto de 1605, dando muitas graças ao senhor e alevantando logo uma cruz." [1]

Este encontro de povos tão distintos resulta que, durante um longo período, a língua guarani perdure e deixe para sempre sua presença na toponímia, no vocabulário, na gastronomia, e em muitos outros aspectos da vida dos invasores, como o próprio nome da cidade: Imbituba.

A grafia "Embitiba" encontrada nas cartas dos jesuítas advém da expressão linguística adotada pelos nativos Guaranis, cujo idioma Guarani designava a abundância de uma planta – o imbé, na região por aqueles habitada.

O Município esteve sempre ligado à Espanha que detinha todo interesse e poder sobre a região sul do continente americano, e ocupava a ilha de Santa Catarina. Conforme cita Melo Filho (2009, p.81) foram eles os primeiros navegadores europeus, que se instalaram na região de Imbituba:

> "A partir de 1516, predominante ibérica, formada na sua maioria por espanhóis, complementada por portugueses e também um negro cuja nacionalidade é desconhecida, todos refugiados da expedição de Juan Diaz de Solis, que se juntaram aos carijós da grande nação Guarani. Os náufragos integrados à comunidade indígena local construíram choças, tomaram as nativas por suas companheiras, formando o que se convencionou chamar de família. Ao desposar as índias Carijós, os náufragos tiveram seus filhos e com eles iniciou-se a mestiçagem.
>
> Os Mazombos – descendentes de europeus nascidos no Brasil tiveram aqui sua vertente através da prole resultante da miscigenação que apresentou uma nova figura humana: o mameluco - mestiço de europeu e indígena. e

[1] Leite, Serafim: Novas cartas jesuíticas. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1940.

> com isso a integração dos europeus com a comunidade Carijó no litoral sul de Santa Catarina foi se consolidando, especialmente com o conhecimento da língua dos nativos e de sua cultura.Os indígenas revelaram suas crenças, mitos e lendas."

Dessa forma os europeus, foram se integrando à comunidade indígena no litoral do sul de Santa Catarina, especialmente com o conhecimento da língua dos nativos e de sua cultura.

Melo Filho (2009), descreve em sua obra que os espanhóis navegantes que vinham em direção ao rio da Prata aportavam em Imbituba e interagiram com os indígenas locais, antes dos portugueses, o que ocorreu por motivos de naufrágios, por necessidade de abastecimento de água e de mantimentos.

A diversidade étnica que se configurou na região de Embitiba (Imbituba) com o naufrágio da expedição de Juan Diáz de Solis, concebeu uma certa conformação aos nativos da região que começaram a receber as primeiras intervenções daqueles homens, que bem recebidos pelos tupis-guaranis, garantidores da sobrevivência inicial, interferiram diretamente nos rumos da História da América. (MELO FILHO, 2009)

A estada de Don Rodrigo de Acuña fez com que o Ancoradouro de Imbituba passasse a ser conhecido como Porto de Don Rodrigo, transformou-se mais tarde no Porto de Imbituba por iniciativa de Henrique Lage. Portanto tem-se um mesmo lugar com duas denominações: "Embitiba", designada pelos nativos guarani que habitavam o lugar, e "Porto Dom Rodrigo" dado pelos ibéricos. (MELO FILHO, 2009)

Lucas Boitox (1950) constata essas informações ao escrever:

> "Como se sabe, a cerca de 12 léguas estavam estabelecidos ditos refugiados com suas casas, e de onde vieram ao encontro de Dom Rodrigo de Acunã. Em função a este aportamento de março de 1526, um ponto destes recebe a denominação de Porto de Dom Rodrigo."
> "Do rio dos Patos ao rio de D. Rodrigo são oito léguas, e corre-se a costa norte-sul até onde a terra é um tanto alta, o qual o porto está em 28 graus e um quarto.Este porto está ao cabo da ilha de santa Catarina, o qual está uma baía que a terra faz dentro , onde há grande abrigada e surgidouro,

> para os navios estarem seguros de todos os ventos, tirando o nordeste que cursa no verão."

Mossimann (2002) ainda destaca:

> "De acordo com um minucioso depoimento, feito sob juramento, que Brás Arias, um português a serviço de Castela, fez em Sevilha em outubro de 1549 - 'o Porto de Don Rodrigo fica além da ilha de Santa Catarina, rumo ao rio da Prata, seis léguas; a laguna que se chama Mbiazá fica duas léguas mais adiante na direção do rio da Prata".

A história de Imbituba teve inicio no século XVII com a chegada dos missionários Padres Antonio de Araujo e Pedro da Mota, em 1622, para catequizar os índios tupis e guaranis que habitavam essas regiões, porém esta missão durou somente dois anos por causa da intervenção de algumas pessoas com outras intenções que não queriam que os índios fossem catequizados. Eles só saíram da região quando receberam ordem de seu superior para se transferirem para a região de Santo Antonio dos Anjos, em Laguna. Com a saída dos religiosos, Vila Nova passou a ser novamente a terra de origem. Na mesma época estava sendo instalada em Imbituba a Armação Baleeira (pesca da baleia). (MARTINS, 1979)

Um século mais tarde começa a construção da estrada de ferro chamada Tereza Cristina com o intuito de suprir a economia da região voltada ao comércio de minas de carvão, no sul do Estado. (MARTINS, 1979)

Como cita Neu (2003):

> "No início do século XX, as mudanças foram muitas e a economia de Imbituba conheceu o maior progresso da sua história. A organização espacial se reestruturou, e passou de economia pesqueira e de subsistência, para organização voltada à atividade portuária. A necessidade de mão-de-obra atraiu centenas de trabalhadores da região, que devido a perspectiva de melhoria das condições de vida, como água encanada, luz elétrica, etc., são atraídos para a nova atividade econômica instalada na cidade. Todas as indústrias que surgiram neste processo estavam ligadas diretamente a exploração do carvão, seja pela matéria-prima, o barro branco, seja pela prestação de serviço como hotéis, por exemplo."

3.2 Colonização Açoriana

A partir de 1715 chegou em Vila Nova uma expedição de imigrantes portugueses, composta por casais procedentes do Arquipélago dos Açores e da ilha da Madeira. Imbituba, na época, ainda era uma pequena vila povoada pelos açorianos. A primeira atividade do município foi a pesca da baleia (quando era permitida), portanto os açorianos permaneceram nos ao redores de Vila Nova e no Mirim. Uns dedicavam-se à pesca e outros à agricultura.

Em 1747, foi construída uma capela para Vila Nova, chamada Santa Ana. A partir daí chegaram os navios e os imigrantes se instalaram nas regiões, porém verificaram que as terras de Santa Catarina não eram propícias para o plantio de trigo - produto que era cultivado nos Açores e na ilha da Madeira. Portanto buscaram outros recursos como base alimentar: o cultivo da mandioca e o consumo da farinha.

A tradição pesqueira do povo açoriano foi mantida, pois aconteceu simultaneamente com a chegada a implantação das armações baleeiras. Também foi mantida a atividade artesanal, como a tecelagem manual e a confecção de rendas de bilros.

Foram muitas as manifestações da cultura popular transplantadas dos Açores para Santa Catarina. Alinham-se os folguedos da Farra do boi, do Boi de Mamão, as danças, o carro de boi, a olaria utilitária e decorativa, o “pão-por-Deus”, as festividades do ciclo do Divino Espírito Santo, a culinária, além da variação linguística.

3.2.1 Emancipação Político-Administrativa de Imbituba

O ano de 1912 é um marco para o progresso de Imbituba.Neste ano chegou o carioca Henrique Lage. Após um ano de sua chegada, iniciou no pequeno porto um serviço de cargas e passageiros.

Neste mesmo ano, muitas coisas importantes aconteceram. É iniciada a construção da cerâmica, a primeira do Estado, que na época chamava-se Cerâmica Henrique Lage, hoje já não existe mais. Também a construção do porto, apoiada

pelo Visconde de Barbacena. O porto objetivava, principalmente, o embarque do carvão, pois era reiniciada a exploração da produtora região carbonífera.

Henrique Lage incrementou o transporte ferroviário, o setor portuário, viabilizou a distribuição de água, construiu uma granja, um hotel e uma usina.

Um grande acontecimento para a sociedade imbitubense ocorreu em 1923, no qual Imbituba, em função do seu crescente desenvolvimento econômico, conquistou sua primeira emancipação político-administrativa do município de Laguna. Isto ocorreu em 30 de agosto do mesmo ano, mediante a lei nº 1.451, sancionada pelo então governador Hercílio Pedro da Luz, determinava que o território do ex-município de Garopaba e dos distritos de Vila Nova e Mirim do município de Laguna passariam a constituir o novo município denominado Imbituba.

Em outubro de 1930, o governador provisório do Sul de Santa Catarina decretou que o território do município de Imbituba fosse anexado ao município de Laguna, por considerar que o mesmo não possuía renda suficiente, sendo incapaz de se autogovernar.

Inconformado com a decisão, o povo imbitubense tentou a restauração da autonomia municipal. Mas o sucesso de reivindicação não foi alcançado.

Em dezembro do mesmo ano, outro decreto, desta vez do interventor Federal do Estado de Santa Catarina, confirmou a extinção do município de Imbituba.

Além de perder sua autonomia político-administrativa, dezenove anos mais tarde Imbituba perdeu seu nome de origem, por ordem da Assembleia Legislativa, passando a chamar-se distrito de Henrique Lage.

Em 21 de junho de 1958, a Assembléia Legislativa Estadual aprovou o Projeto de lei nº 348/58 de autoria do Deputado Epitácio Bittencourt, que criava o Município de Henrique Lage.

No dia 06 de outubro de 1959, foi aprovado na Assembléia Legislativa Estadual o Projeto de Lei nº 446/58, de autoria do deputado Rui Hülse, que mudava o nome do município de Henrique Lage para Imbituba.

3.3 O Desenvolvimento e a Atuação de Henrique Lage em Imbituba

Desde a emancipação definitiva de Imbituba, as administrações municipais ao longo dos tempos, se preocuparam em promover as melhorias para o desenvolvimento do município. Muitas foram as realizações efetuadas, pois houve pouco investimento quando ainda era distrito de Laguna.

Foram feitos: abertura de estradas, calçamento de ruas, asfaltamento dos acessos a BR-101, construções de pontes e praças. Realizou-se a instalação de rede elétrica, rede de água, rede telefônica, saneamento, iluminação pública e coleta de lixo. Foram construídos: o hospital, postos de saúde, ambulatórios, prédio da prefeitura, ginásio de esportes, escolas e criação da biblioteca pública.

Graças aos esforços do Projeto Baleia Franca, um dos mais importantes projetos brasileiros de conservação marinha, o município de Imbituba é reconhecido como a capital brasileira das baleias. Imbituba tem condições ideais para a observação das baleias a partir de terra, já que entre julho e novembro é possível vê-las a até 30 metros das praias e costões rochosos. As muitas trilhas costeiras prestam-se ao desenvolvimento do ecoturismo

A instalação da Armação de Imbituba ocorreu em 1796, ao Norte de Laguna, no distrito da freguesia de Sant'Ana de Vila Nova, junto à Ponta de Imbituba, com condições favoráveis à atracação de barcos e à pesca de baleia.

Segundo Cabral (1970, p.44), Imbituba era a terra capaz de comportar muitos milhares de moradores e, por isso, seria conveniente povoá-la. A sua lagoa era tão abundante de pescado, a vila era habitada por poucos moradores e anualmente saíam dela três a quatro embarcações carregadas de peixe salgado.

Sobre o período de concessão da pesca da baleia especificamente em Imbituba, Martins (1975) descreve:

> "A armação em Imbituba foi fundada por Pedro Quintela e João Ferreira Sola, os quais pagavam uma taxa de exploração à Coroa Real. Os lucros eram compensadores. Baleias de grande porte eram arpoadas quase semanalmente e rebocadas para os barracões, onde se procedia ao retalhamento e retirava-se a gordura para derreter em grandes caldeiras. O azeite apurado tinha dupla utilidade: era usada para iluminação pública das

> poucas cidades brasileiras, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo; utilizava-se também argamassa destinada às construções de fortalezas e edifícios. As barbatanas encontravam excelente mercado na França."

Nesse período sobre a pesca da Baleia, tinha-se uma mão de obra escrava, pois os homens que capturavam as baleias recebiam em troca como pagamento escravos. Isso ocorria em todas as armações catarinenses.

Segundo afirma Ellis (1969, p. 103):

> "A mão-de-obra remunerada, recrutavam-na os administradores do Real Monopólio da Pesca da Baleia entre as populações litorâneas de pescadores e pequenos agricultores, de ínfimo nível de vida, para os vários misteres da armação, principalmente para tripular as lanchas baleeiras na lidas marítimas da pesca da baleia."

No ano de 1971, um fato marcante aconteceu em Imbituba. Deu-se início às obras de construção da Indústria Carboquímica Catarinense – ICC que tinha como objetivo aumentar o valor do carvão de Santa Catarina e aproveitar a pirita.

A inauguração aconteceu em 1979, trazendo o progresso para o município: aumento da economia, incremento ao comércio, melhoria na infra-estrutura da cidade, geração de empregos diretos e indiretos. Juntamente com o progresso veio a poluição ambiental, causando danos às mediações da indústria.

Após alguns anos, em 1992, a indústrias entrou em falência, desativando suas atividades, provocando uma grande queda na economia do município e acabando com um dos principais focos de poluição.

Uma forma de restabelecer o crescimento da economia no município foi o investimento no turismo, pois Imbituba possui uma paisagem exuberante que dá margem às atividades turísticas.

3.4 Sobre os Sambaquis

Os sambaquis são montes cônicos de conchas que podem atingir até 30 metros de altura. A palavra “sambaqui” de etimologia Tupi é derivada das palavras indígenas *sambá* ou *tambá* que quer dizer ostra ou concha, e *qui* ou *ki*, monte cônico ou *quire* que significa dormir. O sambaqui era o lugar onde os índios enterravam os mortos e seus instrumentos e objetos pessoais. Eram os cemitérios indígenas (CHMYZ, 2003).

Os sambaquis, Figura 2, encontrados por historiadores e arqueólogos, principalmente no sul do Brasil, como em Santa Catarina, são os maiores do mundo (120 mil metros quadrados de área), mas praticamente em todo o litoral, incluindo a área do Baixo Amazonas, revelam camadas de conchas, restos de pontas de flechas, machados, cerâmicas, esqueletos, sinais da existência de comunidades constituídas de caçadores e coletores, que detinham uma arte elaborada (expressa nos restos de cerâmica ricos em conteúdos simbólicos e sofisticados na forma). (BARBOSA et al., 2004; AGUIAR, 2006; Imediata, 2006, INEMA, 2006)

Figura 2 - Exemplo de sambaqui em Imbituba (Fonte: juliocesarcetaceo.blogspot.br)

A ilha de Santa Catarina (capital Florianópolis) recebeu em seus primórdios algumas civilizações que mediante seu modo de vida e cultura vieram enriquecer a

arte rupestre da região. A datação mais antiga atribui a chegada da civilização a cerca de 7.000 (sete mil) anos antes de nossa era. Essas civilizações vieram com seu modo de vida (basicamente a pesca), posteriormente passaram a elaborar utensílios, gravuras e pinturas em pedras, tão impressionantes e misteriosas que até os dias de hoje remetem às tentativas de desvendar seus significados. Estas características são típicas da civilização denominada de sambaquieiros, que foram assim chamados, pois eram hábeis construtores de sambaquis.

Entre as características físicas mais marcantes dos sambaquieiros estão as diferentes alturas nos esqueletos de homens, com uma média de 1,60m, e mulheres, com 1,50m, ambos com uma média de vida 30 a 35 anos. O tórax e os membros superiores eram bem desenvolvidos e levam a crer que os indivíduos eram bons nadadores e provavelmente remadores de canoas. Tal suposição é apoiada também pela presença de restos de peixes de espécies como a garoupa e miragaia, típicas de regiões mais profundas e pedregosas e que, para serem capturados, exigiriam que o pescador se deslocasse da beira da praia. Outra característica importante é o desgaste de algumas regiões da arcada dentária, que aponta o costume dos sambaquieiros consumirem alimentos duros e abrasivos, o que poderia ter causado dores de dente e abscessos (BARBOSA et al., 2004).

Nos sambaquis também são encontrados vários vestígios da ocupação humana, como sepultamentos, instrumentos líticos, fogueiras, restos do cozimento de alimentos como ossos de peixes, aves e mamíferos, e diversos tipos de adornos, como colares e enfeites labiais (AGUIAR, 2006).

Por meio das camadas, dos vários níveis de matéria orgânica e inorgânica de um sambaqui, pode-se estudar a cultura material dos povos, assim como a evolução geológica da região (IMEDIATA, 2006).

As sociedades dos sambaquieiros eram mais sedentárias que os tradicionais caçadores-coletores e dominavam algumas tecnologias de lapidação de pedras, além de ossos de aves e mamíferos e espinhas de peixes, usados como anzóis ou na ponta de flechas e lanças. Os peixes eram a base de sua alimentação, mas berbigões (molusco da espécie *Anomalocardia brasilensis*), moluscos, crustáceos, vegetais e pequenas caças também compunham sua dieta. Para chegar a essas conclusões é preciso analisar os restos de matéria orgânica acumulados nos

sambaquis, o que equivale dizer que só fica registrado o material que conseguiu ser preservado nos últimos 4 mil anos, média de idade dos sambaquis. Assim, os registros de vegetais ficam por conta da madeira, coquinhos, sementes e pedaços de tubérculos carbonizados nas fogueiras e que se encontram fossilizados (BARBOSA et al., 2004).

Ao estudar as camadas de sambaquis descobriu-se que aqueles existentes no litoral de Santa Catarina possuem de 27 a 58 mil anos. Constatou-se a existência de mais de 30 sambaquis na localidade, com idades variando de 7 a 15 mil anos. Muitos já foram explorados e, em um deles, os pesquisadores encontraram 56 cadáveres (INEMA, 2006).

No passado, essas jazidas arqueológicas eram exploradas para a fabricação de cal. Esta atividade de exploração calcária destruiu grande parte dos sambaquis, não só em Santa Catarina, mas em diversas partes do Brasil (AGUIAR, 2006).

No Plano Diretor Municipal de Imbituba (2010) consta uma pesquisa muito vasta sobre os sambaquis, quanto o patrimônio arqueológico, segundo dados obtidos no GRUPEP Arqueologia (Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial da UNISUL). Existe uma série de sítios, inclusive sambaquis mapeados no município. Todo o material coletado encontra-se no acervo do Museu da Universidade Federal de Santa Catarina e o responsável por seu registro foi a arqueóloga Teresa Domitila Fossari. A Tabela 1 mostra um exemplo do patrimônio arqueológico de Imbituba - SC.

Tabela 1 – Principais sambaquis da região de Imbituba com a localização, responsável por sua localização e descrição. (INEMA, 2006)

Localização	Descrição
Aldeia do ZPE Resp.: Lavina - Araçatuba	Identificadas onze manchas escuras com presença de carvão vegetal e de fragmentos de cerâmica dispersos em área extensa. Constatou-se também a presença de estruturas funerárias, materiais líticos lascados e polidos e líticos brutos sobre concha. Sua destruição parcial ocorreu por causa da implantação da ZPE.

Continua

Continuação da Tabela 1

Lagoa de Ibiraquera Resp.: Deisi S.E. de Farias	Sítio cerâmico Guarani localizado à beira da lagoa de Ibiraquera possui 40m de diâmetro. Sua destruição parcial ocorreu por causa da cultura da mandioca nas terras arenosas.
Sambaqui Resp.: João Alfredo Rohr	A 100m da balsa sobre o Rio D'Una. O sítio ocupa uma área total de 7000m² e possui altura máxima de 4m. Foram realizadas escavações sobre o sítio, e todo o material coletado encontra-se no acervo do Museu do Homem do Sambaqui. Sua destruição ocorreu por causa da extração de conchas para a compactação de estradas.
Sambaqui Resp.: João Alfredo Rohr	Ocupa uma área total de 1200m² e possui altura máxima de 4m. Sua destruição parcial ocorreu por causa da extração de conchas para a compactação de estradas.
Barra da Lagoa de Ibiraquera Resp.: João Alfredo Rohr	Possui 100m de diâmetro. Sua destruição parcial ocorreu por causa da ação de vândalos.
Campo da Aviação Resp.: João Alfredo Rohr.	Sambaqui que apresenta estruturas funerárias e materiais cerâmicos. Ocupa uma área de 500m² e uma altura.
Campo da Vila Resp.: Walter Piazza Engo do Sítio cerâmico	Ocupa uma área de 2000m² e possui altura máxima de 4m. Sua destruição parcial ocorreu por causa da construção de rodovia.
Guaiúba Resp.:João Alfredo Rohr	Situa-se dentro do povoado, e é ocupado por diversas residências, cafezais e bananeiras. Ocupa uma área de 5000m² e possui altura máxima de 5m.
Imbituba Resp.:João Alfredo Rohr	Ocupa uma área de 50m² e possui uma altura máxima de 4m. Sua destruição ocorreu por causa da extração de conchas para a pavimentação das estradas de Laguna.
Itapirubá Resp.: João Alfredo Rohr	Situado em meio às dunas, a 1km do balneário de Itapirubá. Constatou-se a presença de cerâmica sobre o sambaqui. Ocupa uma área total de 10500m² e possui uma altura total de 8m.
Mirim I Resp.: Walter Piazza	Quase que totalmente destruído por causa da extração de conchas para a produção de cal e para a utilização na compactação de estradas.

Resp.= responsável por sua localização; ZPE = zona de processamento de exportação

3.5 Imbituba, SC: Sua História, seus Topônimos e sua Gente

O Município de Imbituba está localizado na microrregião do litoral sul do

Estado de Santa Catarina e possui uma área de 182.787km^2. Está situado na região do Litoral de Laguna a uma latitude de 28º12'24''S, longitude de 48º12'13''W de Greenwich e altitude de 30 metros em relação ao nível do mar. (PREFEITURA MUNICIPAL DE IMBITUBA, 2007).

Encontra-se no litoral sul do Brasil, no estado de Santa Catarina, a 80km da capital Florianópolis. Os limites territoriais Imbituba são: ao Norte os municípios de Paulo Lopes e Garopaba; ao Sul o município de Laguna; a leste o Oceano Atlântico; e, a Oeste o município de Imaruí.

3.5.1 Origem do Nome

A origem do nome Imbituba, segundo os historiadores, provém do indígena Embétuba ou Imbétuba, que significa zona com grande quantidade de Imbé, espécie de cipó resistente, usado pelo indígena. A planta é uma semi-trepadeira frondosa e possui folhas majestosas labeladas diversas vezes fendidas (Figura 3). Sua casca é muito procurada para confecção de cordas e substitui em muitos casos, com vantagem, o arame e diferentes fibras vegetais. Pode permanecer na água por mais de 50 anos sem apodrecer, por possuir quantidade extraordinária de tanino.

Figura 3 – Imbé, planta nativa de Imbituba, SC. (Foto: Lourenço Luiz di Pietro,2012)

A parte da palavra Imbituba: “tuba” ou “tuva” significa abundância. Portanto, Imbituba significa “lugar onde há cipó em abundância”.

A origem toponímica de Imbituba e de grande parte de seus bairros tem origem na linguagem tupi-guarani, comunidade indígena que, segundo Lino (2003, p.43), habitava o litoral sul catarinense “há quatro mil anos”.

Gonçalves (2002) afirma que: “Todos os lugares habitados têm um nome. A toponímica é uma herança preciosa das culturas passadas. Batizar a costa litorânea foi à primeira tarefa dos descobridores”.

3.5.2 Distritos e Bairros de Imbituba

Os distritos e bairros de Imbituba estão mostrados na Tabela 2.

Tabela 2 - Distritos e bairros de Imbituba, SC.

	DISTRITOS		
	IMBITUBA	**VILA NOVA**	**MIRIM**
BAIRROS	Centro	Vila Nova	Mirim
	Paes Leme	Vila Santo Antonio	Morro do Mirim
	Village	Porto da Vila	Campestre
	Vila Alvorada	Sagrada Família	Nova Brasília
	Ribanceira	Campo D´Aviação	Sambaqui
	Vila Nova Alvorada	São Tomás	Arroio
	Vila Esperança	Guaiúba	Arroio do Rosa
	Barra da Ibiraquera	Roça Grande	Alto Arroio
		Boa vista	Araçatuba
		Itapirubá	Penha
			Ibiraquera
			CampoD´Una

Dentre os bairros citados na Tabela 2, o bairro Paes Leme tem uma história importante, pois foi lá, no Hospital São Camilo, que aconteceu o primeiro milagre de Santa Paulina, e nesse mesmo bairro, na antiga pedreira, está localizada a Gruta em homenagem à Santa, conhecido ponto turístico da cidade.

O ano de 1715 marcou o início do povoamento de Imbituba, com a chegada do Capitão Manoel Gonçalves de Aguiar que, por determinação do Governador do Rio de Janeiro, realizava viagem de inspeção às colonizações do Sul do Brasil. Assim, pode-se afirmar com convicção que a fundação de Imbituba ocorreu no ano de 1715.

Pode-se citar como as áreas de habitação indígena no município as localidades de Itapirubá, Roça Grande, Guaiúba, Porto da Vila, Mirim e Sambaqui, visto esses lugares serem os mais propícios à agricultura e à pesca, base da subsistência dos tupis. Os índios Tupi que habitavam a região litorânea de Vila Nova e Laguna viviam semi-nus, usando apenas adornos que cobriam sua pele. Suas moradias eram choças de palha e obedeciam cegamente ao chefe da tribo.

Os grupos indígenas pertencentes às famílias Tupi e Guarani exerceram grande influência na formação e desenvolvimento da sociedade catarinense e, sobretudo na Imbitubense, nos mais variados aspectos das relações sociais, como organização familiar e produção econômica.

Este povo deixou como herança alguns hábitos alimentares como: farinha de mandioca, tapioca, beiju, pamonha, canjica. Contribuíram também na utilização dos utensílios domésticos como: cabaça, gamela, pilão e rede de dormir, que são muito usados por todas as comunidades do Brasil, de Santa Catarina e Imbituba. Nos utensílios de pesca e caça como rede, puçá e arapuca. Influenciaram também em nosso vocabulário, com palavras (urubu, tatu, arara, jacaré), nomes de pessoas, como Iara, Jaci e Iracema e nomes de lugares, como: Imbituba, Guaiúba, Itapirubá, dentre outros.

Segundo, Santos (1995), os nativos da grande nação tupi e guarani se dividiram pelo território catarinense. Os tupis ocupavam basicamente o litoral do estado. Esta ocupação tinha como regra básica, os lugares litorâneos onde existissem as condições necessárias à sobrevivência em harmonia com o meio

ambiente. Cabe ressaltar que em todos estes pontos de habitação o lugar escolhido era por via de regra, aqueles mais próximos possíveis de rios e lagoas.

Os Guaranis são religiosos e revelam as suas crenças em tudo o que realizam. Gambini (2000) cita:

> "Considerando os índios totalmente destituídos de religiosidade, os jesuítas trabalhavam pela mudança de atitudes, sem jamais levar em conta que quase todas as formas de tratamento tribal possuem significado cultural ou religioso."

Os Guaranis acreditam que estão rodeados por espíritos que habitam os animais, as pedras, as matas, o ar que respiram, a água que saciam sua sede, enfim, sua vida. (Gambini, 2000)

3.5.3 Formação Administrativa

Freguesia criada com a denominação de Vila Nova de Santana em 1811, subordinado ao município de Laguna. Em divisão administrativa do Brasil referente ao ano de 1911, o distrito de vila Nova de Santana figura no município de Laguna da forma seguinte:

Lei municipal nº 7, de 07/01/1927	O distrito vila Nova de Santana passou a denominar-se Imbituba.
Decreto-lei nº 25, de 11/12/1930	O distrito de Imbituba passou a denominar-se Vila Nova.
Decreto-lei estadual nº 238, de 01/12/1938	O distrito de vila Nova voltou a denominar-se Imbituba.
Lei estadual nº 328, de 09/10/1949	O distrito de Imbituba passou a denominar-se Henrique Lage.
Lei estadual nº 446, de 06/10/1959	O Município de Henrique Lage passou a denominar-se Imbituva.
Divisão territorial datada de 1/07/1960	O município é constituído por 2 distritos: Imbituba e Mirim.
Lei estadual nº 1020, de 07/05/1965	É criado o distrito de Vila Nova e anexado ao município de Imbituba.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o distrito já denominado Vila Nova permanece como município de Laguna.

No quadro fixado para vigorar no período de 1944 a 1948, o distrito de Imbituba figura no município de Laguna.

Em divisão territorial datada de 1/07/1950, o distrito de Henrique Lage permanece no município de Laguna. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1/07/1955.

Elevado à categoria de município com a denominação de Henrique Lage, de acordo com a lei estadual 348, de 21/06/1958, é desmembrado de Laguna - Sede no antigo distrito de Henrique Lage.

Constituído por dois distritos: Henrique Lage e Mirim. Desmembrado Laguna. Instalado em 05/08/1958.

Em divisão territorial datada de 1/07/1960, o município é constituído por dois distritos: Imbituba e Mirim.

Em divisão territorial datada de 1/01/1979, o município é constituído por três distritos: Imbituba, Mirim e Vila Nova. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 14/05/2001. (PREFEITURA MINICIPAL DE IMBITUBA, 2010)

3.5.4 Alteração Toponímica Municipal

A alteração toponímica municipal ocorreu quando Henrique Lage foi alterado para Imbituva mediante a lei estadual nº 446, de 06/10/1959. (PREFEITURA MINICIPAL DE IMBITUBA, 2010)

3.5.5 Alterações Toponímicas Distritais

Vila Nova de Santana foi alterada para a denominação Imbituba por meio do decreto-lei municipal nº 7, de 07/01/1927. Imbituba alterada para Vila Nova por decreto-lei estadual nº 238, de 01/12/1938.

Imbituba alterada para Henrique Lage de acordo com a lei estadual nº 328 de 09/10/1949 (PREFEITURA MINICIPAL DE IMBITUBA, 2010)

3.5.6 A Atuação de Henrique Lage em Imbituba e o Primeiro Progresso Brasileiro de Carvão

A partir de 1870, iniciaram-se as obras de construção do primeiro trapiche do porto de Imbituba. O porto faz parte do Complexo Estatal de Transporte Nacional, que tem por finalidade a prestação de serviços no setor de carga e descarga de mercadorias e no transporte de passageiros. (NEU, 1999)

O porto está ligado à mineração do carvão do sul do estado de Santa Catarina, chegando a movimentar nos anos 80, perto de quatro milhões de toneladas anuais do produto, conforme dados do próprio porto. Imbituba possui um dos melhores portos do país, permitindo atracação de navios de 20 mil toneladas. (NEU, 1999)

Está situado no centro sul do litoral do estado de Santa Catarina, construído em uma enseada aberta ao mar, possuindo águas abrigadas e profundas. Sua bacia de evolução tem condição invejável de profundidade e dimensões. O canal de acesso ao porto é igualmente profundo, permitindo a navegação de navios de grande porte a qualquer hora do dia e da noite.

O porto de Imbituba foi projetado no cenário nacional a partir de 1889 para escoar carvão do sul do Estado. Os investimentos iniciais, com a instalação de infra-estrutura básica, foram desenvolvidos por capital inglês (1889). Alguns anos mais tarde (1917), empresários do Rio de Janeiro interessaram-se pela exploração do carvão como saída para a falta de combustível capaz de abastecer a sua frota, principalmente no início da 1ª Guerra Mundial. Entretanto, as dificuldades no recrutamento de operários forçavam os empresários a criar verdadeiras cidades planejadas, com fornecimento de vários serviços comuns para a maioria das cidades brasileiras, como, por exemplo, luz elétrica e abastecimento de água. (HERZMANN, 2005)

Na área portuária estão planejadas grandes obras que irão causar alterações no ambiente não só de Imbituba, mas também no estado de Santa Catarina. São obras de duplicação do acesso rodoviário, construção de ferrovias litorâneas e a ampliação da capacidade propriamente dita do Porto como a ampliação da área acostável.

Após a fracassada tentativa de Américo Lage, em 1908, de melhorar as condições do Porto de Imbituba Henrique Lage,retoma em 1912, o projeto de operar serviços de passageiros e cargas. Vale lembrar, que as condições dos Portos do sul catarinense é um dos grandes empecilhos para o escoamento da produção da região, e como consequência, para o desenvolvimento das atividades econômicas, principalmente as de extração do carvão mineral. Assim, dotar o Porto de Imbituba de condições de ser utilizado torna-se de fundamental importância para o setor carbonífero em geral, e, em especial, para as empresas de Henrique Lage. (RIBEIRO, 2007)

Por ser uma praia de curva, em Imbituba as águas se agitam por falta de abrigo para os ventos vindos do norte e do nordeste, tornando perigosa e por vezes impossível, a aproximação de qualquer navio. Em decorrência, diversos acidentes são registrados, como os sucedidos em 1922, com o vapor Natal do Lloyd Nacional; em 1923, com o Itacolomi; e, em 1925, com o Itapuca, os dois últimos da Costeira. Na busca de solução para o problema, Henrique Lage, já em 1917, pede autorização ao governo federal para construção, uso e gozo do Porto, sem garantias de juros e sem ônus para o país, pelo prazo de 90 anos. O pedido é negado, mas mesmo assim, Lage promove investimentos para a melhoria das condições portuárias. (RIBEIRO, 2011)

A conquista do apoio do Estado para a melhoria dos Portos da região sul catarinense gera uma forte disputa entre Imbituba e Laguna. Assim, todo fato negativo é utilizado na disputa, como fica demonstrado em matéria publicada pelo jornal lagunense “O Albor”. (RIBEIRO, 2011)

A disputa entre as duas localidades vem desde 1882, com os diversos governos indicando técnicos diferentes, para que sejam feitos os estudos que permitam a identificação do local mais viável para o investimento governamental. Disputas políticas e interesses particulares estão presentes durante a contenda, que

se arrasta durante anos, retardando assim, não só o desenvolvimento da indústria carbonífera, mas da economia sul catarinense. Como exemplo da influência política, a atuação de Henrique Lage na região possibilita, em 1923, a emancipação político-administrativa de Imbituba, até então distrito de Laguna, e o primeiro prefeito foi o amigo e sócio de Henrique, Álvaro Monteiro de Barros Catão. Anos depois, em 1930, Imbituba retorna à condição de distrito de Laguna, em função da mudança de poder. (NEU, 1999; RIBEIRO, 2011)

Sobre as melhorias no Porto, finalmente, em julho de 1919, no governo Delfim Moreira, o ministro da Viação Afrânio de Mello Franco, autoriza à Lage Irmãos a construção do Porto de Imbituba, com obras para atracação, abrigo e aparelhamento, para serviço exclusivo da Companhia Nacional de Navegação Costeira, sem responsabilidade nem ônus para a União. Com o auxílio de Álvaro Monteiro de Barros Catão, então dirigente da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, são iniciadas as obras, inclusive com a construção do quebra-mar e das instalações para o embarque de carvão. São construídos escritórios, armazéns, vila operária e outras benfeitorias. (RIBEIRO, 2011)

Assim, para permitir a melhor organização dos serviços portuários é criada, em 3 de novembro de 1922, a Companhia Docas de Imbituba, com sede no Rio de Janeiro e capital social de 5.000 contos de réis, dividido em 25.000 ações de 200 mil réis cada. A Companhia tem a finalidade de continuar a construção do quebra-mar e executar as obras de aparelhamento do Porto, além de usar e gozar dessas obras da melhor forma possível. Na ocasião, ocupam a diretoria Álvaro Catão, como diretor-presidente e Ernani Bittencourt Cotrim, como diretor secretário. Embora fundada em 1922, somente em 13 de setembro de 1941, por meio do decreto nº 7.842, é que a Companhia Docas obtém a concessão para exploração comercial do Porto. (RIBEIRO, 2011)

Sobre a escolha entre Laguna ou Imbituba para a construção do Porto carvoeiro, o deputado Fluvio Aducci em sessão da Câmara dos Deputados realizada em 5/12/1927 disse (RIBEIRO, 2011):

> "Não a mim, mas aos técnicos, compete a escolha definitiva e imediata de um desses dois lugares para Porto carvoeiro, e a instalação, no que for

> preferido, dos aparelhos e maquinismos necessários ao embarque e expedição da hulha ".

Além das ações já citadas, vale destacar outras de Henrique Lage em Imbituba, como a fundação, em 1919, da Cerâmica Henrique Lage, que produz inicialmente louças e sanitários para os navios da Costeira passando, posteriormente, a produzir azulejos, ladrilhos, tijolos e outros produtos relacionados. No campo social, Henrique constrói na localidade, grupo escolar e clube de esportes, além de incentivar a formação de uma banda de jazz formada por funcionários. (HERZMANN, 2005; RIBEIRO, 2011)

Em 1937, Lage cria o Departamento de Propaganda Agrícola da Estrada de Ferro, Donna Thereza Christina, fundado com o objetivo de orientar a produção agrícola, organizar cooperativas agrárias e introduzir na região a criação, em granjas, de galinhas das melhores raças. Os produtos resultantes da atuação do Departamento são utilizados nos navios da Companhia Costeira. (RIBEIRO, 2011)

Na mesma época da fundação da Companhia Docas de Imbituba, já no final do governo Epitácio Pessoa, ocorre um importante acontecimento para o desenvolvimento do setor carbonífero, o Primeiro Congresso Brasileiro de Carvão e outros Combustíveis Nacionais, realizado no Rio de Janeiro, entre 22 de outubro e 8 de novembro de 1922, e presidido por Ildefonso Simões Lopes. (RIBEIRO, 2011)

3.6 Colonização da Ilha de Santa Catarina, Região dos Patos

Para discorrer sobre Imbituba, não se pode deixar de lembrar, também, da Capital da História da Colonização da Ilha de santa Catarina, que, no transcurso do séc. XIX exerceu funções militares, administrativas, portuárias e comerciais como descreve Bueno (1999, p.58):

> "A povoa de Nossa Senhora do Desterro foi fundada em março de 1673, pelo paulista Francisco Dias Velho que chegou à ilha de Santa Catarina acompanhado de escravos, índios mansos, agregados e filhos.Em 1726, passou à condição de Vila, sendo constituído o Conselho Municipal que, seguindo o modelo português , era dotado de atribuições legislativas,

> policiais, judiciárias e responsável pela execução de obras públicas.Por decreto imperial a Vila foi elevada à categoria de Cidade em 1823.Quando os primeiros europeus aqui aportaram encontraram os índios carijós (patos), grupo étnico tupi-guarani, ocupando o litoral sul-brasileiro desde Cananéia (SP) até a atual Lagoa dos Patos (RS). Os carijós – que os jesuítas, mais tarde, iriam definir como 'o melhor gentio da costa' – eram cerca de cem mil indivíduos. Foram as primeiras e principais vítimas do tráfico de escravos sulinos organizado pelos colonos de São Vicente. Por volta de meados do século XVIII,o grupo já estava virtualmente extinto, dizimado pelo trabalho forçado nos canaviais da Baixada Santista."

Todavia, a região dos patos, à época do início da colonização, era identificada com o litoral de Santa Catarina, afirmando Cabral (1976, p.61) que:

> "A maioria dos estudiosos e pesquisadores da nossa História não se arreceia de afirmar que a região dos Patos (ilha dos Patos, Rio dos Patos, Lagoa dos Patos, etc...) tinha a sua localização na costa catarinense – e que a Lagoa dos Patos era a Lagoa Imaruí dos nossos dias, sobre cujo sangradouro, ou melhor, às margens de cujo sangradouro se fundou Laguna."

3.6.1 Situação Econômica de Santa Catarina

Santa Catarina é uma das 27 unidades federativas do Brasil, localizada no centro da Região Sul do país. É o vigésimo maior estado da nação, o décimo primeiro mais populoso, além de ser o nono mais povoado.

As dimensões territoriais de Santa Catarina abrangem uma área de 95.346km², e é pouco maior do que a Hungria. É limitada por: estado do Paraná (ao norte) e Rio Grande do Sul (ao sul), Oceano Atlântico (a leste) e a Argentina (a oeste). A costa oceânica tem cerca de 450km de extensão, ou seja, aproximadamente metade da costa continental de Portugal (943km).

A capital e sede de governo é a cidade de Florianópolis, localizada na Ilha de Santa Catarina. Inteiramente ao sul do Trópico de Capricórnio, localizado na zona temperada meridional do planeta, o estado possui clima subtropical.

Estas condições variam de acordo com o relevo regional, e no oeste e planalto serrano é relativamente comum a ocorrência de geadas e neve, enquanto no litoral o clima é mais quente podendo atingir temperaturas altas durante a temporada de verão. No final de novembro de 2008 algumas regiões do estado, principalmente o Vale do Itajaí, sofreram enchentes após um intenso período de chuvas. Várias cidades ficaram isoladas e outras foram destruídas.

Quanto à história, sua colonização foi largamente efetuada por imigrantes europeus: os portugueses açorianos colonizaram o litoral no século XVIII; os alemães colonizaram o Vale do Itajaí, parte da região sul e o norte catarinense em meados do século XIX e os italianos colonizaram o sul do estado no final do mesmo século. O oeste catarinense foi colonizado por gaúchos de origem italiana e alemã na primeira metade do século XX. Os índices sociais do estado situam-se entre os melhores do país. (http://www.institutocidadania.org.br)

O Catolicismo é a religião predominante de Santa Catarina. O idioma oficial, assim como nas demais unidades federativas, é a língua portuguesa. Os primeiros habitantes da região de Florianópolis foram os índios tupi e guarani, viviam da agricultura, mas suas atividades básicas eram a pesca e a coleta de moluscos. Hoje vemos a presença desses indícios nos sambaquis e nos sítios arqueológicos. (http://www.sc.gov.br)

Toda a capital foi colonizada por açoriano e culturalmente Florianópolis é conhecido pela gastronomia, arquitetura e folclore. Os pratos típicos da região são Bijajica (espécie de bolinho) e o Ente mit Rotkohl (marreco com repolho roxo), geralmente esta gastronomia encontra-se na região de Blumenau e Brusque. Possui o maior índice de desenvolvimento econômico do Brasil e um dos pontos turísticos da capital é o Farol de Santa Marta, o maior das Américas e o terceiro maior do mundo.

3.6.2 História

Os primeiros habitantes da região de Florianópolis foram os índios tupi e guarani que viviam da agricultura, mas suas atividades básicas eram a pesca e a

coleta de moluscos. Hoje esses indícios existem nos sambaquis e nos sítios arqueológicos. (BOITEX, 1950; MOSIMANN, 2002; VARNHAGEN, 2011)

No século XVI as embarcações que aportavam em Santa Catarina desejavam se abastecer de água. Só em 1675, o paulista Francisco Dias Velho junto com sua família, deu início à povoação da ilha de Santa Catarina com a fundação de Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis). A partir desta data aumentou o fluxo de imigrantes que ocuparam vários pontos da região. E no século XVIII, há também como Imbituba a implantação de armação baleeira, cujo óleo era comercializado fora de Santa Catarina, não constando nenhum benefício para a região. O nome de Desterro passou a ser chamado de Vila. E no século XX, houve profundas mudanças como: implantação da rede de energia, captação de esgoto. (BOITEX, 1950)

Quanto ao turismo da capital são atrativas as praias, as localidades onde se instalam as primeiras comunidades de imigrantes açorianos, o Ribeirão da ilha, a Lagoa da Conceição, Santo Antonio e o próprio centro da cidade de Florianópolis. (MOSIMANN, 2002)

4 LAGOAS ENCANTADAS DE IMBITUBA

4.1 Natureza, Cultura, Paisagens e Mitos Açorianos

Lagoa

Eu não vi o mar.
Não sei se o mar é bonito,
não sei se ele é bravo.
O mar não me importa.

Eu vi a lagoa.
A lagoa, sim.
A lagoa é grande
e calma também.

Na chuva de cores
da tarde que explode
a lagoa brilha
a lagoa se pinta
de todas as cores.
Eu não vi o mar.
Eu vi a lagoa...

Carlos Drumonnd de Andrade

Imbituba, SC é constituída por três distritos com grandes bacias hidrográficas formadoras dos cursos d'água responsáveis pela distribuição das primeiras correntes povoadoras do município. Os caminhos terrestres e as vias fluviais, foram as rotas de conquistas e posses simbólicas dos antigos núcleos e futuras vilas e cidades, tiveram eles próprios que ser conquistados para permitir a ocupação posteriores de suas margens.

Seus bairros não são apenas topônimos comemorativos de ideologia européia ou da cosmovisão ameríndia, mas evocam narrativas míticas e enfabulações atemporais. Portanto, observa-se que a personificação do lugar a partir dos espaços e do objeto coletivo são construídos a partir da cultura, do espaço geográfico, das relações sociais e ambientais.

Brower (1980, apud Pol sd) diz que o sentimento de pertença é entendido como um sentido de posse que um habitante tem a respeito de um espaço particular

e sua associação com sua auto-imagem e sua identidade social. Esse sentimento está associado com a apropriação em dois sentidos: de proteção e de identificação.

Utilizando como referência os lugares naturais, como as Lagoas de Imbituba, elas foram descritas nos relatos que foram obtidos como elementos naturais formadores do sentimento de afeição, e estes são os mesmos lugares que atraem o turista e os novos moradores, constituindo movimentos que agradam e desagradam os nativos.

Em tese, o patrimônio geográfico que pertence ao município são as Lagoas que banham os distritos, os nomes que lhes foram dados é identificação dos pescadores.

Segundo Claval (1999, p. 207): “Os nomes dos lugares e das categorias de paisagens, permitem falar do mundo e discorrer sobre ele. Eles transformam o universo físico em um universo socializado”.

O espaço da Lagoa, desta maneira, traz estes lugares que são pontos onde a pesca do camarão, da tainhota, do siri, entre outros, podem ser encontrados com mais facilidade. Também são demarcados lugares propícios à diversão e à prática de esportes.

Para os idosos esses lugares representam o espaço do alimento que se unia ao trabalho e a lembrança da época de muitos peixes e também conta a história passada e presente de suas vidas. O pomar, o caminho, o bambuzal, a fonte, a casa onde nasceram e foram educados são lembrados nas figuras parentais, nos lugares mais íntimos, na proteção e na identificação, muitas vezes trazendo à tona um sentimento de nostalgia. As primeiras casas, aquelas construídas no início da vida conjugal, diversas vezes motivam o desvio do caminho, para encontrá-las além das recordações, das pescarias e da família. Já para os mais jovens, a lagoa é o lugar que dá para espiar e pescar, também é um lugar que os olhos não se cansam de olhar, que inspira o sentimento, a fruição, que ativa os sentidos, que relaxa e tranquiliza a alma e no horizonte de sua janela, eles não enjoam desta paisagem. É lá que eles alimentam seu afeto pelo lugar.

O sentimento de pertença do habitante nativo tem, por referência, a lagoa e as praias, lugares descritos por todos como componentes naturais da afeição por

Imbituba, sendo inclusive os que mais atraem turistas e novos moradores, em movimentos que agradam e desagradam aos nativos.

Essa consciência de um passado de superação trazido pelos moradores, como diz Tuan (1980): “Torna-se um elemento relevante no sentimento dado ao lugar. Ao falar sobre este espaço, os nativos enfatizam as suas raízes com o lugar.”

Como se observa nos relatos, as Lagoas de Imbituba são espaços que alimentam as necessidades biológicas, psicológicas e como cita Tuan (1983), até espirituais dos nativos.

Nessa crença Claval (1999) lembra:

> “os mitos estão nas toponímicas, a qual se encarrega de trazer uma dimensão sagrada ao lugar. É também este mito que reparte os homens no espaço e os vincula aos lugares. Toda geografia sagrada daí decorre, sendo uma matriz de enraizamento banhada no tempo mítico das origens,neste caso, das origens dessa população.”

Isso acontece porque, segundo alguns moradores, há muitos turistas na região que divertem-se com a prática do *surf* a qual afasta os cardumes de tainha, associando que na partilha muitos solicitam peixes e o nativo atende aos pedidos dos novos ocupantes, deixando muitas vezes de atender as necessidades de seus companheiros de pesca.

As transformações estão trazendo assim elementos que interferem de tal modo que favoreçam perda dos referenciais sócio-afetivo-culturais a ponto de alterar a auto-estima, o sentimento de pertença assim como, as atitudes de preservação ambiental dessa comunidade tradicional.

A apropriação do espaço faz parte da construção da identidade do ser humano e envolve relações inter e intra-subjetivas. As relações sociais, culturais e históricas que se dão no mundo concreto e simbólico vão se constituindo no contexto no qual o sujeito é construído.

De acordo com Foucault (2004), o sujeito é constituído e constituinte, quer dizer, ele se constrói nas tramas das relações sociais. Entende-se que o sujeito é construído no seu contexto, em que as dimensões afetivas, cognitivas e

comportamentais ajudam a tecer uma rede que envolve o espaço físico-social e os lugares mais íntimos, mais significativos.

Este espaço é, muitas vezes, apropriado pelo coletivo (cultura), outras pelo sujeito como ser singular, cuja particularidade se expressa na forma como se apropria. O fato é que no espaço apropriado, o sujeito se reconhece e reconhece os outros nele e no grupo, como esclarece Pol (sd, p. 45): "(...) *la apropriación del espacio – com todo su complejidad – aparece como uno de los núcleos centrales em la interacción entre el ser humano y su entorno físico*" ("... a apropriação do espaço – com toda a sua complexidade – aparece como um dos núcleos centrais na interação entre o ser humano e seu entorno físico").

Em Imbituba, os espaços relacionados aos habitantes mais velhos foram apropriados e transformados com o seu trabalho na terra. As marcas deixadas pelo trabalho na lavoura por meio das roças, dos quintais, dos caminhos fazem com que este habitante seja reconhecido até para o forasteiro que entra no lugar. Este forasteiro pode ser o turista, um curioso ou um cientista.

A cultura de subsistência dos nativos de Imbituba esteve ao longo das gerações vinculada ao cultivo de uma diversidade de alimentos. Embora houvesse esta cultura diversificada, o plantio da mandioca sempre foi predominante.

Segundo Lago (1996), o cultivo da mandioca foi uma prática herdada dos indígenas e que se constituiu na produção agrícola de maior significado também para os açorianos, dos quais a maioria dos habitantes de Imbituba é descendente.

Vê-se que o trabalhador rural, segundo Tuan (1983, p.112), é aquele que "não emoldura a natureza em lindos quadros, mas é profundamente consciente de sua beleza". A intimidade física, o contato físico com a terra e com a paisagem do lugar, a dependência da terra fazem-na ser um depósito de lembranças e de esperança. "A beleza está presente, mas muitas vezes não é expressa".

Proshansky (1976) enfatiza a integração do mundo interno e o ambiente do sujeito por meio do processo de apropriação do espaço. Ao mesmo tempo em que o sujeito se apropria do espaço e dos lugares, mais ele se apropria de si mesmo. Há uma transformação do espaço em um lugar que dê segurança, que permita a

manifestação da identidade, que evidencie os valores, as referências, os afetos é um espaço apropriado pelo sujeito.

Lago (1996) refere que tanto a terra quanto o mar, e neste caso também a lagoa, foram espaços apropriados para a atividade laboral da pesca artesanal e da lavoura por nativos de Imbituba, como em tantas outras comunidades litorâneas do sul de Santa Catarina.

A ênfase no trabalho familiar é um dos traços que prevalece entre os pescadores artesanais (MALDONADO, 1986) e nos modos de produção agrícola em regime de pequena propriedade conforme cita Lago (1996).

Como se percebe, o processo de apropriação está intimamente ligado a outros conceitos fundamentais da Psicologia Ambiental do lugar, a saber: identidade e personificação, construídas e reconstruídas por meio de laços vivenciados com o espaço ambiental.

A vida em torno da cultura da mandioca faz parte de um ritual que começa com a derrubada da mata e o plantio da mandioca, como já foi descrito anteriormente, passando pela 'farinhada' sempre depois da Páscoa, conforme relataram os nativos especialmente o morador entrevistado Antonio Vieira de Ibiraquera (2010).

Na época da farinha as pessoas vão para roça, arrancam a mandioca, colocam e carregam-na com o carro-de-boi até o engenho. Ao chegar ao engenho a mandioca é raspada com a ajuda de todos que podem ajudar. Depois de lavada é cevada. Esta última atividade na produção de farinha, antes era feito com auxílio de tração animal e hoje é usada a energia elétrica.

Segundo os nativos, esse processo envolve muitas pessoas, como familiares e vizinhos, que ajudam para depois serem ajudados na fabricação de sua própria farinha. Este trabalho coletivo é um processo bem relatado pelos nativos, mas a atitude da população atual deixa a desejar, como cita Antonio Vieira de Ibiraquera (2010):

"A farinha, todo mundo ajuda o vô. Eu raspo mandioca. Vem amigos ajudar,que o vô paga com farinha. Outros ajudam prá depois serem ajudados. O pessoal antigo é solidário. Os de hoje não."

Alguns moradores de Ibiraquera destacam os espaços, nos quais os barcos passavam para carregar a farinha: "O barco vinha de Laguna pela lagoa do Mirim, pelo rio, até chegar na ponte do Araçatuba, para pegar a farinha que era feita aqui neste lugar. " (ANTONIO VIEIRA, 2010) .

4.2 A Ponte como Símbolo de Integração

Para os nativos, um lugar relevante durante a pesquisa e que faz referência ao lugar são as pontes de Imbituba, em especial da lagoa de Ibiraquera. A sua construção tem o seu lado funcional por ter reduzido o esforço físico da comunidade para o comércio da farinha e do pescado, assim como ter facilitado o acesso dos habitantes da lagoa aos divertimentos em outras comunidades da região. Com a ponte, facilitou-se a movimentação tanto daqueles que transitam com seus próprios pés, como também para aqueles que fazem uso de meios de transporte. (JERÔNIMO, 2010)

Este valor tem sua afirmação nas palavras de Tuan (1980, p. 230), pois para ele a ponte é ao mesmo tempo um espaço "utilitário e um símbolo de conexão ou de transição de um lugar para o outro, de um mundo para outro".

O simbolismo da ponte, segundo Chevalier (2005), é um dos mais difundidos universalmente e tem o significado de dar passagem de uma margem a outra. Além deste significado, outros são atribuídos à ponte pelos nativos de Ibiraquera.

Em época de temporada de veraneio, a ponte apresenta o seu lado simbólico, vira trampolim para as pessoas que gostam de mergulhar no canal da lagoa. Assim os nativos relatam sobre o simbolismo da ponte em sua vida: "Tem outros espaços especiais, a lagoa e a ponte, local dos amigos. Lá a gente subia na sapata, pisava na craca, brincava de pegar na água, nadava". Como cita o entrevistado Leonardo Junior Silveira (2010)

Os nativos de Imbituba vivem num espaço cercado por lagoas e pelo mar, com praias lindas propícias à prática do *surf.* Dentro do espaço da praia eles participam com grande frequência de atividades sociais ou laborais, como o futebol ou a pesca da tainha, porém o *surf* trouxe aos jovens a organização de uma associação que lhes desse uma identidade num lugar de um forte sentimento de pertencimento, como escreve Tuan (1980).

Claval (1999) diz que uma estátua ou um monumento pode despontar como um referencial de lugar. O *surf*, mesmo sendo um esporte mundial e com símbolos específicos como a prancha e o surfista, elementos de utilização contemporâneos e uma prática de aculturação, em Imbituba é representado por um monumento que oferece uma marca ao *surf* nativo.

Todo este descrever sobre a auto-estima e o sentimento de pertença dos nativos de Imbituba reporta as palavras de Capra (2002), refletindo sobre como a qualidade do ar, da água, da topografia da terra e dos modos de vida interferem no bem-estar das pessoas.

Segundo Capra (2002), ares, mares e lugares representam um tratado sobre a ecologia humana. Em Imbituba, a paisagem maravilhosa exemplificada nos espaços físicos, sociais e culturais, ainda se encontram espaços de criatividade, de liberdade, de amizade e de solidariedade. Manifestam-se também momentos de mudanças, de abertura a novas amizades, novos conhecimentos e de uma cultura nova.

Por fim, as transformações estão trazendo elementos que interferem de tal modo que possam favorecer a perda dos referenciais sócio-afetivo-culturais a ponto de alterar a auto-estima, o sentimento de pertença assim como, as atitudes de preservação ambiental dessa comunidade tradicional.

4.3 As Tradições Folclóricas em Imbituba

A festa do Divino ou a Bandeira do Divino é uma tradição que mescla, como na festa de São Pedro, elementos sagrados e profanos, que ainda merecem respeito e consideração entre as pessoas.

Gomes (1993) conta que o culto ao Divino Espírito Santo surgiu no arquipélago dos Açores, e foi trazido para o Brasil e outros lugares onde os açorianos se estabeleceram. Segundo as pesquisas do autor, acredita-se que a prática do Divino Espírito Santo tenha sido criada pela invocação dos religiosos quando das erupções vulcânicas que assolaram as ilhas dos Açores e que a população os tinha como castigos.

Sachet (1997, p. 93), considera que o encontro entre os aspectos da Teologia católica sobre o Espírito Santo, da história do povoamento trazido com os açorianos e da sociologia contemporânea "produzem um espetáculo no qual o religioso e o profano convivem em áreas impossíveis de serem delimitadas."

Sachet (1997) ainda descreve:

> "A Bandeira do Divino traz uma pombinha no topo do cetro, simbolizando a presença da Santíssima Trindade, as insígnias e as cores das fitas coloridas simbolizam a extensão da comunidade. O ato de beijar a testa da pomba, o tocar as fitas, as cantorias dos foliões que são pagas com oferendas que serão colocadas a disposição das festividades do Divino. Desta forma, essa comunidade tradicional, mantém viva a tradição dos ascendentes açorianos."

A farra do boi constitui outra prática típica dos Açores e divide as opiniões entre os nativos que aderem à brincadeira, justificando-a da maneira seguinte: "a farra do boi, que é proibido, mas sempre se faz... Não acho errado do jeito que eles fazem, eles soltam o boi na rua e o povo sai correndo atrás." (SACHET, 1997)

O Terno de Reis foi outra prática tradicional referenciada pelos entrevistados e que permanece apenas na lembrança dos idosos. Farias (2000) lembra que a cantoria do Terno de Reis, faz parte da tradição das comunidades litorâneas, contendo motivações religiosas e profanas. O termo 'Terno de Reis' nasceu da

existência de três vozes: a repentina, a tripa e o coro. Um grupo de pessoas percorre o espaço da comunidade, tocando, cantando e dançando. Ele aparece na comunidade nas festas natalinas, passagem do ano e no dia 6 de janeiro, dia dos Santos Reis, para comemorar o nascimento de Cristo e a adoração aos três Reis Magos. Os nativos lembram que anteriormente o Terno de Reis era muito presente, mas hoje é pouco celebrado. Além do Terno de Reis, a ratoeira também não existe mais na região.

Segundo Farias (2000), a ratoeira constitui-se de uma dança típica de roda que embala as comunidades tradicionais litorâneas, ao som de cantorias e versos.

O Boi de Mamão foi pontuado pelos nativos como atividade folclórica importante na comunidade, pois proporcionava momentos de interação dos nativos e a integração com outras comunidades próximas de Imbituba.

Da mesma forma como todos os povos, os habitantes de Imbituba também possuem suas crendices, suas tradições e suas superstições que são transmitidas por intermédio de lendas, contos, narrativas, provérbios e canções. Esses são repassados de geração em geração na, maioria das vezes, pela oralidade, prática típica das comunidades tradicionais, como escreve Claval (1999).

As estórias de encantamento e assombração, bem como de personagens folclóricos, fazem parte do imaginário desses nativos e ainda são narradas com toda criatividade dos idosos, e que desafiam a imaginação dos jovens como relatam os nativos.

Segundo Antonio Vieira (2010), o ‘boitatá’ faz parte de uma antiga lenda indígena do folclore brasileiro, designando um gênio que vaga por lugares sombrios e que incendeia a imaginação popular. Martins (1995) reforça as palavras do autor acima, afirmando que índios tupi-guaranis eram ótimos mestres na arte de criar lendas. Então para Farias (2000), muitas dessas lendas vieram dos Açores, outras foram incorporadas da população indígena da região e Outras ainda, foram sendo criadas com o passar do tempo, resultantes do imaginário do habitante do litoral em suas relações com o espaço de vida.

O ‘lobisomem’ também é um personagem forte no imaginário coletivo da humanidade, como traz Martins (1995), e que se mantém vivo nas comunidades

rurais de descendência açoriana. A Lagoa do Timbé, os moradores dos aos redores contam, que os cavalos que iam beber água, amanheciam mortos. A lagoa tinha uma espécie de areia mole no fundo que puxava as pessoas e acabavam morrendo, até mesmo os animais.

Outras histórias de encantamento desta região foram trazidas pelo entrevistado Armandio Vieira (2011) que demonstrou ser bastante supersticioso. Este comportamento mítico observado nas entrevistas remete aos estudos de Ângela Furtado Braum citada por Caruso (1996), que ao percorrer as Ilhas dos Açores sempre ouviu estórias populares envolvendo casos de bruxaria e, superstições. Segundo a pesquisadora, as famílias e os vizinhos se reuniam ao anoitecer para contar e ouvir estórias, enfatizando os contos de estórias empolgantes e os casos de assombração.

Os provérbios ou ditados populares, segundo Farias (2000), caracterizam-se nas maneiras de expressão da sabedoria popular, incluindo sempre uma mensagem figurada como são exemplificados por nativos: “Tem os ditados populares que são verdadeiros: “gato com fome come sabão”, “o que os olhos não vêem o coração não sente...”, lembrando as cantigas de roda e de ratoeira cantadas pela avó e “que mexe com toda a criatividade da pessoa.”

Romanceiro Açoriano - Misto de um cordel e elegia,saga de um povo a partir do Regionalidade. Apresentado em três atos, este poema-ópera faz ver e sentir o tempo e a história que escolheram a nesga de espaço do Sul Catarinense para desfilarem destinos em que a vida e a morte, a derrota e a glória são os personagens centrais. (MARTINS, 1995)

Como se pode perceber, o folclore de Imbituba inspira a interação de várias faixas etárias, e a compreensão dessas expressões populares se reveste de grande importância, pois leva a conhecer os elementos que constituíram, ao longo das gerações, o espaço cultural desses habitantes, o que equivale a dizer que essa cultura constitui a própria identidade do nativo de Imbituba.

Grande parte do artesanato da região está relacionada ao trabalho, mais precisamente à agricultura, à ‘farinhada’ e à pescaria. Porém, os idosos colocaram a necessidade e o prazer de criar animais como relata um dos nativos: “Eu me criei

cuidando de gado e será a última coisa que eu hei de cuidar. Porque se de manhã eu não tiver o gado prá cuidá, o leite prá tira, eu vou senti falta."

Silveira (2011), outro morador da região entrevistado, comenta sobre o desaparecimento do processo da 'farinhada' entre os das gerações mais novas: "A farinhada ta acabando, os filhos não querem fazer."

Os nativos destacam os espaços, nos quais os barcos passavam paracarregar a farinha: "O barco vinha de Laguna pela lagoa do Mirim, pelo rio, até chegar nas ponte do Araçatuba, para pegar a farinha que era feita aqui neste lugar ".

Com esta constatação se chega às transformações do espaço sócio-cultural e afetivo dos habitantes de Imbituba por meio da chegada da pós-modernidade.

4.4 Relação Geral das Lagoas e Suas Características

A origem das lagoas de Imbituba foi causada pelo recuo do mar durante milhares de séculos, como consequência da elevação da costa sul-catarinense. Este processo é contínuo e ininterrupto de modo que os lagos atualmente existentes serão, no futuro, completamente isolados do mar.(Plano Diretor Sustentável de Imbituba,2010).

A topografia original delimitou profundamente o tamanho destas lagoas. A maior lagoa é aquela pertencente ao distrito de Mirim. É a que possui maior importância comercial, pois em suas margens encontra-se grande número de pescadores, e também é usada como local de veraneio, e onde se localizam clubes e associações. A Tabela 3 mostra a relação, por bairro, das lagoas principais e a Figura 4 a sua localização geográfica ao longo de Imbituba.

Tabela 3 – Relação das lagoas em Imbituba em cada bairro.

Localização (bairro)	Nome
Ibiraquera	Lagoa da Araçatuba
Ibiraquera	Lagoa Doce
Ibiraquera	Lagoa do Meio
Ibiraquera	Lagoa do Peri
Ibiraquera	Lagoa do Quintino
Ibiraquera	Lagoa do Saco
Guaiúba	Lagoa do Piala
Itapirubá	Lagoa do Timbé
Paes Leme	Lagoa da Bomba
Paes Leme	Lagoa da Barra
Mirim	Lagoa do Mirim
Vila Nova	Lagoa do Porto da Vila

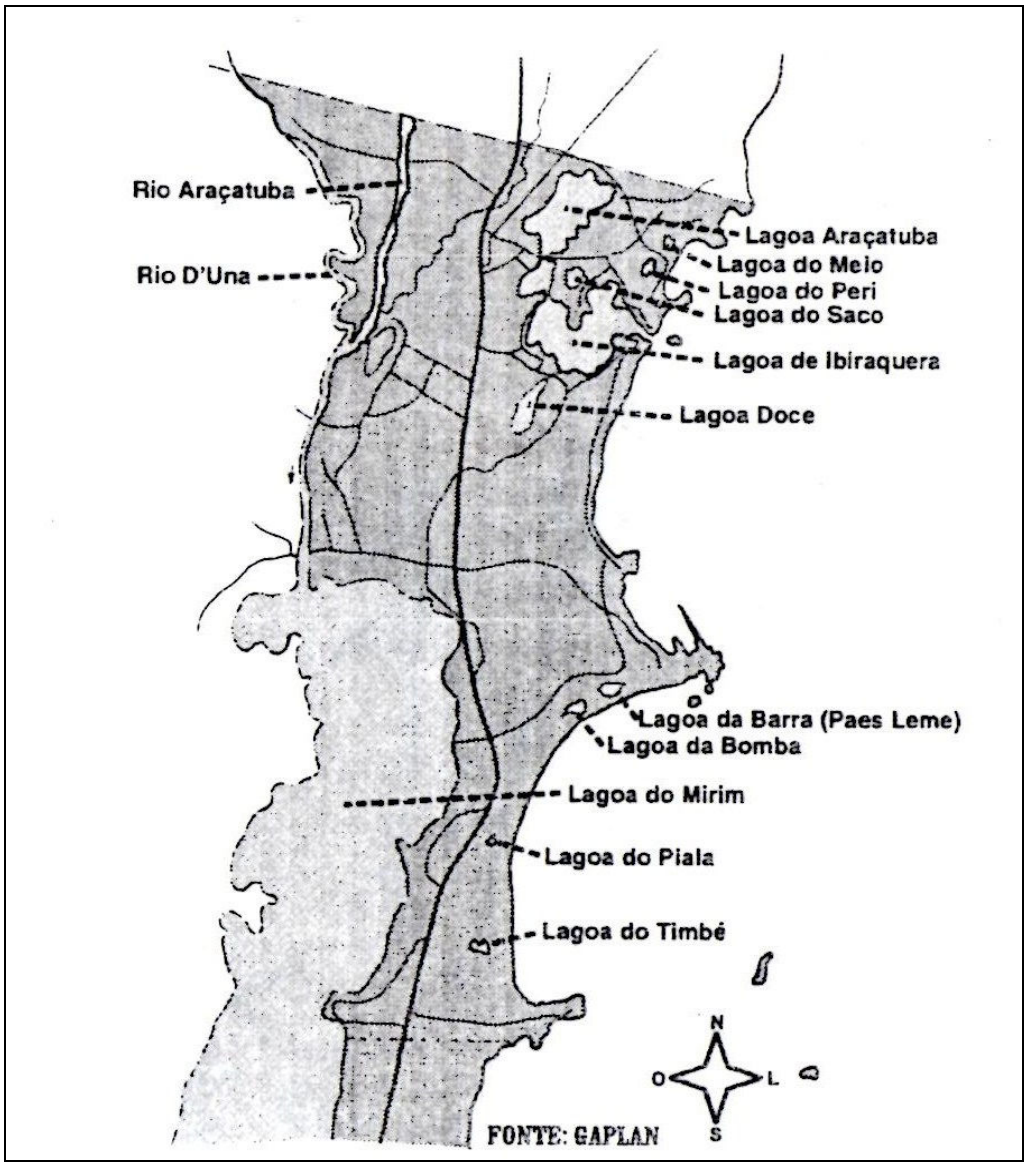


Figura 4 – Localização geográfica das lagoas de Imbituba, SC. (Fonte: GAPLAN, 2011)

4.4.1 Descrição das lagoas e dos pontos turísticos de Imbituba

As lagoas de Ibiraquera

Ibiraquera é o bairro com maior quantidade de lagoas em Imbituba. São locais de águas tranquilas, próprias para a prática de *Windsurf*, mergulho, canoagem, pesca e outros esportes náuticos. A Figura 5 mostra as lagoas desta região.

Foto: Mariana de Medeiros, 2011

(a)

Foto: Mariana de Medeiros, 2011

(b)

Foto: Mariana de Medeiros, 2011

(c)

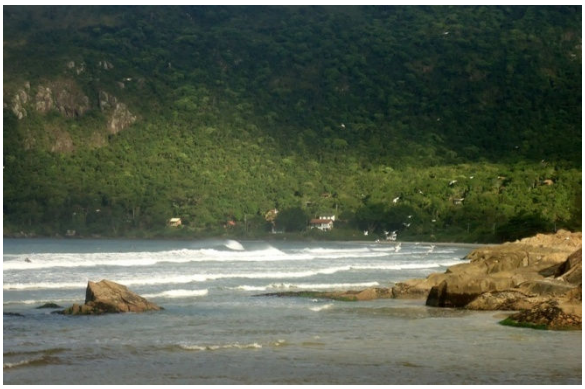


Foto: www.riozinho.net

(d)

Foto: Mariana de Medeiros, 2011

(e)

Foto: Mariana de Medeiros, 2011

(f)

Figura 5 - Lagoas de Ibiraquera: (a) Lagoa de Araçatuba, (b) Lagoa Doce; (c) Lagoa do Meio; (d) Lagoa do Peri; (e) Lagoa do Quintino; (f) Lagoa do Saco. Imbituba, SC.

O camarão rosa, espécie de crustáceo mais apreciado no mundo, é encontrado em abundância nas lagoas do Ibiraquera, contribuindo para o enriquecimento da gastronomia local, juntamente com outros espécimes capturados ao longo da faixa litorânea que banha o município de Imbituba.

A comunidade de ascendência açoriana é composta por cerca de 2.500 habitantes e nos meses de alta temporada ocorre uma flutuação de pessoas que chegam como turistas, pois muitas possuem uma segunda residência no bairro.

Por uma situação geográfica muito especial, o bairro de Ibiraquera apresenta três lugares de interesse particular para os turistas: a Praia do Rosa, a Barra da Ibiraquera (Figura 6) e as Lagoas de Ibiraquera citadas.

Foto: hagah.com.br

Figura 6 – Lagoa da Barra de Ibiraquera, Imbituba, SC.

A Barra, por exemplo, apresenta um alto grau de urbanização e possui tanto moradores fixos quanto uma população flutuante (pessoas que possuem imóveis, mas os utilizam em temporadas) e a população turista. É bastante frequentada, pois oferece duas opções: as águas turbulentas do Atlântico e as águas tranquilas da Lagoa de Ibiraquera. Têm-se observado que assim como as paisagens do entorno da Lagoa de Ibiraquera mudam, os seus habitantes também se renovam a cada temporada. Chegam os que querem dela usufruir seus encantos, saem os que nela nasceram para construir um novo modo de vida que o município de Imbituba não oferece.

A beleza do espaço da Barra em Ibiraquera evidencia a importância que o turista dá ao lugar, porém, esta ocupação, realizada por pessoas que chegam como turistas, modifica os modos de vida do nativo, pois se percebe que as roças de mandioca, milho, feijão e amendoim, cultivadas para sustento, aos poucos, estão sendo ocupadas por alguns loteamentos clandestinos, nos quais surgem mansões e

pousadas, que contrastam com as moradias populares e, em alguns locais, as casas dos mais idosos ou falecidos precisam ser demolidas, ficando somente os pés de anogueiros e os bambuzais, para sinalizar que aquele lugar já foi morada de um nativo.

Além das observações acima descritas, percebeu-se que os antigos caminhos de carros de bois que cantavam ao longo de seu destino – das roças ao engenho – estão sendo substituídos por ruas lajotadas, deixando invisíveis os rastros deste tipo de transporte que ainda teima em transitar pelo lugar. Notou-se, também, o desrespeito dos banhistas com relação aos pescadores nativos, pois o turista deseja ter seu lazer satisfeito enquanto o pescador precisa entrar nas águas desta lagoa, para dali tirar seu sustento. Nos espaços culturais percebeu-se a demolição dos engenhos artesanais de farinha de mandioca. Vendidos a pouco preço, levando consigo a história e a cultura destes habitantes.

Cercado por lindas praias e suas lagoas, o bairro Ibiraquera por sua vez, deve também ter inspirado os ancestrais desta terra, chamando-a de “Ibirá” que significa “pau” e o sufixo “Ku’er” significa “velho”, dando origem ao nome Ibiraquera.

Desta soma de palavras de origem tupi, Ibiraquera representa o “recanto de vegetação antiga”. Ainda hoje é possível encontrar, nos morros da Barra de Ibiraquera e na Praia do Rosa, dois grandes sambaquis, lugar sagrado dos primeiros habitantes do bairro e que servem de referência para os atuais nativos. Estes lugares, entre outros que estão sendo mapeados para proteção histórica de Imbituba, farão parte do Eco-museus, após a efetivação do Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentável de Imbituba, que ocorreu em 2005.

Diante de tantos significados trazidos pela civilização tupi-guarani para nomear os lugares que habitavam até serem extintos, fica a marca toponímica deixada por eles para a história, hoje lembrada muitas vezes sem o conhecimento e a consciência de quem sabia conviver com a natureza. Anísio Mello ao prefaciar a obra de Masucci (1978), assim se coloca:

> “As linguagens primitivas, em extinção ou não, fazem parte de um acervo cultural indispensável para qualquer país que preza as suas raízes, e zela pela imortalidade do que há de mais autêntico e puro, que é língua de seus ancestrais”.

Os atuais habitantes apontaram durante o processo de pesquisa, embora seja encontrado este significado para a toponímica de Ibiraquera, outras variantes simbólicas. Segundo alguns entrevistados, o nome Ibiraquera está ligado à árvore Imbira, muito comum na região, hoje praticamente extinta. Trata-se de uma planta utilizada pelas pessoas da comunidade para fabricar cordas, dada à resistência de seu tronco. Já um pesquisador nativo, em sua monografia relaciona ao topônimo às águas claras de suas lagoas (Adelino, 1992).

É nesta paisagem que Ibiraquera enamora seus visitantes e que o turismo se populariza neste espaço. Entre os muitos lugares de apropriação nativa e de ocupação turística, observa-se nas praias os favoritos pelos novos habitantes.

Tanto na Barra quanto na Praia do Rosa existe uma proliferação de bares, restaurantes, pousadas e casas luxuosas dos veranistas, em contraste com as casas mais rústicas dos nativos. As estradas de chão ou de calçamento substituem os antigos caminhos de carro de boi ou as trilhas dos nativos que as utilizavam para chegar até as roças ou ao mar. São estradas sinuosas, contornando as encostas dos morros, ou, literalmente, subindo e em alguns pontos são estreitas e perigosas

No que diz respeito à área de Ibiraquera, sua ocupação teve início em meados de 1880, com a chegada das famílias Teixeira, Silveira e Souza - as duas primeiras originárias de Imbituba e a última de Garopaba. (Avelar, 1993)

Segundo Avelar (1993), a cultura indígena deixou seu legado na área, principalmente na alimentação (amendoim, mandioca e derivados - farinha, beiju, bijajica), nos utensílios de pesca e nas tramas de balaios e esteiras. O legado indígena responde também pelo nome dado à área - Ibiraquera - que tem origem na cultura indígena do tupi-guarani:

‘Ibira’ significa árvore, madeira; ‘qué’ significa aqui; e ‘ra’ significa o verbo colher (Avelar, 1993 p. 23). Além disso, ainda hoje podem ser constatados na localidade resíduos de um expressivo patrimônio cultural açoriano, que inclui as artes da pesca, a culinária, o artesanato, as festas religiosas e os usos de farmacopéia nativa.

Lagoas do bairro Paes Leme

Localizadas no bairro Paes Leme, as lagoas da Bomba e da Barra, Figura 7, eram os locais onde as lavadeiras se reuniam para trabalhar. Hoje estão abandonadas porque as mesmas deixaram de praticar esta atividade no local e, por falta de controle dos dejetos que são diretamente jogados em suas águas, dificultando a preservação das mesmas.

Foto: Mariana de Medeiros, 2011

(a)

Foto: Lourenço Luiz Di Pietro , 2012

(b)

Figura 7 – Lagoas da Bomba (a) e da Barra (b), situadas em Paes Leme, Imbituba, SC

A Lagoa da Bomba está possui área de 92.345,37m² e perímetro de 1.490,64m, e uma profundidade máxima de 3m. É vulgarmente chamada de Lagoa da Bomba porque no passado, durante a fundação da cidade de Imbituba, usava-se uma bomba para extrair água e levar até uma usina termoelétrica que ficava em suas margens. Também foi usada para o abastecimento de água da região próxima.

No programa de promoção de projetos especiais privados de interesse municipal são apresentados aqueles relacionados ao saneamento básico de Imbituba e as lagoas da Bomba e da Barra para recuperá-las e adequá-las de tal maneira que possam ser aproveitadas como um “Parque Urbano”. A formulação do projeto deverá incorporar a descontaminação das lagoas e suas margens, além de levar em conta acessos, equipamentos, serviços complementares, tipos de usos permitidos, projeto paisagístico propriamente dito, etc.

Lagoa do Piala

A Lagoa do Piala, Figura 8, é uma pequena lagoa que fica no bairro Guaiúba em Imbituba, SC, muito próximo a BR-101 e estrada de ferro e, ao sul, há mais ou menos 500m de distância, fica a Praia da Vila, e circundada por pequena mata e dunas.

Foto: Mariana de Medeiros, 2011

Figura 8 – Lagoa do Piala, Guaiuba, Imbituba, SC

Em entrevista feita com o Sr. Pedro Jorge Soares verifica-se que essa lagoa tem hoje dimensões de 100mx30m (aproximadamente), mas já foi bem maior e teve seu tamanho reduzido com o tempo por causa da ação dos ventos que deslocaram as areias das dunas para dentro da lagoa.

Pedro Jorge Soares (2011) contou também na entrevista, que no passado a profundidade da Lagoa do Piala, em seu centro geométrico, já tenha atingido 8m. Segundo depoimentos desse morador antigo e que conhece profundamente a região, o nome "Piala" teria se originado de um apelido dado ao primeiro proprietário das terras que circundavam toda a Lagoa - Sr. Antonio Pedro Carvalho - que gostava de cavalos e falava muito em apear (parar e desmontar dos cavalos). O nome teria se originado desse termo. Conta-se que outrora existia um jacaré, muitas aves (principalmente marrecas - que eram alvo de caçadores da região), e uma boa variedade de peixes como: cará, jundiá, tilápias, entre outros. As pescarias nessa lagoa eram feitas mais com caniço de bambu e uma espécie de armadilha para peixe que naquela região se chamava "cofé" - que é um tipo de pequeno balaio de

palha cujas dimensões eram de aproximadamente 80cmx20cm, dentro do qual era colocada uma isca para peixes.

Conta-se também, de um acidente com morte envolvendo um caçador de marrecas, que tendo de ir buscar a nado sua presa abatida não conseguiu mais voltar.

Lagoa do Timbé

A Lagoa do Timbé, Figura 9, pertence a uma bacia hidrográfica no bairro de Itapirubá. É cercada por dunas, bela como a natureza lhe propicia, possui em seu interior uma erva e como suas águas são muito claras, é possível vê-las no fundo da lagoa. Às margens dessa lagoa existem áreas urbanizadas, pastagens e atividades agrícolas e na direção nordeste da mesma existe uma mata em regeneração que separa a lagoa da área urbanizada.

Foto: Mariana de Medeiros, 2011

Figura 9 – Lagoa do Timbé, Itapirubá, Imbituba,SC.

É considerada imprópria para o banho. Para os nativos essa lagoa é considerada a mais perigosa, pois alguns anos atrás houve relatos de mortes e até mesmo relatos assombrosos que ela possuía em seu interior uma areia mole que o banhista ao tentar tomar banho era puxado por uma correnteza de água e acabava, acidentalmente, morto. Os cavalos que dela se aproximavam para tomar água também passavam pela mesma situação. Hoje continua uma água cristalina, e só quem não a conhece entra em suas águas para se banhar.

Lagoa do Mirim

Na Lagoa do Mirim, Figura 10, acontece a pesca do camarão e de outros pescados. A pesca faz parte da história de Imbituba desde tempos passados, quando era apenas um meio de subsistência das famílias.

Foto: flickr.com

Figura 10 – Lagoa do Mirim, Mirim, Imbituba, SC.

O povo, ao longo da história contada pelos moradores mais antigos, diz que essa lagoa já serviu até para o desembarque de negros que serviam de escravos nos engenhos da região, desembarque esse que era feito na costa da lagoa e os escravos trazidos para a Praça Santana para a execução de sua venda aos donos de engenhos da região.

A comunidade do Mirim ainda apresenta marcas muito fortes, quanto ao ciclo cultural açoriano que tem a festa do Divino Espírito Santo como uma de suas tradições.

O ciclo do Divino Espírito Santo se inicia após o Domingo de Pentencostes. A lagoa é o elo, onde as embarcações esperam para dar continuidade ao cortejo que segue sobre as águas até a comunidade de Praia Vermelha, Município de Imaruí, onde são todos recebidos com fé e devoção, dando início as visitas às residências.

Na lagoa também havia diversas emendas - grupos de pescadores que se uniam para pescar. Cada emenda era constituída por muitos pescadores e era

conhecida pelo ponto em que estava localizado o rancho da canoa, chamado Porto da Emenda ou pelo nome.

As Lagoas denominadas Garopaba, Ibiraquera e Mirim ficaram conhecidas pela abundância de camarões. Esse crustáceo se cria em lagoas que apresentam um grau mínimo de salinidade trazida pela água do oceano, que entram na lagoa no estágio larval e permanecem nesse ambiente até se tornarem adultos, quando retornam ao oceano para desovar, dando origem às novas larvas. Embora tenha sido a principal espécie geradora de renda no passado, a sobrepesca e problemas ambientais afetaram a resiliência desse recurso, gerando oscilações na produção e reduzindo sua importância econômica. Dessa forma, ampliou-se a pesca de siris e peixes, com destaque para a savelha e a tainhota.

Na Lagoa do Mirim, por vezes, essas espécies assumem o caráter de principal fonte de renda ligada à pesca. Como se demonstra mais adiante, a queda na renda também forçou a ampliação da pluriatividade nas famílias pescadoras, induzindo-os ou outros membros da família a exercerem atividades fora da pesca, com mais intensidade nos períodos de produção baixa de peixes e/ou camarões.

Segundo alguns pescadores entrevistados, a redução da disponibilidade de camarão e peixes nas lagoas foi causada por um conjunto de fatores. Como elementos comuns foram relatados os impactos negativos da pesca industrial de camarão no oceano, efetuada antes da desova no mar, problemas na gestão dos recursos pesqueiros, o excesso de chuvas e a poluição.

Nas Lagoas de Garopaba e de Ibiraquera os pescadores chegaram a perder o poder de decisão sobre algumas práticas tradicionais ligadas ao sistema pesqueiro, a exemplo da época de abertura da barra dessas lagoas. Já na Lagoa do Mirim, o quadro encontra-se agravado por causa do grande número de embarcações e a contaminação proveniente das plantações de arroz irrigado, cujas águas deságuam na lagoa através do Rio d'Una.

Como o esforço de captura industrial de camarão no oceano é muito intenso, diminuiu a quantidade de animais adultos que desovam, afetando a disponibilidade de larvas para retornar às lagoas e manter o ciclo. Os pescadores da Lagoa do Mirim relatam ainda que o período de defeso estabelecido para essa lagoa, de 15 de

julho a 15 de novembro, não inclui as embarcações. Dados não publicados e sujeitos à alteração que constam da portaria da Secretaria de Monitoramento e Controle da Pesca e Aquicultura do Ministério da Pesca e Aquicultura (Semoc/MPA, N°22 de 25 de janeiro de 2010). Essa portaria suspendeu 4.840 carteiras de pesca em Santa Catarina pelos motivos seguintes: óbito, benefício previdenciário e vínculo empregatício com remuneração. Em Garopaba e Imbituba as suspensões foram, respectivamente, de 185 e 98 carteiras de pesca.

As Colônias de Pescadores são organizações representativas dos pescadores artesanais. A partir de 2009, essas instituições passaram a ter *status* de sindicato e abrangência mínima de um município. Em sua grande maioria, as colônias possuem deficiência organizativa que restringe seu poder político, cumprindo normalmente papéis assistencialistas e reforçando o clientelismo local.

Lagoa do Porto da Vila

A Lagoa do Porto da Vila no bairro Vila Nova, Figura 11, contempla parte mais importante da história econômica e social do município de Imbituba. Oriundos do Rio de Janeiro, os hidroaviões de Henrique Lage, fundador da cidade, amerissavam nas águas calmas da Lagoa do Mirim e aportavam no cais em forma de cruz. Isso aconteceu por volta de 1930. O local depois serviu de armazém de carvão e lenha. Esta lagoa também servia como ponto de encontro dos casais enamorados em passeios de barco.

Foto:belasantacatarina.com.br

Figura 11 – Lagoa do Porto da Vila, Imbituba,SC.

Hoje, a Lagoa do Porto da Vila é um ótimo local turístico para lazer, descanso, e apreciação da gastronomia local.

Os morros de Imbituba

Os morros do centro de Imbituba são um dos recursos naturais mais importantes do município para serem preservados e valorizados (também, talvez, um dos recursos com maior perigo de ser destruído por causa da expansão urbana não planejada). Por isto, foram definidos, segundo o Plano Regulador e o modelo Espacial, como Zonas de Proteção Ambiental (ZPA)

O objetivo é preservar este ecossistema com valor paisagístico-ecológico por sua riqueza geológica, a flora e a fauna.

Após a avaliação efetuada no lugar sugere-se elaborar um registro inventário e catálogo de seus recursos naturais. Avaliar o estado de conservação do ecossistema, elaborar medidas (e normas) de conservação, proteção e valorização do sistema segundo áreas e tipos de recursos (elaborar um Plano de manejo), fomentar a conscientização e sensibilização sobre o valor dos mesmos e divulgar monitoramento, fiscalização e controle do estado deste recurso.

Trilha do Caminho do Rei

Na trilha do Caminho do Rei encontram-se antigos engenhos de manejo da cultura agrícola, herança da cultura açoriana, Figura 12. A trilha contorna a Lagoa do Peri em Ibiraquera e do alto do morro existe uma vista panorâmica do Porto de Imbituba e a Ribanceira. Foi por esta trilha que o Rei de Portugal, D. João VI, passou quando veio ao Brasil visitar as fronteiras com a Espanha durante o tratado de Tordesilhas.

Foto: http://dnadavibe.webnode.com.br

Figura 12 – Trilha do Caminho do Rei, Imbituba, SC.

Trilha da Pedra Branca

A trilha da Pedra Branca está localizada na Encantada, local que recebeu este nome por causa de muitos encantamentos da região. Esta trilha passa por um casarão de estilo açoriano datado de 1915, onde funcionou o maior armazém da região. Mais adiante estão as ruínas da residência de um importante senhor de engenho e a única roda d'água da região que ainda funciona e que move uma serraria construída em 1947. Por fim, a estonteante vista panorâmica das praias e lagoas da região é um colírio para os olhos dos visitantes.

Museu Henrique Lage

O Museu Henrique Lage é conhecido como o Museu da Baleia Franca de Imbituba e está localizado na praia do Porto. Resgata parte da história de Imbituba, quando as baleias francas eram caçadas desde 1796 (Figura 13). O fim da pesca da baleia franca ocorreu em 1829. No museu estão expostos equipamentos e instrumentos usados na caça à baleia. Este museu, o primeiro do gênero na América Latina, é um dos equipamentos históricos e turísticos mais importantes do Brasil, que atrai turistas e pesquisadores do mundo inteiro. (http://www.sc.gov.br)

Foto: www.tempreguicanao.com.br

Figura 13 - Caça à baleia franca, Imbituba, SC.

Estrada de Ferro D. Tereza Cristina

Esta estrada foi inicialmente construída para o transporte do carvão. Chamada de Estrada de Ferro D. Tereza Cristina, Figura 14, foi financiada e construída pelos ingleses com larga experiência na construção de estradas de ferro. A empresa que deu nome à ferrovia chamava-se "T*he Donna Thereza Christina Railway Company Limited*". Este nome era uma homenagem feita em troca a " .... elevados favores partidos do coração sensível e boníssimo do nosso último imperador" (ZUMBLICH, 1987). Sua construção era fiscalizada pelo Governo e teve início, em 18 de dezembro de 1880, e fim, em 1884. O tronco que ligava Imbituba às minas de carvão tinha várias estações uma delas a Estação de Imbituba. As oficinas da companhia inglesa situavam-se inicialmente em Imbituba. (ZUMBLICH, 1987)

Atualmente a ferrovia é utilizada para viagens turísticas.

Foto: Rodrigo Althoff

Figura 14 – Ferrovia Dona Teresa Cristina. Imbituba, SC.
(Fonte: http://www.unesc.net/post/64/10/12659)

Capela de São Pedro

A Capela de São Pedro, Figura 15, é conhecida como Capelinha da Praia e foi a primeira capela do município, construída em 1886.

Foto: mccgedtbviaboluol.com.br

Figura 15 – Capela de São Pedro, conhecida como Capelinha da Praia, 1886. Imbituba, SC.

Terra do primeiro milagre de Santa Paulina

Foi na cidade de Imbituba que, em 1966, aconteceu o milagre que canonizou Madre Paulina. A dona Eluiza Rosa de Souza, hoje com 61 anos de idade, mora em Imbituba e conta com emoção a história do milagre para os curiosos. A partir desse fato foi construída a igreja na área urbana de Imbituba, com a colaboração da própria comunidade num verdadeiro mutirão. No Bairro de Paes Leme, chamada de São Camilo e Madre Paulina, pois São Camilo é o nome do único hospital do Bairro.

4. 4 Festa do Divino Espírito Santo e Sant'Ana do Mirim

Em Imbituba, os Distritos de Vila Nova e Mirim têm Sant'Ana como padroeira, onde se realiza, anualmente, uma festa em homenagem aos Divino Espírito Santo e Santa Ana. A igreja de Sant'Ana de Mirim, Figura 16, foi edificada ao redor de 1800 e elevada a categoria de Paróquia no dia 28 de abril de 1856, pela Lei Provincial nº 413, e o presidente da Província era o Senhor João José Coutinho.

É hoje presença marcante no calendário religioso e cultura no município. Vem merecendo a atenção especial de pessoas interessadas na tradição de seu povo. A comunidade do Mirim, ainda apresenta marca muito forte no ano cultural açoriano da festa do Divino Espírito Santo. Sendo a Vila de Mirim, antiga Freguesia Santa'Ana de Mirim, incluída entre uma das mais antigas de Santa Catarina, destaca-se em

importância na história do Estado, e é representada também pelo seu povo como uma antiga comunidade de fé.

Foto: SANTUR, 2008

Figura 16 – Igreja Sant'Ana do Mirim, Imbituba, SC. Sua construção teve início em 1844 e elevada à categoria de Paróquia em 1851.

A exemplo de outras áreas de colonização açoriana da mesma forma em Vila Nova e Sambaqui, em Mirim, impera a tradição da Festa do Divino Espírito Santo e da Padroeira Sant'Ana. Segundo informações de pessoas tradicionais desta comunidade, esta festa teve origem à época em que Mirim foi elevada à categoria de Paróquia, em 28 de abril de 1856. Os preparativos para os festejos se iniciam com a saída da Bandeira para o peditório, ou seja, em cada casa que a bandeira visita, nas várias comunidades, acompanhada dos foliões, as famílias contribuem com uma doação para a igreja. Terminando o peditório nas comunidades, o que acontece num período de quatro a cinco meses, a bandeira retorna à sua comunidade para dar início à festa.

A festa do Divino utiliza muitos elementos, que simbolizam o culto ao Espírito Santo. Dentre eles, destaca-se a Coroa do Divino Espírito Santo, originalmente feita em prata; e os Impérios do Divino, que são os locais onde estão expostos a Coroa e outros símbolos do culto.

Segundo Martins (2003), a Bandeira do Divino Espírito Santo (Figura 17), também conhecida em Imbituba e região como a Bandeira Petitória do Divino, tem a tripla finalidade de propagar a fé no Divino Espírito Santo de Deus, anunciar a Festa

do Divino, e arrecadar donativos em dinheiro para a Festa por meio das coletas na salva (sacolinha vermelha com a Pomba do Divino) e ainda receber o pagamento de promessas.

Figura 17 - Bandeira do Divino Espírito Santo de Mirim, Imbituba, SC. (Fonte: Martins, 2003)

As Cantorias da Bandeira acontecem há dois séculos. Compõem-se por três cantores principais, que são: um “tirador de versos” com motivos repentistas, isto é, versos da ocasião: um “ fineiro” que canta de fino no final dos versos e o cantor solo que faz a segunda voz com o “ tripla”. Nas cantorias da Bandeira de Vila Nova Não devem faltar os instrumentos seguintes: “o tambor de respostas”, especial para a cantoria da Bandeira; uma rabeca ou rebeca popular (nome popular de violino); e uma viola de afinação baixa.

Na igreja, reúnem-se os fiéis, foliões, encarregados e as moças que carregam as bandeiras para celebrarem a novena de saída da bandeira. Após a cantoria, os fiéis costumam beijar a bandeira e fazer a sua doação antes que ela parta para o peditório. Todos saem em cortejo, acompanhados da cantoria até a lagoa Mirim (Figura 18), onde as embarcações esperam para seguirem em procissão marítima até a comunidade de Praia Vermelha, município de Imaruí. Lá, são todos recebidos com fé e devoção e dão início ao peditório.

Figura 18 – Procissão do Divino Espírito Santo pelas águas da Lagoa do Mirim. Imbituba, SC. (Foto: J C Barreto e J de Melo, mirimontemehoje.blogspot.com.br)

O culto ao Espírito Santo tem sido associado aos descobrimentos e à expansão do Império português. A Região Autônoma dos Açores manteve cultos e práticas profundamente populares, totalmente enraizados no quotidiano e de origem portuguesa. Porventura o mais significativo de todos é a comemoração do Espírito Santo, em que se entrelaçam a mais nobre tradição cristã com a celebração da primavera, da vida, da solidariedade e da esperança.

Desde os primórdios do povoamento, o Espírito Santo entrou na toponímia ilhéus e serviu de titular a igrejas e capelas, independente dos impérios. O povo português, extremamente religioso, trouxe consigo a devoção ao Divino Espírito Santo à nova terra colonizada.

Em Santa Catarina esta devoção pode ser constatada em qualquer festa em louvor ao Divino Espírito Santo. Entre os fiéis há a crença que, quem tocar a bandeira e beijá-la, receberá uma graça do Espírito Santo.

Para discorrer sobre este culto do estado de Santa Catarina, é preciso voltar ao século XVIII, pois foi com a chegada dos primeiros açorianos ao Brasil Meridional (1748/1756) que esta tradição começou a ser praticada. É claro que durante este tempo sofreu influências de várias outras etnias que se estabeleceram em Santa Catarina incorporando novos elementos. Mas pode-se constatar que, apesar de tudo isto permanece praticamente inalterada, preservando os símbolos e elementos do culto ao Divino Espírito Santo desde que foi instituída.

5 ANÁLISE DO *CORPUS*

5.1 Análise dos Topônimos

A Tabela 4, que apresenta o *corpus,* está sistematizada de acordo com os nomes dos três distritos que compõe o município de Imbituba, SC. O recorte do *corpus* foi definido a partir da localização das 12 lagoas que existem no município e seus respectivos bairros. O *corpus* é composto por 77 topônimos. Destes, 30 se aplicam aos bairros, 16 ao curso d'água, 2 pontes, 1 córrego, 1 sítio arqueológico, 3 campo de futebol, 1 estrada de ferro, 3 igrejas, 3 loteamentos, 8 morros, 3 praças, 1 porto, 1 museu, 2 trilhas,1 caixa d´águae uma capela.

Tabela 4 - Relação dos Acidentes Físicos e Antropoculturais do Município de Imbituba, de seus Topônimos e suas Taxionomias.

	Tôponimo	Tipo	Etimologia	Classificação	Localização
1	Imbituba	A.F./Distrito	Tupi	Fitotopônimo	Sede/Centro
2	Vila Alvorada	A.H./Bairro	Port.	Poliotopônimo	Sede
3	Ribanceira	A.F./Bairro	Port.	Geomorfotopônimo	Sede
4	Vila Nova Alvorada	A.H ./Bairro	Port.	Cronotopônimo	Sede
5	Vila Esperança	A.H./Bairro	Port.	Animotopônimo	Sede
6	Araçatuba	A.F./Bairro	Tupi	Fitotopônimo	Dist./Mirim
7	Barra da Ibiraquera	A.F./Bairro	Tupi	Fitotopônimo	Sede/Centro
8	Penha	A.F./Bairro	Port.	Litotopônimo	Dist./Mirim
9	Arroio	A.F./Bairro	Port.	Hidrotopônimo	Dist/Mirim
10	Sambaqui	A.F./Bairro	Tupi	Zootopônimo	Dist./Mirim
11	São Tomás	A.H./Bairro	Port.	Hagiotopônimo	Dist./Vila Nova
12	Alto Arroio	A.F./Bairro	Port.	Dimensiotopônimo	Dist./Mirim
13	Ibiraquera	A.F./Bairro	Tupi	Fitotopônimo	Dist./Mirim
14	Boa Vista	A.H./Bairro	Port.	Animotopônimo	Dist./Vila Nova
15	Roça Grande	A.F./Bairro	Port.	Fitotopônimo	Dist./Vila Nova
16	Nova Brasilia	A.H./Bairro	Port.	Cronotopônimo	Dist./Mirim
17	Mirim	A.F./Bairro	Tupi	Dimensiotopônimo	Distrito
18	Paes Leme	A.H./Bairro	Port.	Antropotopônimo	Sede/Centro
19	Guaiúba	A.F./Bairro	Tupi	Dimensiotopônimo	Dist./Vila Nova
20	Vila Santo Antonio	A.H./Bairro	Port.	Poliotopônimos	Dist./Vila Nova
21	Vila Nova	A.H./ Distrito	Port.	Poliotopônimos	Distrito
22	Campo da Aviação	A.H./Bairro	Port.	Hodotopônimo	Dist./Vila Nova
23	Itapirubá	A.F./Bairro	Tupi	Litotopônimo	Dist./Vila Nova

Continua

Continuação da Tabela 4

24	Campo D'Una	A.F./bairro	Port.	Fitotopônimo	Dist./Mirim
25	Campestre	A.F./bairro	Port.	Fitotopônimo	Dist./Mirim
26	Porto da Vila	A.H./ bairro	Port.	Geomorfotopônimo	Dist./Vila Nova
27	Sagrada Família	A.H./ bairro	Port.	Hierotopônimo	Dist./Vila Nova
28	Village	A.H./ bairro	Port.	Poliotopônimo	Sede/Centro
29	Morro do Mirim	A.F./bairro	Tupi	Dimensiotopônimo	Dist./Mirim
30	Arroio do Rosa	A.F./bairro	Port.	Geomorfotopônimo	Dist./Mirim
31	d'água	A.F./caixa	Port.	Hidrotopônimo	Sede/Centro
32	do Farol	A.H/Caminho	Port.	Hodotopônimo	Sede/Centro
33	do Rei	A.H/Caminho	Port.	Hodotopônimo	Dist./Mirim
34	da Bomba	A.F/lagoa	Port.	Hidrotopônimo	Sede/Centro
35	da Barra	A.F./lagoa	Port.	Geomorfotopônimo	Dist./Mirim
36	do Mirim	A.F./Lagoa	tupi	Dimensiotopônimo	Dist./ Mirim
37	do Piala	A.F./Lagoa	Port.	Antropotopônimo	Dist./Vila Nova
38	Doce	A.H./Lagoa	Port.	Animotopônimo	Dist./Mirim
39	do Saco	A.F./Lagoa	Port.	Hidrotopônimo	Dist./Mirim
40	do Timbé	A.F./Lagoa	Tupi	Geomorfotopônimo	Dist./Vila Nova
41	do Peri	A.F./Lagoa	Tupi	Hidrotopônimo	Dist./Mirim
42	do meio	A.F./Lagoa	Port.	Dimensiotopônimo	Dist./Mirim
43	da Araçatuba	A.F./Lagoa	Tupi	Fitotopônimo	Dist./Mirim
44	do Quintino	A.F./Lagoa	Port.	Antropotopônimo	Dist./Mirim
45	do Porto da Vila	A.F/ Lagoa	Port.	Geomorfotopônimo	Dist.Vila Nova
46	Cachoeira do Inácio	A.F./rio	Port.	Hidrotopônimo	Dist./Mirim
47	Rio D'Una	A.F./rio	Port.	Hidrotopônimo	Dist./Mirim
48	da Roça Grande	A.F./Córrego	Port.	Sociotopônimo	Dist./Vila Nova
49	da Araçatuba	A.F./Ponte	Tupi	Fitotopônimo	Dist./Mirim
50	do sambaqui	A.F./Balsa	Tupi	Zootopônimo	Dist./Mirim
51	do Sambaqui	Ponte	Tupi	Geomorfotopônimo	Dist./Mirim
52	Sambaqui	A.H./Sítio Arqueológico	Tupi	Ergotopônimo/ Historiotopônimo	Dist./Mirim
53	Sambaqui	A.H./Campo de Futebol	Tupi	Antropotopônimo	Dist./Mirim
54	Paes Leme	A.H./Campo de Futebol	Port.	Antropotopônimo	Sede/Centro
55	Campo da Aviação	A.H./Campo de futebol	Port.	Sociotopônimo	Dist./Vila Nova
56	de Ferro Tereza Cristina	A.H./Estrada	Port.	Hodotopônimo	Sede/Centro
57	de São Camilo e Madre Paulina	A.H./Igreja	Port.	Axiotopônimo	Sede/Centro
58	de Santa'Anna	A.H./Igreja	Port.	Hagiotopônimo	Dist./Mirim
59	de Santa'Ana	A.H./Igreja	Port.	Hagiotopônimo	Dist./Vila Nova
60	Concórdia	A.H./ Loteamento	Port.	Animotopônimo	Dist./Mirim
61	Vilage Poliana	A.H./ Loteamento	Port.	Poliotopônimo	Dist./Mirim
62	Santa Marta	A.H./ Loteamento	Port.	Hagiotopônimo	Dist./Mirim

Continua

Continuação da Tabela 4

63	da Penha	A.F./Morro	Port.	litotopônimo	Dist./Mirim
64	do Alto da Penha	A.F./Morro	Port.	Dimensiotopônimo	Dist./Mirim
65	do Areal	A.F./Morro	Port.	litotopônimo	Dist./Mirim
66	da Ibiraquera	A.F./Morro	Tupi	Geomorfotopônimo/ Fitotopônimo	Dist./Mirim
67	do Sambaqui	A.F./Morro	Tupi	Geomorfotopônimo	Dist./Mirim
68	das Ovelhas	A.F./Morro	Port.	Zootopônimo	Dist./Mirim
69	de Imbituba	A.F./Morro	Tupi	Geomorfotopônimo	Sede/Centro
70	do Mirim	A.F./Morro	Tupi	Dimensiotopônimo	Dist./Mirim
71	Henrique Lage	A.H./Praça	Port.	Antropotopônimo	Sede/Centro
72	Sant'Ana	A.H./Praça	Port.	Hagiotopônimo	Dist./Vila Nova
73	Sant'Ana do Mirim	A.H./Praça	Port.	Hagiotopônimo	Dist./Mirim
74	Henrique Lage	A.H./Porto	Port.	Antropotopônimo	Sede/Centro
75	do Porto	A.F./Museu	Port.	Geomorfotopônimo	Sede/Centro
76	Caminho do Rei	A.F./Trilha	Port.	Hodotopônimo	Dist./Mirim
77	de São Pedro	A.H./Capela	Port.	Hagiotopônimo	Sede/Centro

A.H. = acidente humano; A.F. = acidente físico; Port. = Português; Dist. = distrito

A Tabela 5 mostra a classificação, segundo a taxionomia sugerida por Dick (2004) que revelou o predomínio de *geomorfotopônimos* que representam 12,98% do total de nomes, seguidos por *fitotopônimos* (11,68%), *hidrotopônimos* (10,38%), *antropotopônimos* e *hagiotopônimos*, esses últimos com a mesma quantidade de eventos (9,09%), e os *litotopônimos*, *hodotopônimos* e *poliotopônimos* que possuem a mesma classificação (6,49%). As demais classes têm frequência baixa.

Tabela 5 - Classificação geral dos topônimos das Lagoas e do Município de Imbituba, SC.

Taxionomias de natureza física			**Taxionomia de natureza antropo-cultural**		
Classificação	**Qt**	**%**	**Classificação**	**Qt**	**%**
Astrotopônimos	-	-	Animotopônimos	04	5,19
Cardinotopônimos	-	-	Antropotopônimos	07	9,09
Cromotopônimos	-	-	Axiotopônimos	01	1,32
Dimensiotopônimos	07	9,09	Corotopônimos	-	-
Fitotopônimos	09	11,68	Cronotopônimos	02	2,59
Geomorfotopônimos	10	12,98	Ecotopônimos	-	-
Hidrotopônimos	08	10,38	Ergotopônimos	01	1,32
Litotopônimos	05	6,49	Etnotopônimos	-	-
Metereotopônimos	-	-	Dirrematopônimos	-	-
Morfotopônimos	-	-	Hierotopônimos	01	1,32
Zootopônimos	03	3,89	Hagiotopônimos	07	9,09
			Historiotopônimos	-	-
			Hodotopônimos	05	6,49
			Numerotopônimos	-	-
			Poliotopônimos	05	6,49
			Sociotopônimos	02	2,59
			Somatopônimos	-	-
Subtotal	42	54,51		35	45,49
Topônimos de natureza física				**42**	
Topônimos de natureza antropo-cultural				**35**	
Total				**77**	**100%**
Em estudo				**00**	

Qt = quantidade; % = porcento

Verifica-se que em Imbituba os nomes estão mais relacionados com as elevações e depressões do terreno, como as formações litorâneas (costa, cabo, porto, etc.)

Ao analisar a Tabela 5 de levantamento dos topônimos a princípio vê-se o nome Imbituba como a influência indígena perceptível na toponímia local. É um município que apresenta muitos nomes indígenas nos seus designativos como: Araçatuba, Barra da Ibiraquera, Sambaqui, Ibiraquera, Mirim, Guaiúba, Itapirubá, Morro do Mirim, Lagoa do Timbé, lagoa do Peri, lagoa da Araçatuba, ponte da Araçatuba, Balsa do Sambaqui, ponte do Sambaqui, sítio arqueológico do Sambaqui, Campo de futebol Sambaqui, morro do Sambaqui, morro da Imbituba, Morro do Mirim, Morro da Ibiraquera. A repetição do nome Sambaqui dá ênfase aos fatos, significa a importância do lugar, a importância do sambaqui. A partir da classificação dos topônimos para melhor apresentá-los estes foram agrupados de acordo com a apresentação do corpus na Tabela 4.

Quanto aos Nomes Mais Antigos

Itapirubá, Mirim e Sambaqui - conservam os designativos de origem tupi do nome dos bairros. Sabe-se que os nomes dos cursos d'água são os mais perenes de toda a história da humanidade. Acredita-se que houve uma intenção consciente em preservar o padrão de nomeação existente na região ao conservar os designativos mais antigos. Os topônimos de origem indígena refletem parte da formação étnica da população local constituída desde o início da colonização, ou, pode-se dizer, até antes da chegada dos portugueses e espanhóis. Esses topônimos são originais das tribos que habitavam aquela região como refere Dick (1990), e são verdadeiros "fósseis linguísticos".

Sampaio (1987 apud Dick, 1990 p.194), ao se referir à forma de nomeação de lugares por meio de Fitotopôniomos de origem indígena, afirma:

> "A geografia aqui reflete nas denominações dos lugares a característica vegetal de cada uma. Não é pois, de estranhar-se o frequente emprego de nomes de plantas, árvores. Para individuar um rio, um banhado, um vale, um povoado, uma serra, um acidente geográfico qualquer."

Por isso tem-se nessa região: Araçatuba, Timbé, Imbituba,lagoas carregadas de designativos de origem tupi do município.

O significado do topônimo **Vila Nova** é facilmente compreendido quando se conhece a história do município. Esse é um denominativo recorrente no início da história de Imbituba, nome da primeira terra dos povos açorianos, uma das mais antigas freguesias do Estado de Santa Catarina, que se estende, vinte anos depois, mais ao norte onde se localiza o Centro de Imbituba. O que se percebe é que a Vila Nova foi durante alguns anos o centro econômico, social e cultural do povoado. A partir de Vila Nova surgiram: Vila Alvorada, Vila Nova Alvorada, Vila Santo Antonio, Vila Esperança, Lagoa do porto da Vila, Village, Village Poliana. Village Poliana é um dos mais recentes loteamentos da cidade. Referência ao planejamento Urbanístico, a toponímia é planejada e sistematizada, lote a lote – Village.

Quanto a Situação Geográfica

Divinéia passou a ser Vila Alvorada e depois Vila Nova Alvorada. Os moradores locais lembram-se do "antes" e do "depois" da construção de um novo bairro, portanto, do ponto de vista da história oral, por um bom tempo este nome ficou na memória do povo. Um dos aspectos determinantes para a escolha dessa área foi justamente a dinâmica do novo, ou melhor, da transformação do espaço. (Divinéia - Vila Alvorada - Vila Nova Alvorada). O topônimo "Nova" justifica-se por causa dos estudos iniciais para a construção de um novo bairro.

Ao considerar o nome Divinéia este remete a Almeida (1998) que cita: "A lexicologia é um reflexo de modo de vida de um homem, de uma comunidade e torna-se porta voz da cultura característica deste povo." É através dela que espera-se mostrar um pouco do modo de ser do Brasileiro. Por exemplo, Vila Esperança é um nome atual de um município próspero. A denominação foi dada pelos próprios moradores da cidade e expressa o otimismo dos colonizadores, que tiveram muita dificuldade, o que originou primeira denominação do lugar - Divinéia.

A este respeito Dick (1997) refere:

> "Não é objetivo deste trabalho, porém, dissecar a estrutura dessa mancha urbana nova; apenas mostrar o acerto e a conveniência do conceito teórico relativo à toponimização dos elementos da paisagem e à utilização dos próprios referenciais ou marcadores linguísticos."

Quanto à dimensão, a idéia do pequeno ou grande pode vir expressa por meio de sufixos - ao (aumentativo), inho (diminutivo), ou de origem tupi referentes a pequeno (mirim) com as variantes -*im* e *i*; morro do Mirim.

Também há outros que foram classificados quanto à grandeza, posição geográfica de uma entidade qualquer como ocorre neste enunciado da língua que se toponimizaram:
Morro Penha - Morro da Penha
Morro Mirim - Morro do Mirim
Morro Alto Penha - Morro Alto da Penha

Observa-se também o topônimo Roça Grande : o termo específico “Grande” seria um indicativo do tamanho físico dessa roça, também em relação às outras roças.

Percebe-se também nos locativos, a utilização de nomes de animais, traços dos **zootopônimos.** Pode ser também analisada segundo duas orientações: uma cognitiva (objetiva), que indica a presença cotidiana de tais animais nas mediações dos acidentes referidos; outra afetiva (subjetiva), que propõe relações metafóricas de analogia, Morro das Ovelhas e enquanto que Balsa do Sambaqui, Bairro Sambaqui estão associados ao local sítio arqueológico dos índios guarani.

Um exemplo de baixa ocorrência são os **ergotopônimos:** encontra-se nessa classe um denominativo que também pode ser considerado historitopônimo. Sambaqui por causa do sítio arqueológico no local.

Ao verificar os **antropotopônimos** que compõe a região verifica-se que alguns moradores merecem destaque na toponímia local por vários motivos: Piala e Quintino; Apelido de família (Piala) esse prenome aparece no relato histórico. Ambos viveram nas proximidades das lagoas; a lagoa do Piala: É uma pequena lagoa que fica em Imbituba-SC, na localidade de Guaiúba, muito próximo à BR-101 e a estrada de ferro, e, ao sul, segundo depoimentos do sr. Pedro Jorge Soares, morador antigo que conhece profundamente a região, o nome "Piala" teria se originado de um apelido dado ao primeiro proprietário das terras que circundavam toda a Lagoa - sr. Antonio Pedro Carvalho - que gostava de cavalos e falava muito em apear (parar e

desmontar dos cavalos). O nome teria vindo desse termo, como relatou o entrevistado Lourenço Luiz Di Pietro (2011).

Outro exemplo é o nome da Lagoa do Quintino. A casa do Sr. Quintino casa foi construída próximo da lagoa e as pessoas para chegarem lá tinham que passar primeiro no seu Quintino para conversar, beber, segundo relato dos nativos. Existem outros **antropotopônimos** que participaram de todos eventos sociais e políticos que ocorreram na época. O Sr Antonio Paes Leme Superintendente (1967), migrou para Imbituba e o nome do Bairro carrega o seu nome no bojo (Paes Leme), inclusive ele se encontra enterrado no cemitério local da sede. Ao lado desses antropotopônimos, localiza-se outros que remetem aos primeiros desbravadores desta cidade, políticos e pessoas ilustres, no âmbito nacional, estadual e regional, com influência direta na história da cidade. que se repete várias vezes como homenagem. Henrique Lage, como página marcante na história de Imbituba fundou o porto de Imbituba, a praça Henrique Lage, a granja Henrique Lage, e a cerâmica Henrique Lage.

Outro nome de suma importância para a região foi Tereza Cristina, nome dado a uma estrada de ferro, e quem a nomeou foi o Visconde de Barbacena, fazendo valer seu trânsito pela Corte Imperial, conseguiu, em 1874, a concessão para a construção da ferrovia. Por intervenção do Imperador do Brasil, a ferrovia recebeu o nome de sua esposa, a Imperatriz Dona Teresa Cristina de Bourbon-Duas Sicílias. (Martins, 1975)

A construção se iniciou em 1880, pela empresa James Perry Co. A mão de obra empregada era em sua maioria de imigrantes italianos, que aportaram na região alguns anos antes. A estrada de ferro foi inaugurada em 1º de setembro de 1884, ao som da banda musical de Imaruí. (Martins, 1975)

Existem cinco **hodotopônimos**: Campo de Aviação, Caminho do Farol, Caminho do Rei, Estrada de Ferro Tereza Cristina, Trilha do Caminho do Rei. Esses topônimos remetem ao antigo campo, caminho que foi transformado. A construção desse sintagma, com o acréscimo de preposição ao substantivo, estabelece relação entre os campos semânticos dos dois signos: caminho e rei. Nesse sentido, a expressão do rei opera como uma locução adjetiva que descreve a característica do caminho e esta trilha Caminho do Rei remete à presença da família real que nomeou o lugar.

Quanto aos Nomes Religiosos

Segundo Guérios (1994, p.21) os nomes são criados sob o influxo religioso, político, histórico, etc. em circunstâncias variadas, e em que transparece viva a alma popular de todos os tempos e de todos os lugares. Os nomes de santos possuem esse aspecto. Os nomes das três igrejas enquadradas na taxionomia de hagiotopônimos são: Madre Paulina e São Camilo, Santa'Ana e Santa Marta. A primeira foi beatificada por causa de milagre ocorrido em Imbituba (1966) - a cura de uma senhora chamada Eluiza Rosa. A partir dessa cura Imbituba ficou conhecida como a terra do 1º milagre. Portanto comprova-se que o uso dos termos sagrados na igreja católica mostra, não só a visão do denominador, mas também a religiosidade. O grande número de topônimos das taxes de **hagiotopônimos,** nos acidentes Humanos, demonstra a fé com que a maioria das famílias dos povos açorianos tem a esses santos.

Dick (1980) esclarece ainda que: "Aqueles que envolvem nomes sagrados em geral e, especialmente, nomes de santos e santas da igreja católica, acusam uma frequência bastante alta na nomenclatura."

Quanto ao Campo Semântico

Algo curioso é o bairro Arroio do Rosa - tem todo um significado semântico. A princípio remete-se a um antrotopônimos dado ao sobrenome rosa, mas assim o designaram por causa do camarão que só tem nestas regiões chamado camarão rosa, por isso o nome do bairro.[2]

A Trilha do Caminho do Rei faz parte de uma lenda, de que diversos tesouros atravessaram a trilha que o Rei D. João VI percorreu quando esteve de passagem pela região. Ela leva a vários recantos, ainda hoje, preservada. A trilha do Caminho do Rei provavelmente é a mais conhecida da Praia do Rosa, uma vez que foi por

[2] No estado de Santa Catarina, a pesca do camarão rosa ocorre tanto no mar quanto nas lagoas Costeiras tais como a lagoa de Ibiraquera (Imbituba). As principais espécies capturadas são os camarões rosa (Farfantepenaeus paulensis e Fanfante penaeus brasiliensis) (NMD, 2003)
PASCO, Jesus Joselino Malpartida. - Delimitação da sobrevivência e Crescimento de Juvenis de Farfantepenaueus paulinsis (PEREZ-FARFANTE 1967) Cultivado em baixa densidade com vistas a um futuro Programa de Repovoamento na Lagoa de Ibiraquera - Dissertação de mestrado. Imbituba, Santa Catarina-SC Fpolis, 2005.

este caminho que o Rei de Portugal, D. João VI, passou quando veio ao Brasil visitar as fronteiras com a Espanha durante o tratado de Tordesilhas. Ela está localizada entre a vegetação atlântica, as dunas e os sambaquis.

Trilha da Pedra Branca - Situada na região da Encantada, é a que leva até Pedra Branca. Corta um pedaço preservado de Mata Atlântica, revelando um visual paradisíaco das praias. (http://dnadavibe.webnode.com.br/products/trilha-do-caminho-do-rei/, 2011)

Nesse contexto, o adjetivo 'doce', em Lagoa Doce, como designativo de nome de lagoa, configura um ato denominativo associatico subjetivo. Ao designar uma lagoa como doce, entende-se que houve a intenção de transferir temas contextuais do adjetivo (o que é doce é bom, o doce em relação ao amargo é mais agradável, etc.). Lagoa agradável, suave, tranquila, boa.

Quanto ao Campo Morfológico

Elementos específicos simples. Um só formante. Seja substantivo ou adjetivo. Podendo, contudo, ser acompanhado se sufixo: areal.

Topônimo composto ou elemento específico composto: É aquele que se apresenta com mais um elemento formador, de origens diversas entre si, do ponto de vista do conteúdo. Ex: Roça grande.

Há elementos indígenas de origem tupi que ocorrem para a formação de inúmeros compostos como Mirim (pequeno) e variantes tyba (sufixo coletivo) Ex: Imbityba, Imbituba.

Ao terminar a análise do *corpus* percebe-se o predomínio de muitos **geomorfotopônimos.** Estes nomes estão relacionados mais às elevações e depressões do terreno, como as formações litorâneas (costa, cabo, porto, etc..). Percebe-se, portanto, que os topônimos contribuíam muito com a construção da identidade de seus moradores. Assim, Imbituba resgata sua história, sua cultura e sua gente.

5.2 Análise das Taxionomias

É a partir da Tabela 5 que se obtém os resultados quanto a classificação dos topômimos. Este estudo de caso examina o *corpus*, em uma perspectiva sincrônica, isto é, os elementos lexicais que são considerados semanticamente, na realidade presente de suas significações. Há duas vertentes de classificações: uma reflete a percepção e o entendimento do ambiente considerado como físico (taxe de natureza física) e a outra social (taxe de natureza antropocultural).

Taxionomias de Natureza Física e Antropocultural: das lagoas, córregos e águas de Imbituba SC

Nesta região a taxionomia hidrotopônimos é a que apresenta maior quantidade de topônimos. Os hidrotopônimos perfazem sete ocorrências conforme mostra o Gráfico 1. Nos estudos topônimos as unidades lexicais que se referem a acidentes hidrográficos em geral, quando utilizadas para denominar acidentes físicos e acidentes antrópicos são denominadas hidrotopônimos.

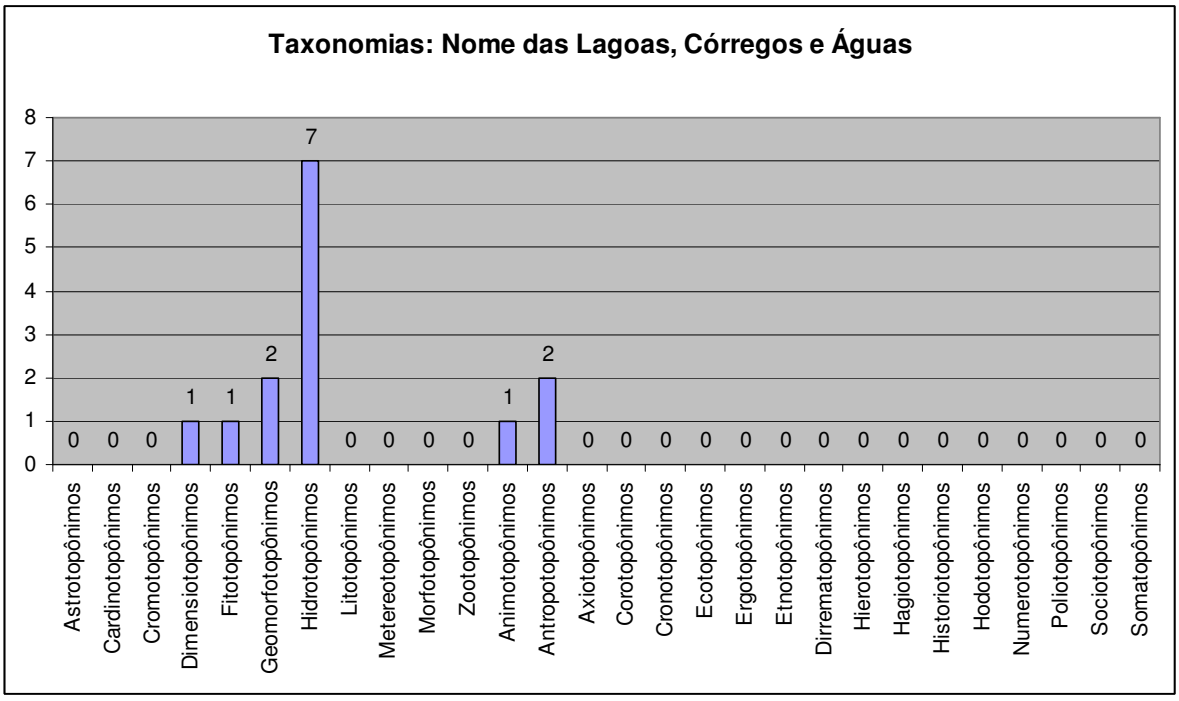


Gráfico 1: Total das taxionomias de natureza física e antropocultural do Município de Imbituba, SC.

Uma breve descrição das lagoas

As lagoas que compõe o município de Imbituba, num total de 12, estão inseridas no litoral catarinense, distante 90km da capital Florianópolis, integrando-se com outros municípios da região por meio da estrada BR-101 que se estende no sentido norte/sul do Estado de Santa Catarina, e para os variados ecossistema existentes na zona costeira. Estas lagoas foram analisadas em função das quatro maiores para enfatizar os recursos hídricos que elas possuem.

Lagoa do Mirim

O curso d'água do Mirim localiza-se no sudoeste do município, próximo a Imaruí. Os principais recursos hídricos da microbacia do Rio D'Una e a norte da lagoa do Mirim. O Rio D'Una coincide com o limite municipal entre Imbituba e Imaruí e apresenta direção norte-sul até desaguar na lagoa do Mirim. Segundo o mapa de usos do solo, nas margens do Rio D'Una predominam áreas ocupadas por atividades agrícolas. Próximo às margens da Lagoa do Mirim localiza-se uma área urbanizada, bem como atividades de extração mineral.

Lagoa de Itapirubá

O curso d'água de Itapirubá está localizado na zona leste-sudeste do município, esta microbacia tem como principal curso d'água a lagoa do Mirim. Possui 63,77km² de área, e seus contribuintes principais são os rios D'Una e Mané Chico. Esta lagoa possui formato alongado. Nas suas margens existem formações pioneiras de influência hídrica, áreas urbanizadas, pastagens e atividades agrícolas. Na parte nordeste da lagoa existe uma área com florestas que separa a lagoa da área urbanizada.

Segundo o enquadramento dos cursos de água de acordo com a Portaria Estadual nº 24 de 19 de setembro de 1979, as nascentes do Rio D'Una até a foz na Lagoa do Mirim pertencem à Classe 1. Sendo assim, os rios localizados nas microbacias hidrográficas do Rio Araçatuba e Mirim pertencem à Classe 1 e as demais bacias hidrográficas a Classe 2. (Brasil, 2011)

Os cursos d'água Classe 1, segundo a Portaria 24/79 que dispõe sobre a classificação dos corpos d'água (Brasil, 2011) podem ser destinadas: ao abastecimento para o consumo humano após tratamento simplificado; à proteção

das comunidades aquáticas; à recreação de contato primário, tais como natação, esqui aquático; à irrigação de hortaliças; e, à proteção das comunidades aquáticas em terras indígenas. E as demais, após tratamento convencional, servem para o abastecimento humano e à proteção das comunidades indígenas aquáticas.

Lagoa da Ibiraquera

O curso d'água da lagoa da Ibiraquera localiza-se na porção nordeste no município, próximo a Garopaba. O principal recurso hídrico da microbacia é a lagoa da Ibiraquera. Em suas margens ocorrem áreas urbanizadas, pastagens e áreas alagadas. Na área sul da microbacia existem areias e dunas.

Lagoa de Araçatuba

Localizada na área noroeste do município, esta microbacia tem como drenagem principal o Rio Araçatuba. Este rio apresenta direção nordeste quando atravessa Imbituba, até sua foz Rio D'una. Às margens do rio Araçatuba existem áreas ocupadas por agricultura, além de canais retificados de drenagem. Na área norte ocorre uma extensa área com floresta.

5.3 Modelo de Ficha Lexicográfico-Toponímica

Adotou-se o modelo de ficha elaborado por Dick (2004), pois é o mais adequado ao propósito da presente pesquisa, que é a análise das motivações toponímicas. Dos 77 topônimos constantes em no *corpus*, apresentaremos, a título de exemplificação, uma ficha lexicográfico–toponímica que é desenvolvida de forma detalhada: um topônimo que representa o município. As demais fichas, preparadas no contexto do presente estudo, constam de pasta separada para análise. Procurou-se, dessa forma, elucidar a importância do uso de fichas para a sistematização da pesquisa toponímica.

A ficha lexicográfico-toponímica (Quadro 1), como instrumento de transcrição do material coletado, é suporte para o levantamento da localização geográfica do topônimo, da sua estrutura morfo-lexical, das fontes bibliográficas, dos campos de motivação semântica pelas taxionomias, enfim, é mediante a classificação do

topônimo na ficha lexicográfica que o percurso da relação simbólica (lugar, nome e pessoa) ficará mais claro dentro do argumento enunciativo. O Quadro 2 mostra um exemplo de Ficha Lexicográfico-Toponímica preenchida.

Quadro 1 - Exemplo de Ficha Lexicográfico-Toponímica

<table>
<tr><td colspan="3">LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO:</td></tr>
<tr><td>TOPÔNIMO:</td><td>TIPO DE ACIDENTE:</td><td>TAXIONOMIA:</td></tr>
<tr><td colspan="3">ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</td></tr>
<tr><td colspan="3">ENTRADA LEXICAL:</td></tr>
<tr><td colspan="3">ETIMOLOGIA:</td></tr>
<tr><td colspan="3">HISTÓRICO:</td></tr>
<tr><td colspan="3"></td></tr>
<tr><td colspan="3">INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</td></tr>
<tr><td colspan="3"></td></tr>
<tr><td colspan="3">CONTEXTO:</td></tr>
<tr><td colspan="3">FONTE:</td></tr>
<tr><td colspan="2">PESQUISADOR:</td><td>REVISOR:</td></tr>
<tr><td colspan="3">DATA DA COLETA:</td></tr>
</table>

Quadro 2 - Exemplo Ficha Lexicográfico-Toponímica preenchida

<table>
<tr><td colspan="3">LOCALIZAÇÃO – MUNICÍPIO: Imbituba Zona Urbana</td></tr>
<tr><td>TOPÔNIMO: Imbituba</td><td>TIPO DE ACIDENTE: AH</td><td>TAXIONOMIA: Fitotopônimo</td></tr>
<tr><td colspan="3">ESTRUTURA MORFOLÓGICA: substantivo + sufixo</td></tr>
<tr><td colspan="3">ENTRADA LEXICAL: y-mbé, (imbé) a planta rasteira, trepadeira /tuba- Abundância, grande quantidade.</td></tr>
<tr><td colspan="3">ETIMOLOGIA: HISTÓRICO: O topônimo Imbituba provém do indígena Embetuba ou Imbituba que significa região com imensa quantidade de imbé, uma espécie de cipó escuro-roxo, muito resistente, usado para confecção de cordas. Esta alternativa toponímica consta do acervo de pesquisas dos historiadores Antenor Nascente e Teodoro Sampaio.</td></tr>
<tr><td colspan="3">HISTÓRICO:
Imbé, também denominada guaimbé, é uma palavra muito conhecida tanto pelo índio como pelos homens do mar, agricultores, construtores e jardineiros. Pertence à família das aráceas e os botânicos a denominam Philodendron Bipinhatifidum Schott. Suas folhas são majestosas e diversas vezes fendidas. Sua copa frondosa faz com que seja colocada entre as plantas ornamentais mais formosas.
Vive, de modo indiferente, no solo ou nas árvores. No último caso, emite, de cima, raízes adventícias que caem por espaços de muitos metros e penetram no chão. Ainda hoje, há grande quantidade de imbé no chamado Costão do Farol e nos morros de Ribanceira.
O imbé era aplicado, ainda, na indústria da pesca litorânea graças à resistência à água salgada, ao sol e à chuva. Existem historiadores que, baseados em pesquisas minuciosas, encontram outras variações etimológicas para o termo imbé, denominando-o como planta que rasteja, segundo descrição de Von Martius e a maioria dos entendidos. Outros autores interpretam diferentemente o nome imbé. Cristóvam de Mauricéia, por exemplo, afirma significar y-embé, ou seja, praia, orla de água. Esta interpretação é pouco provável porque o mesmo nome, somente trocando-se o b por v, é dado a um rio e a uma cidade da região serrana do Paraná, Imbituva. Aí só se pode referir à planta imbé e não aos cômoros de areia e orlas arenosas do litoral.</td></tr>
<tr><td colspan="3">INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: A casca do imbé é assaz procurada para confecção de cordas e substitui em muitos casos, com vantagem, o arame e diferentes fibras vegetais. Pode permanecer na água por mais de 50 anos sem apodrecer, Poe causa da quantidade extraordinária de tanino que possui, uma fibra adstringente que aperta os tecidos, comprimindo-os.
O imbé era aplicado ainda na indústria da pesca litorânea graças à resistência à água salgada, ao sol e à chuva. Portanto, Imbituba significa lugar onde há cipó em abundância.</td></tr>
<tr><td colspan="3">CONTEXTO: Pesquisamos a obra e entrevistamos o autor do livro</td></tr>
<tr><td colspan="3">FONTE: Livro; Imbituba-História e desenvolvimento-1ª Ed.Autor- Manoel de Oliveira Martins.Dicionário: Antonio Geral da Cunha – Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi.</td></tr>
<tr><td colspan="2">PESQUISADOR: Miriam</td><td>REVISOR: Dick</td></tr>
<tr><td colspan="3">DATA DA COLETA: pesquisa bibliográfica: 10/2010</td></tr>
</table>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta para os estudos toponímicos no município de Imbituba, SC, e o reconhecimento do seu caráter pluridisciplinar que este estudo alcança, mostram a importância que as pesquisas desta natureza possuem: além de envolver múltiplos saberes para a obtenção dos seus objetivos, contribui para a preservação do patrimônio toponomástico e cultural de uma região, de um povo.

Ao terminar a análise do *corpus* percebe-se o predomínio de muitos **geomorfotopônimos.** Estes nomes estão relacionados mais às elevações e depressões do terreno, como as formações litorâneas (costa, cabo, porto, etc.). Percebe-se, portanto, que em Imbituba as motivações toponímicas estão associadas ao ambiente natural propriamente dito e os demais topônimos presentes contribuem muito com a construção da identidade de seus moradores. Assim, a região imbitubense resgata sua história, sua cultura e sua gente.

Outros topônimos também em maior índice como nomes indígenas, possibilitam que uma parcela da história regional seja conservada e transmitida às gerações posteriores. Estes dados confirmam também as conclusões esboçadas na dissertação: de que a maioria dos topônimos brasileiros de origem tupi fazem referência semântica à fauna e a flora nativa e estão ligados a acidentes geográficos. Assim, dentre os Distritos de Imbituba pode-se constatar que quanto à interferência étnica na toponímia, há predominância da contribuição Tupi, na sequência alemã e depois portuguesa.

Os nomes de lugares com invocações religiosas aparecem muito nessa análise, pois são considerados hagiotopônimos. São taxionomias de natureza humana. O homem decide sob o aspecto cultural nomear sua própria localidade, relaciona-se com a necessidade de aproximar-se de elementos sacros, intervindo algum tipo de benção. Inclusive no litoral brasileiro pode-se encontrar o culto ao Divino Espiríto Santo desde o maranhão até o Rio Grande

do Sul, e para referir a este culto no Estado de Santa Catarina, ter-se-ia que voltar ao século XVIII, pois foi com a chegada dos primeiros açorianos ao Brasil Meridional (1748/1756) que esta tradição começa a ser praticada nessa região. Durante esse tempo todo sofreu várias influências de várias outras etnias que aqui se estabeleceram incorporando novos elementos, mas pode-se constatar que, apesar de tudo, permanece praticamente inalterada, preservando os símbolos (bandeira, pomba) e culto ao Divino Espírito Santo (missa, adoração) desde que foi instituída no século XIII.

Na continuidade da investigação feita no presente estudo, com o objetivo de uma melhor reflexão acerca da influência da colonização nessa região, observa-se também os designativos urbanos. Os aglomerados de hidrotopônimos, como são chamadas as lagoas, na pesquisa toponímica carregam grande valor histórico e documental. A análise, possibilita uma compreensão maior dos elementos identitários ali transmitidos

No processo de nomeação, o denominador retoma lexias do uso comum e as eterniza por meio da toponímia, à medida que escolhe entre todas as possibilidades disponíveis no sistema linguístico, nomes para representar a realidade que o circunda: nomes que caracterizam o ambiente físico-animal, plantas, acidentes hidrográficos – ou nomes que identificam aspectos sócio-culturais – elementos da cultura material, sentimentos religiosos, estados de espírito, entre outros.

Acredita-se, portanto, que mais este projeto toponímico, somado aos outros conseguirá motivar o início de novas pesquisas, que levarão à descoberta de nossa identidade, ou realidade, linguístico-cultural. Levando-se em consideração a dimensão territorial do Brasil, com características geo-linguísticas e sócio-histórico-culturais tão peculiares, ainda são poucos os estudos toponímicos empreendidos, de modo especial na região sul a maioria dos projetos com questões e preocupações vinculadas ao meio ambiente, e esse é de suma importância, mas via de regra é desvinculado da população que o habita.

De acordo com as discussões apresentadas é possível verificar o caráter interdisciplinar da Toponímia e o quanto é importante seu estudo e o seu

conhecimento como fonte de informações em todos os aspectos relacionados à localidade, como os níveis social, econômico e político. O estudo toponímico, portanto, pode trazer contribuições para as mais variadas áreas do saber humano.

Por fim, o presente estudo comprovou que as marcas extralinguísticas da toponímia foram relevantes para se chegar ao motivo subjacente nas denominações dos acidentes geográficos pesquisados; e, ainda, num plano geral, evidenciou a importância da língua como mecanismo de registro e de divulgação de aspectos socioculturais relacionados a um grupo, numa determinada região mostrando que o ambiente físico e o sociocultural se complementam, descrevendo e preservando as características e os valores da região litorânea Imbitubense e do homem que nela vive, ou viveu.

REFERÊNCIAS[1]

ADELINO, Antônio A. Projeto Ibiraquera, várias variantes lingüísticas. 1992. 24p. (Projeto de monografia).UNIVALE, Itajaí, 1992.

AGUIAR, R.L.S. (2006) - Os sambaquis. Disponível online em http://www.geocities.com/Athens/Acropolis/1217/sambaqui.html. Acessado em 14 de junho de 2006

ALMEIDA, Antonieta Carbonara de. O nome do lugar e a sua motivação cultural. Revista UEL. 1998

AVELAR, Maria de Lourdes Campos de. Ibiraquera: a história de um lugar... um movimento singular e universal. Dissertação de Mestrado em Educação: 1993. UFSC.

BACKHEUSER, Everardo. Toponímia. Suas regras. Sua evolução. In: Revista geográfica. Vol. IX, X (25). Instituto Pan-Americano de Geografia e História. 1952.

BARBOSA, M.; Buarque, A.; Gaspar, M.D.; Macário, K.D.; Anjos, R.M.; Gomes, P.R.S.; Coimbra, M.M. & Elmore, D. (2004) - Intermittent occupation of the sambaqui builder settlements in Rio de Janeiro State, Brazil. Nuclear Instruments and Methods in Physics Research Section B: Beam Interactions with Materials and Atoms 223-224:695-9.

BOITEX, Lucas Alexandre. Santa Catarina no século XVI.Florianópolis; IOESC

BRASIL. Agência Nacional de Águas. Atlas Abastecimento Urbano de Água. 2011 Disponível online em: http://atrals.ana.gov.br/atlas/forms/analise/Sistema.aspx?sis=1859&

CABRAL, Oswaldo Rodrigues: História de Santa Catarina, 2 ed. Rio de Janeiro: Laudes. 1970.

CAPRA, Fritjof. O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. 25ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

CARDOSO, Armando Levy. Toponímia Brasílica. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.

CARUSO, Mariléia M. L; CARUSO, Raimundo C. Mares e longínquos povos dos Açores. Florianópolis: Editora Insular/AGNUS, 1996.

CHEVALIER, Jean. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 19 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

[1] De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

CHMYZ, I. (2003) - Cemitério indígena. Sítios arqueológicos guarani e Itararé estão se perdendo por falta de cuidados específicos na preservação desta riqueza no litoral do Paraná. *Cidades do Brasil*, 44. Disponível online em http://cidadesdobrasil.com.br/cgi-cn.

CLAVAL , Paul. A Geografia cultural.Florianópolis:UFSC,1999

CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

DAUZAT, Albert. Les Noms de Lieux: origine et evolution. 2. ed. Paris: Liabraire Delagrave, 1928.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A Dinâmica dos Nomes da Cidade de São Paulo 1554-1897. São Paulo: ANNABLUME, 1996.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A Motivação toponímica e a realidade brasileira. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral, A Motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos. São Paulo: Tese (Doutorado) – USP. 1980.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A Parassinonímia nas Práticas Onomásticas. In. Cadernos do CNLF (Círculo Nacional de Lingüística e Filologia). Série IV, n. 10. Rio de Janeiro: p.30-40. 2001.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A língua de São Paulo, in Revista USP n. 63 – (p. 37-63) setembro, outubro e novembro de 2004

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Aspectos Etnolingüísticos da Toponímia Carioca e Paulistana: Contrastes e Confrontos. In Cadernos do CNLF (Círculo Nacional de Lingüística e Filologia). Rio de Janeiro: 2000. p.54-69

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e questões terminológicas na onomástica. Estudo de caso: O Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. In: Investigações. V.9. Recife, UFPE,1999

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. O Sistema Onomástico: Bases Lexicais e Terminológicas, Produção e Freqüência. In. As ciências do léxico. Campo Grande: 1998. p.77-89

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH, 1992.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos. 2ª ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas/USP, 1992.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Fundamentos teóricos da Toponímia. Estudo de caso: o projeto ATEMIG – Atlas toponímico do estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, M. C. C. de (org.) O léxico em estudo. Belo horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 91-117.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas Toponímico do Brasil: Teoria e Prática II. In: Revista Trama, Volume 3, Número 5, 1º semestre de 2007, p. 141-155.

DRUMOND, Carlos. Contribuição do Bororo à Toponímia Brasílica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1965.

DURVALINO, Pedro de Melo Filho. Porto de Dom Rodrigo. São Paulo. Grupo Editorial Scortecci, 2009.

FARIAS, Vilson F. de. Dos Açores ao Brasil Meridional: Uma viagem no tempo: 500 anos , Litoral Catarinense : Um livro para o ensino fundamental. 2 ed. Florianópolis: Ed do autor, 2000.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

FRANCISQUINI, I de A. O Nome e o Lugar, uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranaval. Londrina, 1998. Dissertação (mestrado) – UEL .

GAMBINI, Roberto Gambini. Espelho Índio: A formação da alma brasileira. Editora: Axis Mundi/Terceiro Nome. 2000.

GAPLAN. Atlas de Santa Catarina. Gabinete de Planejamento e Coordenação Geral, Rio de Janeiro 1986.

GOMES, Augusto. A alma da nossa gente: repositório de usos e costumes da Ilha Terceira, Açores. Artes Gráficas, 1993.

GONÇALVES, Teresinha M. O processo de apropriação do espaço através dos modos de morar e habitar o lugar (uma abordagem piso-sócio-ambiental do bairro Renascer/Mina Quatro de Criciúma – SC). 2002, 246p (Tese de Doutorado) – UFPR, Curitiba. 2002.

GREIMAS, A.J.; COURTÉS, J. Dicionário de Semiótica. São Paulo: Contexto, 2008.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. Dicionário etimológico de nome e sobrenomes. 4ª ed., São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1994.

GUIZZETTI, G.F Proyecciones Filosóficos de algumas teorias Etnolinguísticas Contemporâneos (4ª parte).Revista de Antropologia , 1957.

HERZMANN, Gabriel. As transformações no porto de Imbituba e seus reflexos urbano-regionais. Monografia. UFSC, 2005.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da língua portuguesa; elaborado pelo Instituto Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IMEDIATA (2006) – Sambaqui. Disponível online em: http://www.imediata.com/sambaqui/. Acessado em 14 de junho de 2006

INEMA (2006) – Disponível online em http://inema.com.br/mat/idmat007412.htm. Acessado em 16 de junho de 2006

ISQUERDO, A.N. O fato Linguístico como recorte da realidade sócio-cultural. São Paulo: 1996.Tese (Doutorado)- Universidade Estadual Paulista

JERÔNIMO, Nadir Teixeira. Programa De Pós-Graduação Em Ciências Ambientais (Mestrado). Universidade do Extremo Sul Catarinense. 2007

LAGO, Mara C. de S. Modos de vida e identidade: sujeitos no processo de urbanização da ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.

LIMA, I.A. de. A motivação religiosa dos topônimos paranaenses. In: Estudos Linguísticos- XLV Seminário do Gel.Campinas: UNICAMP, 1997

LINO, Jaisson Teixeira. Dos pescadores-coletores aos horticultores: um breve panorama das primeiras ocupações do litoral sul-catarinense. Revista do Curso de História Tempos Acadêmicos. UNESC, n.1, p. 43-56, 2003.

LYONS, John. Introdução à Lingüística Teórica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1972

MALDONADO, Simone C. Pescadores do Mar. São Paulo: Ática, 1986.

MARTINS, Almir. De Imbé a Imbituba. 1 ed. Imbituba. Editora Lex Graf. Ltda. Imbituba. SC, 1998.

MARTINS, Almir. História de Santa Catarina – Cultura e Folclore. Editora Lex Graf Ltda. 2003.

MARTINS, Almir. Romanceiro Açoriano. 1 ed. Imbituba . Editora Lex Graf. Ltda. Imbituba SC, 1995.

MARTINS, Manoel de O. Imbituba: História e Desenvolvimento. Criciúma: Editora e Gráfica Ribeiro, 1978.

MASUCCI, Oberdan. Dicionário Tupi Português e vice-versa. São Paulo: Brasilivros Editora e Distribuidora Ltda, 1978.

MELO, Filho Durvalino. Pedro de- Porto Dom Rodrigo -Uma História do Brasil Meridional. Ed. Scortecci. 2009

MORIN, Edgar. A humanidade da humanidade: a identidade humana. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MOSSIMANN, João Carlos.Porto dos patos.Florianópolis: Ed. Do Autor,. 2002

MUSEU DA BALEIA FRANCA. História da Pesca da Baleia em Imbituba, SC Disponível online em: http://www.tempreguicanao.com.br. Acessado em 2011.

NEU, Márcia Fernandes Rosa. 3RUWR GH ,PELWXED6&: de armação baleeira a porto carbonífero – da gênese à crise. Florianópolis: (Dissertação de mestrado). CFH/UFSC, 1999.

OLIVEIRA, Cêurio de. Dicionário Cartográfico. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.

POL, Enric. Cognición, representación y apropiación del espacio. Barcelona: Universitat Barcelona Publicacions, (s.d.)

PREFEITURA MUNICIPAL DE IMBITUBA SC. Mapa de Imbituba. Disponível online em: <http://www.imbituba.sc.gov.br>. 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IMBITUBA. Mapa hidrográfico de Imbituba, SC. 2005

PREFEITURA MUNICIPAL DE IMBITUBA. Plano Diretor Sustentável de Imbituba, 2010.

PROSHANSKI, H. M. Appropiation et non appropriation de l'espace. 1976.

RIBEIRO, Carlos Alberto Campello. Henrique Lage e a companhia nacional de navegação Costeira: a história da Empresa e a sua Inserção social. Tese de Doutorado, 2007

ROSTAING, Charles. Les noms de Lieux.Paris: Press Universitaires de France, 1969

SACHET, Celestino. Santa Catarina: 100 anos de história. Florianópolis: Século Catarinense, 1997.

SAMPAIO. Teodoro. O Tupi na Geografia Nacional. 5 ed. São Paulo: Ed. Nacional. 1987.

SANTA CATARINA Projetos Disponível online em: http://www.institutocidadania.org.br/HTML/pcn_edicoes_santacatarina_estado.html Acessado em 2011.

SANTOS, Silvio Coelho. Índios e Brancos no Sul do Brasil. 2.ed.Porto Alegre: Editora Movimento, 1995.

SANTOS, Milton. O espaço do cidadão, 5ª ed.São Paulo: Studio Nobel, 2000

SAPIR, Edward. Lingüística como Ciência: ensaios. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, (Filologia e Lingüística; v. 1), 1961.

SAUSSURE, Ferdinand. Curso de Lingüística Geral. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

SAUSSURE, F. Course in General Linguistics (W. Baskin, Trans.). New York: The Philosophical Library, 1959.

SOUSA, A.M. de Desbravando a Amazônia Ocidental Brasileira:estudos toponímico de acidentes humanos e físicos acreanos.Fortaleza, Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará, 2007, 120p.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo.Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes disponível em http://www.cervantesvirtual.com/serve obras -acesso 08 des.2011.

VASCONCELOS, José Leite de. Antroponímia portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

VASCONCELOS, José Leite de. Opúsculos – vol. III: Onomatologia. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

VILELA, Luiz: Estudos de lexicologia do português. Coimbra: Almedina.1994

ZUMBLICK, Walter - Tereza Cristina: A Ferrovia do Carvão. Editora da UFSC, Florianópolis-SC, 1987.

MORADORES DE IMBITUBA, SC ENTREVISTADOS

SILVEIRA, Leonardo Junior. Entrevistado em 2011.

DI PIETRO, Lourenço Luiz. Entrevistado em 2012. Fez algumas fotos.

SANTOS, Ary. Entrevistado em 2011.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas Toponímico do Brasil: Interpretação dos Eixos Municipais e a Taxionomia Toponímica. (no prelo)

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Etnia e Etnicidade. Um outro modo de nomear. Projeto ATESP/ATB. (no prelo)

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Names as Ideological Markers. A Case Study: the Project ATESP. (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo - Toponymic Atlas of São Paulo State). In. Acta Semiótica et linguística; v. 9. São Paulo: Plêiade, 2003. p. 139-156

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e Questões Terminológicas na Onomástica. Estudo de Caso. O Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. In: Investigações, Lingüística e Teoria Literária, 9, p. 119-148. (s/d)

DIEGUES, Antônio C. Comunidades tradicionais e maneja dos recursos naturais da Mata Atlântica. São Paulo: NUPAUB - USP, 2000.

DIEGUES, Antônio C. Ecologia humana e planejamento em áreas costeiras. São Paulo: NUPAUB – USP, 1996.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A Projeção Léxico-Cultural na Onomástica. Revista Instituto Estudos Brasileiros. São Paulo. p. 161-2. 1996.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Identidade Científica, Objeto, Métodos, Campos de Atuação. In: II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica. Anais. Brasília, CNPq. União Latina, 1990.

BARROS, Lídia Almeida. Curso Básico de Terminologia. São Paulo: EDUSP, 2004 (Acadêmica; 54)

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário de Língua Portuguesa. 2.ed. rev. e aum. 32ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

JOLY, Fernand. A Cartografia. 11. ed. Campinas/SP: Papirus, 2008.

LONGO, Fernando (org.). São Bernardo do Campo – Terra de Oportunidades. São Bernardo do Campo. São Paulo. 2002.

LEMOS BARBOSA, Pe. A. Pequeno Vocabulário Tupi-Português. 3. ed. Livraria São José: Rio de Janeiro, 1967.

MASSIH, Adalby Abrahão. Fatos, Fontes, Vultos históricos de Imbituba. 3. Ed. Editora Lex Graf. LTDA Imbituba SC, 2010.

NEU, Márcia Fernandes Rosa.Porto de Imbituba: De armação Baleeira a Porto Carboníferop. Tubarão: Ed. UNISUL, 2003.

ROSA, A.L. (2006) - Pré-história em questão: um breve estudo sobre a arte rupestre em Florianópolis, no Nordeste e na região Amazônica. Disponível online em: http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=25

ULLMANN, Stephen. Semântica: uma introdução à ciência do significado. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

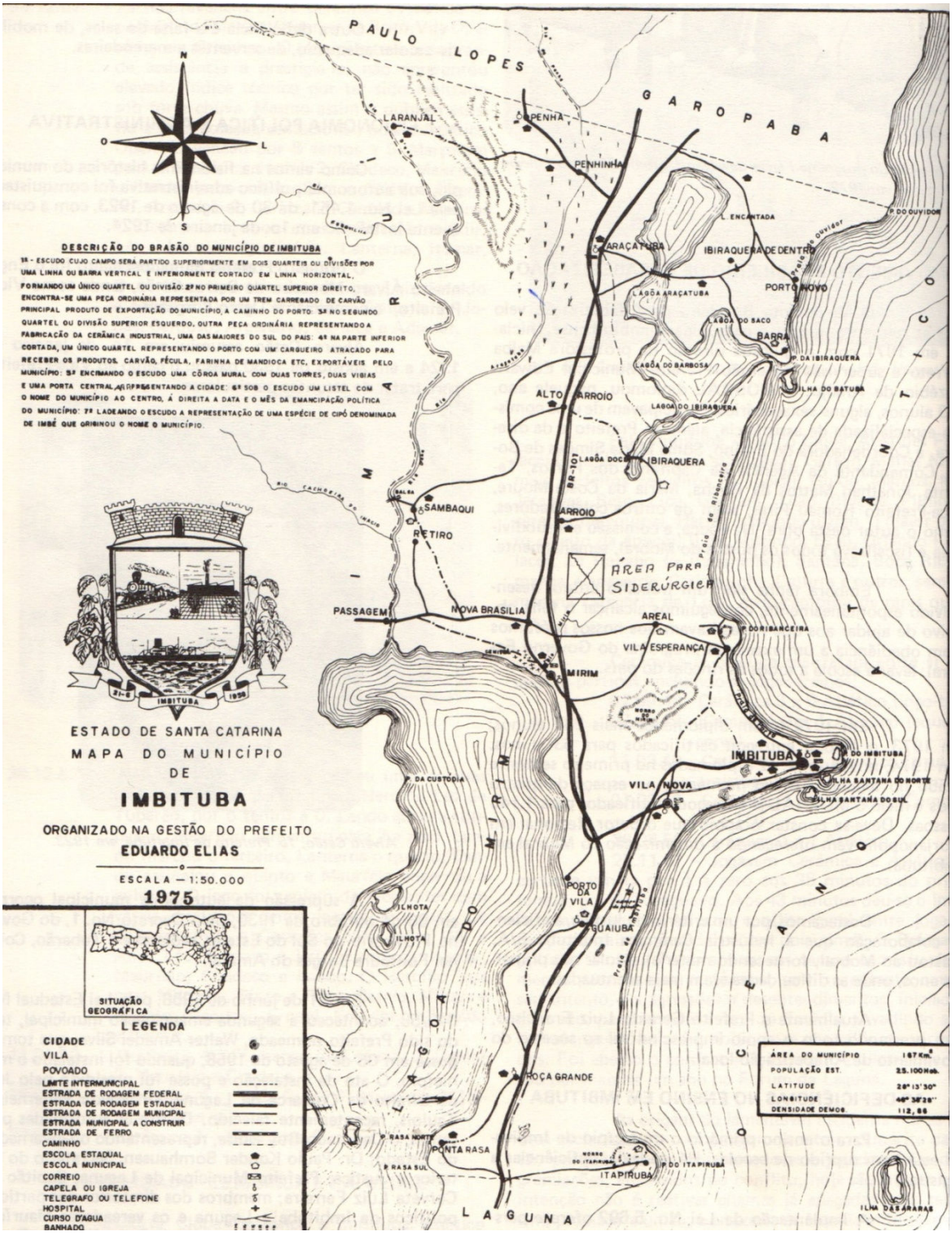
ANEXO A

DIVISÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA DO MUNICÍPIO DE IMBITUBA – SC

Fonte: SEPLAN (Setor de Planejamento Prefeitura Municipal de Imbituba SC, 2008)

ANEXO B

CARTOGRAMA DE IMBITUBA,SC



Fonte : Martins (1975)

ANEXO C
BOLETIM OFICIAL DE IMBITUBA, SC
COM A ESPECIFICAÇÃO DOS DISTRITOS E BAIRROS

DEZEMBRO DE 2006 - Nº 160

BOLETIM OFICIAL

ESTADO DE SANTA CATARINA
PREFEITURA MUNICIPAL DE IMBITUBA

CRIADO PELA LEI Nº1.006/89 DE 29/03/89

SUMÁRIO

Leis..... pg 01
Decretos..... pg 90
Portarias..... pg 98
Licitações..... pg 109
Balancetes..... pg 113
Camara de Vereadores..... pg 122

Lei nº 2.990/2006, 21 de novembro de 2006.

"Estabelece a divisão político-administrativa do Município de Imbituba e dá outras providências".

O PREFEITO MUNICIPAL DE IMBITUBA,

Faço saber que a Câmara Municipal de Vereadores de Imbituba aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A divisão político-administrativa do Município de Imbituba é constituída por Distritos, os quais se subdividem em bairros.

§ 1º Distrito é parte do território municipal, dividido para fins administrativos de circunscrição territorial e de jurisdição municipal, com denominação própria.

§ 2º Bairros são porções contínuas e contíguas do território dos Distritos, com denominação própria representando meras divisões geométricas daqueles.

Art. 2º O município de Imbituba subdivide-se nos seguintes Distritos:

I – Imbituba (sede);
II – Vila Nova;
III – Mirim.

§ 1º O Distrito de Imbituba (Sede) subdivide-se nos seguintes Bairros:

a) Centro (Sede do Distrito);
b) Paes Leme;
c) Village;
d) Vila Alvorada;
e) Ribanceira;
f) Vila Nova Alvorada;
g) Vila Esperança;
h) Barra de Ibiraquera.

§ 2º O Distrito de Vila Nova subdivide-se nos seguintes Bairros:

a) Vila Nova (Sede do Distrito);
b) Vila Santo Antônio;
c) Porto da Vila;
d) Sagrada Família;
e) Campo D' Aviação;
f) São Tomás;
g) Guaiúba;
h) Roça Grande;
i) Boa Vista;
j) Itapirubá.

§ 3º O Distrito de Mirim subdivide-se nos seguintes

IMBITUBA
Um Mar de Oportunidades

Prefeitura Municipal de Imbituba
José Roberto Martins
Prefeito Municipal

Cadir Garbeloto Cargnin
Chefe de Gabinete

Av. Dr. João Rimsa, 601 - Centro- C.P.D.71 -
CNPJ: 82.909.409/0001-90

Bairros:

a) Mirim (Sede do Distrito);
b) Morro do Mirim;
c) Campestre;
d) Nova Brasília;
e) Sambaqui;
f) Arroio;
g) Arroio do Rosa;
h) Alto Arroio;
i) Araçatuba;
j) Penha;
k) Ibiraquera;
l) Campo D'Una.

Art. 3º Ficam estabelecidas as divisões geométricas dos Distritos e Bairros, conforme delimitações estabelecidas nas plantas representadas nos Anexos I a XXXI, desta lei.

Parágrafo único. A descrição perimétrica e respectivas confrontações serão objeto de regulamentação pelo Chefe do Poder Executivo, através de Decreto, sob o comando da Lei nº 2.755,de 14-11-2005.

Art. 4º Fica o Chefe do Poder Executivo autorizado a proceder a fixação de marcos nos limites dos Distritos e Bairros, bem como, a adoção de sinalização identificadora das respectivas localidades.

Art. 5º A revisão das delimitações dos Distritos e Bairros poderá ser efetuada após 2 (dois) anos, contados da publicação desta Lei.

Art. 6º As despesas decorrentes da presente Lei correrão por conta de dotações orçamentárias próprias, ficando o Chefe do Poder Executivo autorizado a abrir suplementação orçamentária, se necessário for, a plena execução da mesma.

Art. 7º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Imbituba, 21 de novembro de 2006.

JOSÉ ROBERTO MARTINS
Prefeito Municipal

REGISTRE-SE E PUBLIQUE-SE.
Registrada, publicada e afixada no Mural de Atos do Poder Executivo Municipal em 21 de novembro de 2006.

JAISON CARDOSO DE SOUZA
Secretário Municipal de Administração

Lei nº 2.991/2006, 27 de novembro de 2006.

"Autoriza o Executivo Municipal a conceder auxílio financeiro à Associação Coral de Imbituba e dá outras providências".

O PREFEITO MUNICIPAL DE IMBITUBA,
Faço saber que a Câmara Municipal de Vereadores de Imbituba aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica o Chefe do Poder Executivo Municipal autorizado a conceder auxílio financeiro à Associação Coral de Imbituba, CNPJ nº 00.431.133/0001-12, no valor de até R$ 5.000,00 (cinco mil reais).

Art. 2º Fica a instituição obrigada a prestar contas com referência à aplicação dos recursos repassados pelo Poder Público Municipal, até 60 (sessenta) dias após o efetivo ao repasse.

Parágrafo único. A falta de prestação de contas referida neste artigo, implica em responsabilidade do representante legal da instituição, que deverá ressarcir o Município do valor repassado.

Art. 3º As despesas decorrentes da aplicação da presente Lei correrão à conta das dotações orçamentárias próprias do orçamento vigente, as quais sendo insuficientes poderão ser suplementadas através do Decreto do Chefe do Poder Executivo Municipal.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Imbituba, 27 de novembro de 2006.

JOSÉ ROBERTO MARTINS
Prefeito Municipal

REGISTRE-SE E PUBLIQUE-SE.
Registrada, publicada e afixada no Mural de Atos do Poder Executivo Municipal em 27 de novembro de 2006.

JAISON CARDOSO DE SOUZA
Secretário Municipal de Administração

Lei nº 2.992/2006, 27 de novembro de 2006.

"Autoriza o Executivo Municipal a conceder auxílio financeiro à Federação de Motonáutica e Motoaquática do Estado de Santa Catarina - FEMOAESC e dá outras providências".

O PREFEITO MUNICIPAL DE IMBITUBA,
Faço saber que a Câmara Municipal de Vereadores de Imbituba aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica o Chefe do Poder Executivo Municipal autorizado a conceder auxílio financeiro à Federação de Motonáutica e Motoaquática do Estado de Santa Catarina - FEMOAESC, CNPJ nº 04.472.730/0001-46, no valor de até R$ 25.000,00 (vinte e cinco mil reais), destinado, exclusivamente, ao pagamento de despesas para a realização do 8º Freeride World Championship – JET WAVES 2006, no período de 23 a 26 de novembro de 2006, no Canto da Praia da

...